

Universidade Federal do Para  
Instituto de Ciências da Arte  
Programa de Pós-Graduação em Artes

RAPHAELA MARQUES DE OLIVEIRA

**VER-O-PESO:**

poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
poesia

em postais  
do[s] submundo[s]

Belém - PA

2014

RAPHAELA MARQUES DE OLIVEIRA

poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
em postais  
do[s] submundo[s]

ver-o-peso:

caderno de escritos e afetos apresentado à banca examinadora do PPGArtes - ICA/UFPA, como um dos requisitos à obtenção do título de Mestra em Artes, com orientação do professor anarco-sonhador Dr. Luizan Pinheiro e coorientação do pássaro-professor Dr. Miguel de Santa Brígida. Área de concentração: Artes.

Belém - PA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CPI),  
Biblioteca do PPGARTES /ICA, Belém – PA.

---

Oliveira, Raphaella Marques de, 1987.

ver-o-peso \_poesia em postais do[s] submundo[s] / Raphaella Marques de Oliveira, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Luizan Pinheiro; Coorientador Prof.Dr. Miguel de Santa Brígida.

130 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2014.

1. Poesia - Pará 2.Poesia – Ver-o-Peso 3. Palavra- imagem 4. Postal -. Ver-o-Peso II.Título

CDD. 23. Ed.808.19115

---

na versão impressa, a ficha catalográfica está no verso da página anterior [folha de rosto].



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos trinta (30) dias do mês de Junho do ano de dois mil e quatorze (2014), as dezoito (18) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência do orientador professor doutor Luizan Pinheiro da Costa ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de **Raphaella Marques de Oliveira**, intitulada: **Ver-o-Peso [:] \_poesia em postais do[s] submundos[s]**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Luizan Pinheiro da Costa, Miguel de Santa Brígida Junior (co-orientador), Luis Heleno Montoril Del Castilo (FALE/UFPa) e Rosane Maria Albino Steinbrenner (FACOM/UFPa). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa passou a palavra à mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente, com distinção, dada a recomendação de publicação integral da referida Dissertação. Esta aprovação do trabalho final pelos membros examinadores será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão, a presente ata foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 30 de Junho de 2014.

Prof. Dr. Luizan Pinheiro da Costa

Prof. Dr. Miguel de Santa Brígida Junior

Prof. Dr. Luis Heleno Montoril Del Castilo

Profa. Dra. Rosane Maria Albino Steinbrenner

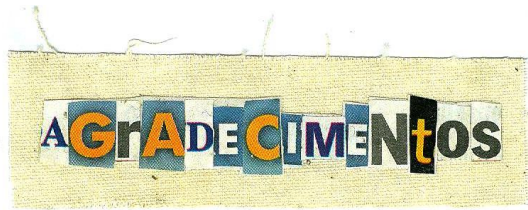
Raphaella Marques de Oliveira

Dos  
inventores do verbo,  
de pensamentos nômades,  
Estrangeiros de mundos,  
e turistas de si.

...e ao querido Gabriel García Márquez en memoria...

Cilene Nabiça: companheira de vida: cúmplice desviante.

...a Lucília, Fátima e Francisco; Marcia Costa;



# AGRADECIMENTOS

agradeço a todos os meus orientadores[:]

\_Cilene Nabiça . Raynéia Machado\_  
\_ Nanani Steinbrenner . Wlad Lima . Luís Heleno Montoril\_  
\_Miguel Santa Brígida . Luizan Pinheiro\_  
\_Marlise [Duga] Borges . Marcia Quintanilha . Elaine Nunes\_  
\_Yuri Moura . Vilson Vicente . Rebeka Monita\_  
\_Pedro Paulo Freitas . Daniela e Silma Sena\_  
\_Sandra Perlin . Bárbara Damas . Vanessa Simões . An[íssim]a Cláudia Costa\_  
\_Aderbal Maia . Joelson Muzenza . Juan Guimarães\_  
\_Bruno Costa . Ercy Souza . Fábio Limah . Francisco Weyl\_  
\_Mario Baratta . Gabriel Gaya . Abílio Dantas\_  
\_Wellington Romário . Lucas Gouvêa \_  
\_Elias e Rafael [Bar do Parque]. Germano [Bar do Horto]. Kaká [8bar]\_  
\_Sara Santos . José Oliveira . Vó, vô, Papa e tios\_  
\_Gabo, Mia, Mao e Ben\_

e a todos os meus confidentes do ver-o-peso  
que eternizaram nossos encontros  
numa memória que deságua  
fora de mim.

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
- c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
- d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação
- e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
- f) Como pegar na voz de um peixe
- g) Qual o lado da noite que umedece primeiro

etc

etc

etc

**c'est toujours avec des mondes que l'on fait l'amour**

[é sempre com mundos que fazemos amor]

GILLESDELEUZE

Desaprender oito horas por dia  
ensina os princípios.

[Manoel de Barros]



, esta pesquisa valoriza o acaso e os encontros cotidianos. a partir de uma experiência corpo[+]gráfica pelos labirintos do Complexo do Ver-o-Peso - maior feira livre da América Latina, localizada em Belém-PA e considerada cartão postal - encontro as pessoas e os lugares que não estão nos cartões postais da cidade, mas que constroem diariamente as narrativas sub\_escritas da história [!] artisticamente, o trabalho localiza-se no tempo da poesia e constitui uma coleção de crônicas feitas a partir das experiências estéticas vivenciadas no Ver-o-Peso. [além de uma escrita intuitiva, inspirada por obras de poetas brasileiros, locais e nacionais]. cientificamente, atravessa os campos da Arte, Filosofia e Comunicação e compila metodologias, sendo ao mesmo tempo uma poética autoetnográfica e uma corpografia rizomática poética.[:] juntas, arteciência, fazem deste caderno de afetos uma reunião de escritos e colagens do mundo sub\_escrito do ver-o-peso, do resultado dos encontros com as pessoas de lá: do submundo. o que dizem e não dizem estampam postais poético-narrativos.

**palavras e chaves:** ver-o-peso;  
poesia;  
postal;  
submundo;  
palavraimagem/palavrimagem

, this research value the hazard and daily meetings. motivated by an biographical experience through the labyrinths of Ver-o-peso - the biggest free market of Latin America, located in city of Belém and regarded as a great landmarks - there I' ve been met persons who aren' t live in landmarks, but makes daily the narratives behind of history [!] artistically, this paper is situated as a work of poetry and form a collection of articles about the esthetics experiences lived in Ver-o-Peso. [this also a intuitive work inspiraded by brasilians poet]. scientifically, it cross the fields of Arts, Philoshophy and Communication Research and use ethnographic methodogies and the rhizome, the philosophical concept. [:] together, Art and Science, makes this notebook an reunion of words written under the officials narratives about Ver-o-Peso. what they say and not say print poetic narrative cards.

**words & keys:** ver-o-peso;  
poetry,  
postal;  
underworld;  
word-image/wordimage



# Sumário

...resmungos de rio - escritos sobre o ver-o-peso: ..... 10

: ver-o-peso[:]  
: poesia em postais...  
... do[s] submundo[s]

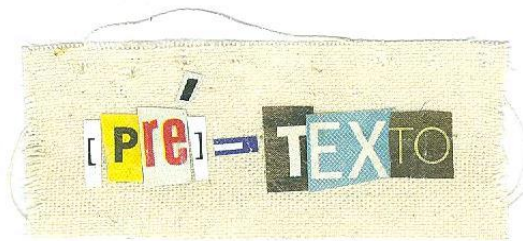
capítulo zero | ver-o-peso ..... 26

Luiz | somos chamados pelas palavras, cores, desenhos, imagens e sons  
Antônia | entre cios, cicios e cerceios que  
Peri | oceanalinguagemultidão nos  
Lady Preta | red roses for a **black** lady pro  
Eliete | chuva no piquenique curam  
Amizade | esporte fino confortável  
Maria | não existe amor em Gotham City  
Poliana e Marília | [re]conformópolis  
Poliana | [des]conformópolis  
Poliana | conformópolis  
Seu Fulano | a cidade não mora mais em mim  
Pastor | avante  
Pivete | cantiga para ninar insones  
Cb Rayssa e Cb Ruiz | na vertigem do dia

Viragem ..... 10

: ver-o-peso[:]  
: poesia em postais...  
... do[s] submundo[s]

bloco de notas ..... OuT



este é um trabalho injusto.

disseram a mim, equivocadamente, quando me aventurei a entrar no campo das artes, que seria difícil a uma jornalista entender do que não é objetivo. ingressei no mestrado - em artes - e continuei a atrever-me.

queria o[s] submundo[s], e a poesia.

aventura ou atrevimento, não sei.

o que sei é que a injustiça fui eu mesma quem criou ao dizer que este caderno de afetos é de minha autoria.

este é um trabalho injusto. [quase] nada nele é meu.

as palavras são de minhas principais referências - as pessoas do submundo.

as imagens, você, leitor, irá criar ao ler as vozes narradas nos fragmentos que seguem.

a poesia, de todos que sentirem ao fazer a leitura.

este é um trabalho injusto

porque não tenho asas -

poesia é voar fora da asa

Manoel de Barros iniciando o voo

Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
- utilize o que tiver sobrado do caldo coado  
- resultante dos pezinhos de porco ou boi  
[tal como preparados nas receitas de mocotó à  
portuguesa ou...  
chispe, com feijão branco.]  
- para cinco conchas de caldo, utilize[:] \_vou repetir:  
para cinco conchas de caldo, utilize[:]  
- oito doses de água ardente; dua colhês de sopa de  
caldo coado de limão[;] \_vou repetir:  
[:]  
- oito doses de água ardente; duas colheres de sopa de  
caldo coado com limão;  
- uma colher de café de caldo de pimenta;  
- e sal, hein...  
- misture a água ardente com o caldo de limão e com o  
caldo de pimenta  
- acrescente o caldo de mocotó fervente  
- prove o sal  
- prooove o sal!

- sirva em canequinhas enquanto está bem quente, caso  
contrário o caldo começará a colar  
- caso contrário, o caldo começará a colar [!]  
- sirva com linguiça frita  
- sir-va com linguiça frita!  
Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
Batida\_de\_Mocotó [...]  
- sirva em canequinhas enquanto está bem quente, caso  
contrário o caldo começará a colar  
- caso contrário, o caldo começará a colar [!]  
- sirva com linguiça frita  
- sir-va com linguiça frita!

Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
---

Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
- utilize o que tiver sobrado do caldo coado  
- resultante dos pezinhos de porco ou boi  
[tal como preparados nas receitas de mocotó à  
portuguesa ou...  
chispe, com feijão branco.]  
- para cinco conchas de caldo, utilize[:] \_vou repetir:  
para cinco conchas de caldo, utilize[:]  
- oito doses de água ardente; dua colhês de sopa de  
caldo coado de limão[;] \_vou repetir:  
[:]  
- oito doses de água ardente; duas colheres de sopa de  
caldo coado com limão;  
- uma colher de café de caldo de pimenta;  
- e sal, hein...  
- misture a água ardente com o caldo de limão e com o  
caldo de pimenta  
- acrescente o caldo de mocotó fervente  
- prove o sal  
- prooove o sal!

- sirva em canequinhas enquanto está bem quente, caso  
contrário o caldo começará a colar  
- caso contrário, o caldo começará a colar [!]  
- sirva com linguiça frita  
- sir-va com linguiça frita!  
Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
Batida\_de\_Mocotó [...]  
- sirva em canequinhas enquanto está bem quente, caso  
contrário o caldo começará a colar  
- caso contrário, o caldo começará a colar [!]  
- sirva com linguiça frita  
- sir-va com linguiça frita!

Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
---

Batida\_de\_Mocotó [:]  
[oito porções, hein...]  
- utilize o que tiver sobrado do caldo coado  
- resultante dos pezinhos de porco ou boi  
[tal como preparados nas receitas de mocotó à  
portuguesa ou...  
chispe, com feijão branco.]  
- para cinco conchas de caldo, utilize[:] \_vou repetir:  
para cinco conchas de caldo, utilize[:]  
- oito doses de água ardente; dua colhês de sopa de  
caldo coado de limão[;] \_vou repetir:  
[:]  
- oito doses de água ardente; duas colheres de sopa de  
caldo coado com limão;

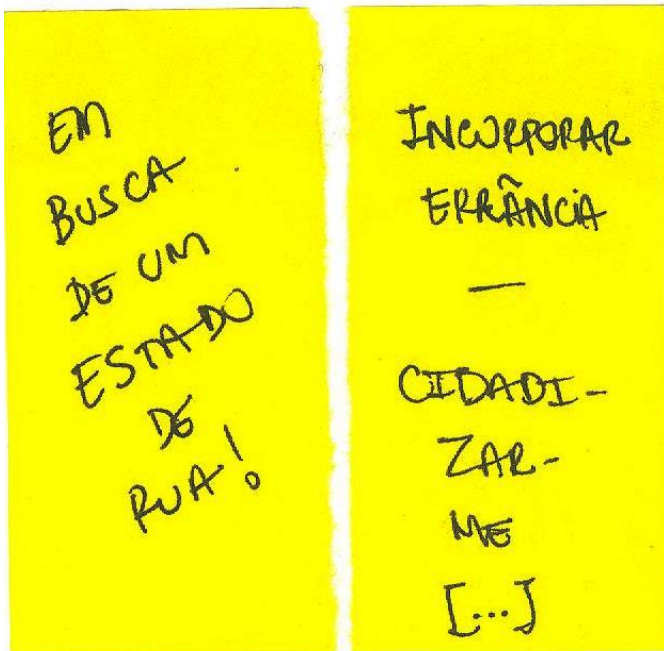
- utilize o que tiver sobrado do caldo coado  
- resultante dos pezinhos de porco ou boi  
[tal como preparados nas receitas de mocotó à  
portuguesa ou...  
chispe, com feijão branco.]  
- para cinco conchas de caldo, utilize[:] \_vou repetir:  
para cinco conchas de caldo, utilize[:]  
- oito doses de água ardente; dua colhês de sopa de  
caldo coado de limão[;] \_vou repetir:  
[:]  
- oito doses de água ardente; duas colheres de sopa de  
caldo coado com limão;

...resmungos de rio. escritos sobre o ver-o-peso:

...eu lisonjeio as palavras.  
e elas até me inventam. [...]  
então a gente sai a vadiar com elas  
por todos os cantos do idioma. [...]  
porque a gente não queria informar acontecimentos.  
nem contar episódios. nem fazer histórias.  
a gente só gostasse de fazer de conta.  
de inventar as coisas que aumentassem o nada.



*Manoel de Barros a dizer de um outro lugar*



o que me vê

e não [o] vejo e dialogamos.<sup>1</sup>

este caderno tem percorrido longos caminhos para um dia, talvez, tornar-se interessante. não à comunidade acadêmica. mas, principalmente, aos protagonistas dessas paragens – agentes provocadores – os indivíduos do Ver-o-Peso.

### **história**

esta ~~pesquisa~~ reside na percepção urbana e nos rumos a que fui levada. sem direção pré-determinada, tenho desconstruído meu olhar na investigação da cidade de Belém, no Pará. no esmiuçar, no desaprender da minha cidade. focos de memória, impacto social e belezas arquitetônicas vindas de um outro lugar. observando a massa anônima, da qual faço parte, busco acesso ao imaginário urbano. cega e impelida pelo movimento da vida, mergulho na fluidez das **pessoas** e dos **lugares de ninguém** –

narrativas que incorporam sobreposições + fragmentações + repetições + simultaneidade de tempo espaço. locais abandonados ou adoecidos<sup>2</sup>. detalhes silenciosos da urbe. \_transpor as fronteiras dos contatos humanos à distância – alargamento mútuo de limites. afinal, o que ~~respalda~~ **desenha** minha caminhada origina-se no interesse particular pelo submundo, e seus | devir | sujeitos.

especialmente aqui, retrato meu entendimento do fazer artístico desnudo de romantismo e construído coletivamente, e do ser humano enquanto *morada da arte*, e o meu olhar lançado sobre o Ver-o-Peso – considerada a maior feira ao ar livre da América Latina – percebendo-o como espaço de inspiração [a]estética. um fragmento caótico de belém. um dos meus **lugares de afeto na Cidade**.

exponho memória urbana inscrita no meu corpo. tropeço em não-raiz, entremeios sem placas de onde comece ou termine **a Vida a Cidade o Ver-o-Peso a Pesquisa**. e entrego-me à **poesia** porque, inevitavelmente, é por ela que me deixo corromper –

das grades do **branco** [assim natura] razão e *sina* fiam a sua

rasura ou arte<sup>3</sup>

<sup>1</sup> *Navegar por mim*. MARTINS, Max. Não para consolar. poesia completa. Belém: CEIUP, 1992, p.67

<sup>2</sup> CANTON, Katia. *Narrativas emesadas*. São Paulo: Wmf Martins Fontes 2009

<sup>3</sup> *Página do rosto*. MARTINS, Max. op. cit. p.139.



*explicar desde já ou deixar  
o entendimento rolar  
no fluxo da escrita*

Corpografia a grande questão do percurso tem sido compreender de forma  
Rizomática não verbal como as pessoas se inscrevem nos submundos do  
Poética Ver-o-Peso. o escondido urbano. da totalidade ao lugar,

completada pelo espaço do cidadão.<sup>4</sup> a partir de dentro deles, em um movimento ao avesso. percebendo seus espaços e seres. numa **querência estético-filosófica**. descobrindo dizeres representativos dos lugares simbólicos e dos movimentos compulsivos que emanam de seus corredores.

Postais Poético-Narrativos, cuspidos do cotidiano de recriação da

*decidir entre  
palavrainagem  
ou palavrimagem*

existência de cada ser. reflexo do testemunho de riquezas afetivas – experiência vivida e refletida por eles. \_o foco são as pessoas. por isso suas **narrativas** são transformadas em postais. \_as imagens são contadas. há desenhos apenas nas vozes. desenhos que você, leitor, poderá elaborar.

uma construção imagética particular. uma imagem impressa apenas na subjetividade do ser. Palavrainagem, umas vozes que procuram um *para-onde-ir* no grande labirinto da feira. uma obra de sentido aberto. um ... *para onde ontem não há nem amanhã agora*<sup>5</sup>

este caderno de escritos sobre o Ver-o-Peso conta da minha incorporação do acaso. do cheiro, torpor, desejo, magnetismo que me convidam a conhecer o [des]conhecido. percorrer o *impuro*, o que os outros não transpõem. entender que o saber e a compreensão das coisas independem da quantidade de informação que se conheça ou se obtenha. aceitar que no meio do meu vasculhamento emocional, sempre transbordo à beira do rio, entre uma *bebericagem* e uma boa história de alguém do ~~Ver-o-Peso~~ **Veropa**.

*dos fatos, debruçado na linguagem, vejo o rio passar,*

*eu passo e sinto o verbo ficar.<sup>6</sup>  
o verbo ficar  
o verbo ficar  
o verbo ficar*

<sup>4</sup> Alusão a títulos de dois livros de Milton Santos – SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2012 [2005]. / SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Edusp, 2012 [1987].

<sup>5</sup> *Santarasa*. *ibid.*, p.197.

<sup>6</sup> *Cântico XXVIII*. PAES LOUREIRO, J. J. Obras reunidas: Poesia. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000, p.76.



escrevo, aqui, um estatuto da intimidade. da minha com o rio, a cidade, o descobrir o outro. da dos outros com a feira, o trabalho informal, as valas, os ratos, as pixações, as vísceras de animais, os subempregos, as mandingas, a prostituição, os vícios. \_\_\_\_\_, escrevo no prazer que me assegura o desejo de revelar as **intimidades** desses outros mundos.

·  
·  
·  
**estar, entre estrelas e pedras, inter\_rompido.**

**resto de ervas, tempo, entre dentes.**

**detém-se a palavra-refém**

·  
·  
·  
**réstia.**<sup>7</sup>

misturando linguagens, que talvez consideradas incompatíveis. tenho em meu texto um espaço de fruição, confiado ao fato de que não procuro meu leitor, mas sei que ele **estar**, sem saber onde ele está. como num desejo estendido entre o ímpeto de ir à rua para o **enfrentamento estético-social-científico** e trazer à tona, na *escritura* de minhas percepções, a prova de que não a Filosofia, ou a Sociologia, ou a Estética, mas a Ciência das Fruições da Linguagem<sup>8</sup> é que me impulsiona.

**no sentido de existir e também inspirado no que Baudelaire dizia:**

**[:] ...a cidade é minha sala de estar [!]**

um texto não linear. uma escritora do ocaso. honestidade.

Nossa pesquisa, leitor: Uma dialética do desejo: Uma **imprevisão do desfrute**<sup>9</sup> -

<sup>7</sup> *Fazer com, fazer de.* CARVALHO, Age de. Seleta. Belém: Paka-Tatu, 2003, p.45.

<sup>8</sup> BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo, Perspectiva, 2010, p.11.

<sup>9</sup> ...a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma *imprevisão* do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. (BARTHES, op. cit., p. 9).



cabe dizer, ainda, que a intenção não é de ser científica por falta de sutileza, mas encontrar na **sensibilidade** meu movimento dentro da pesquisa. dançar com aquelas pessoas. e provocar coreografias entre a neblina. o desejar-ser. o poço. a indigência. o latejo. o transver. o desacontecido. o desnome. a zona de desuso. a passagem. \_ saber o valor das coisas imprestáveis<sup>10</sup>.

entre **lodo** pedras fundas **ferrugem**<sup>11</sup>

**delírios**

em proa, meus ~~procedimentos metodológicos~~ me levam. estar aberta aos **e. n. c. o. n. t. r. o. s**, compreendendo a passagem do filosófico para o poético na própria existência das pessoas \_a viragem de uns submundos\_ :TRANSTEMPO [...] no leme, as direções de Heidegger e Benedito Nunes, junto à marcação da Estética da Existência de Michel Foucault, e Benedicto Monteiro a nos dizer a velo[z-]cidade desta viagem.

e mais: elaborar este conhecimento a partir de um pensamento livre, lendo de forma autoetnográfica a realidade de bocas, boeiros, valas, becos, zonas, guetos, e tempos abstratos localizados no Ver-o-Peso.

**remos**

*quilhas*

**proas**

Rumos<sup>12</sup>

comigo, um pouco também sobre outros autores como PAOLAJACQUES, GILLESDELEUZE, FELIXGUATTARI, ROLANDBARTHES, MAXMARTINS, JOSÉILDONE, PAESLOUREIRO, AGEDECARVALHO, MANOELDEBARROS, PAULOLEMINSKI, CAIOFERNANDOABREU, FERREIRAGULLAR, ARNALDOANTUNES. Conosco, leitor, outros tão importantes quanto. trouxe para cá a Lady Preta, o Luiz, a Antônia das Calcinhas, o Amizade, o Seu Fulano, o Peri, a Eliete e suas ervas, a Maria, e tantos outros.

<sup>10</sup> BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996, p.27.

<sup>11</sup> *O píer, a escada ferida de Deus*. Ibid., 2003, p.55.

<sup>12</sup> *Cântico VIII*. Ibid., 2000, p.43.



uma apreensão estética que desvia do meu olhar cotidiano e pede o do outro.

**Postais Poético-Narrativos** revelados por várias percepções de mundo, escritos depois de alguma história ouvida no Ver-o-Peso. transcrições de cada narrativa sobrepostas às páginas de interpretação, estas feitas em forma de crônicas. MICROTXTOS interligando ciências da vida.

no caderno, a porta de entrada são estes **Resmungos**. os postais moram no **Capítulo Zero**, labirinto que marca ponto de chegada + partida da pesquisa. e numa parede imaginária com placas de saída, a **Viragem** – desconclusões que escancaram uma passagem do filosófico para o poético nas palavras que tenho reunido sobre a significação de um tal submundo.

ENTÃO, JÁ TEMOS:

1. ALGUMAS FOLHAS PARA MONTAR ESTE CADERNO;

2. EM DESORDEM: - O BECO,

- UMA **PESSOA SEM PENSA**<sup>13</sup>,

- UTENSÍLIOS OS MAIS VARIADOS,

- APELIDOS,

- BARCOS,

- CARROS,

- ANIMAIS,

- MULHERES,

- HOMENS E

- CRIANÇAS.



eu



MUNDOS ONDE:



SE MULHERIZAM,  
HOMINIZAM,



CRIANÇIZAM...

QUASE TUDO O QUE É PRECISO PARA SE PROVAR UM SUBMUNDO –

*e para transportar  
e ascender a: poesia,  
que fica<sup>14</sup>.*

<sup>13</sup> BARROS, Manoel de. O livro das Ignorâncias. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

<sup>14</sup> SR 559, Zurique. Ibid., p.65.







em 1977 o Ver-o-Peso foi tombado. características arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas com reconhecimento institucional<sup>18</sup>. ponto para o cartão-postal. o turista agradece [!] palácios, igrejas, casarios, docas de embarcações e fortificações, mercados e logradouros de influência europeia *envelhecendo sem dignidade. ruas antigas com seu tímido sorriso cariado*<sup>19</sup>.

A CANOA TRAZ O HOMEM  
 A CANOA TRAZ O PEIXE  
 A CANOA TEM UM NOME  
 NO MERCADO DEIXA O PEIXE  
 NO MERCADO ENCONTRA A FOME

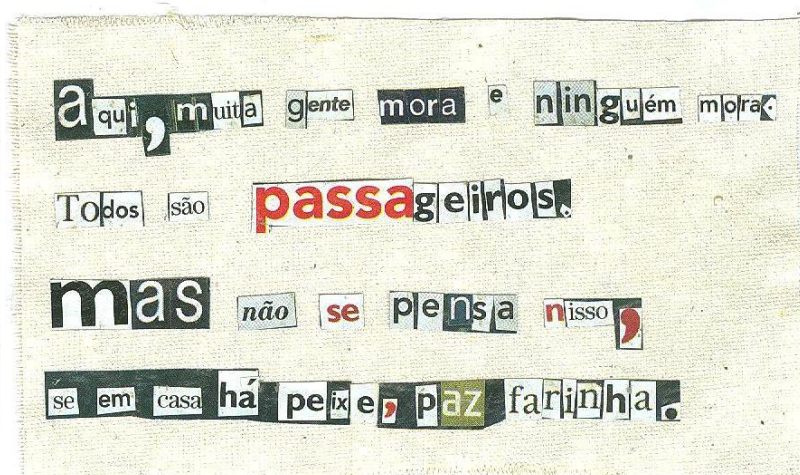
A BALANÇA PESA O PEIXE  
 A BALANÇA PESA O HOMEM  
 A BALANÇA PESA A FOME  
 A BALANÇA VENDE O HOMEM

VENDE O PEIXE  
 VENDE A FOME  
 VENDE E COME

A FOME VEM DE LONGE  
 NAS CANOAS VER O PESO

COME O PEIXE  
 O PEIXE COME - O HOMEM?

VER O PEIXE  
 VER O HOMEM  
 VERA MORTE  
 VERO PESO.



O RIO  
 É ESTE SABER  
 QUE O SER DESDE A NASCENÇA  
 ATÉ A DESEMBOCADA DURA  
 É PURA CONFIANÇA

O RIO  
 É UMA LENTA LUTA  
 CONTRA O HOMEM  
 QUE NÃO AMA ÚMIDAS VIÁGENS:  
 PARA ELE UM RIO  
 É SOMENTE ÁGUA  
 ENTRE DUAS MARGENS.

<sup>18</sup> tombamento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Ver-o-Peso e áreas adjacentes - incluindo o Mercado de Carne [ou Mercado Francisco Bolonha] e Mercado de Peixe, as feiras Livre e do Açaí, as praças do Relógio e do Pescador [ou Pedro II], a doca de embarcação, a ladeira do Castelo, o casario e o Boulevard Castilhos França - é reconhecido em Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Tombo Histórico; e Tombo das Belas Artes. importante destacar que a mesma área é tombada pelo Município de Belém, sob a denominação de Centro Histórico de Belém [tombamento este ocorrido apenas em 1994].

<sup>19</sup> *Ruas vazias*. Ibid., 2000, p.280-281.



**corpografia:** resultante de errância urbana

[ : experiência urbana em forma de microrresistência ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas = experiência corporal da cidade].

tipo de cartografia realizada pelo e NO corpo. memória urbana inscrita no corpo. registro de experiências da cidade grafadas no corpo. grafia da cidade vivida. grafia que se inscreve no corpo e também o configura. configuração do corpo de quem experimenta a cidade.

**rizoma:** EU -NÓS. vários nós.

nós-agirexperimentarpensar. agenciamentos. conexões a-significantes. escritura cartografável em por vir. experimentação ramificada em aproximações-diferenças. rupturas. múltiplos afetos com velocidades variáveis.

Corpografia

Rizomática

Poética

20

é tanta gente. tanto calor. tanto bate-palma. tanta intimidade. tanto apelido. \_tinha que ter mais de um nome, uá!<sup>21</sup>

– Desce mais uma cerveja! – Traz o camarão! – Olha que o sol tá indo! – E a terceira divisão? – Não, o meu Leão, não!

[e assim a gente vai anoitecendo no **Veropa**<sup>22</sup> ...]

<sup>20</sup> CORPOGRAFIA: colagem baseada na definição de Paola Berenstein Jacques. RIZOMÁTICA: refere-se a *rizoma*; colagem baseada nas conexões de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

<sup>21</sup> neste caderno utilizo dialetos como o *Manoelas* criado por Manoel de Barros [e batizado assim pelo próprio autor]; e o *Camaetaês*, típico do município de Camaeta, região do Baixo Tocantins, no Pará, Uá, segundo o Camaetaês: interjeição, equivalente a *fazer o quê?*

<sup>22</sup> Leão = Clube do Remo, um dos times mais tradicionais de Belém; protagoniza o principal embate do esporte local com o Paysandu Esporte Clube, seu rival. VEROPA: apelido dado ao Ver-o-Peso pela própria população.



alheio - contudo tão próximo. em ti busco a dor que me corrige\_ na tarde em um a um dos teus perigos\_ que reduzo em flor para meu uso particular, **estranho.**<sup>23</sup>

ao mais que longe de um simples ponto comercial ou mercado de bairro. está no centro da cidade. transfere ao plano simbólico o fato de ficar entre o centro e a campina<sup>24</sup>. e dividir a nova da cidade velha<sup>25</sup>.

O rio que eu sou não sei ou me perdi

por entre suas trilhas, dispersam-se os odores das comidas, dos animais, dos matos, das essências, dos ofícios, das madeiras, dos sons, das medicinas. rezingas de memória e patrimônio. [:] as famosas vendedoras de ervas. os trabalhadores informais e todo tipo de produto. os conhecedores dos inúmeros peixes da região. os pratos que combinam o açai a todo tipo de comida, típica ou não<sup>26</sup>\_

[...]

mas esta é uma busca por mundos além do que, e de quem, se vê.

[...]

<sup>23</sup> *O estranho*. Ibid., 1992, p.291.

<sup>24</sup> Centro [ou Comércio] e Campina são dois bairros da cidade de Belém que abrigam juntos o maior núcleo comercial/financeiro e cultural da cidade. No entanto, especificamente a palavra Campina é tratada neste artigo a partir de sua etimologia, para fazer referência *aquilo que não é povoado e é relativo ao campo*, em contrapartida à ideia de centro, como *lugar de maior movimento*.

<sup>25</sup> A contraposição de ideias entre *nova* e *cidade velha* nesse caso, diz respeito à divisão entre o bairro da Cidade Velha - o mais antigo de Belém, com casario antigo, e que está no entorno do Ver-o-Peso - e o restante da cidade, que se modernizou ao longo do tempo.

<sup>26</sup> Ver-o-Peso, dados oficiais: oito setores; 873 feirantes, cadastrados e ambulantes; 1320 barracas. Entre os corredores, a letra é outra: para os feirantes, eles são aproximadamente 1500. Reflexo do habitual conhecimento popular - ponta do *iceberg*. [Secretaria de Comércio da Prefeitura de Belém - SECOM e Comissão de Feirantes]. Ver também: LEITÃO, Wilma Marques (org.). Ver-o-Peso: estudos antropológicos do mercado de Belém, 2010.



Lama.

o-anti-cartão-postal-do-Ver-o-Peso.  
e, no entanto,

vida.

a vida mais original, porquenegada.<sup>27</sup>

cenar em trânsito + compartilhamento mútuo de atmosferas + espaços de sociabilidade que se materializam simultaneamente. VER-O-PESO. dentro da urbe, **um outro ambiente**. mais que relações comerciais diárias ou interações sociais temporárias. ali pessoas praticam seu ofício, passam o tempo, desdobram realidades. \_\_também é referência a fregueses de outros produtos. [...] há muitos modos de negociação nas tantas feiras ver-o-Peso. [a]Significantes[a]Significados[a]Significações. entorpecências -

: ~~poesia~~ em postais...

*[eu ando. e sou surpreendido por um verso ao dobrar nova esquina ...<sup>28</sup>] \_ quando o silêncio das coisas procura sua voz<sup>29</sup>...* vestígio de que o grito daqueles que tentam se apropriar de um lugar não está oculto. nele moram instabilidade e [in]quietude. nele: grito-silêncio. [...] a pulsação da cidade entregou-me às ondas sonoras de seus escondidos urbanos. ocultos. reclusos. despercebidos não-seres e não-lugares. no Ver-o-Peso encontro, então, os **desafetos da urbe** -

encontro porque os vejo.

: Percepção Leitura Interpretação \_\_em postais.

: Percepção Leitura Interpretação \_\_em poesia.

dimensão utópica, do texto. dimensão vital do cotidiano.

***[que mesmo estando  
no outro, à margem, à borda  
afirma-se esteticamente  
no próprio sentido  
de sua existência]***

<sup>27</sup> *Ver-o-Peso*. Ibid., 2000, p.282-283.

<sup>28</sup> *Ruas*. PAES LOUREIRO, João de Jesus. op. cit., p.227-228.

<sup>29</sup> *Casas Coloniais*. PAES LOUREIRO, J. J. op. cit., p.317-318.



liminaridades das pessoas de ninguém. LIMÍ-ARES. LimoCitadino. sem querer saber quem são | de onde vêm. em um jogo verbal imagético, alcançar a VOZ não dita de quem não conhecemos. não-realidades. Indizível Pessoal<sup>30</sup> de Cada-Um. propor um SIM\_

este é o próprio respirar da seda  
ou.a.arte [e a sede] de.se.dar **sedar-se...**<sup>31</sup>

Desejo [de vir]Sujeito Acontecimento Tempo Espaço Potência Corpografia  
Palavra Imagem Poesia Caos Rizoma. aproximar a teoria da vida. saber da hierarquização interna dos submundos. do tamanho das distâncias [intra e extra] sociais. de como são apropriados e habitados os seus ambientes. [-]

, rastrear o conflito pessoal de um para-onde-ir. conhecer a diversidade dos dias. ultrapassar a paisagem para chegar aos [a]significados<sup>32</sup>\_\_\_\_\_  
\_uma maneira de caminhar e um estado de vivência que delineiam a paisagem desta escritura.  
[,] na ilharga às outras tantas vozes que a compõem, e que delatam sua pluralização [:]  
- entrecruzamento dos passantes | entrelaçamento de percursos<sup>33</sup>.

sentir-me não-sendo tal qual aquele que me diz : absorver o estado de **enquando** do tempo atravessado das tantas sensações de lá : TempoSoturno: EfêmerasPaisagens : RegrasInternas : AmbientesFragmentados : Não-Linearidades : AtividadesSubterrâneas. deslimites de contatos humanos reduzidos ao imediatismo de relações de exploração<sup>34</sup>.

**enquanto + quando =  
sentido de espera e ao mesmo  
tempo incerteza do acontecimento**

<sup>30</sup> BARROS, Manoel de. Livro sobre nada. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

<sup>31</sup> *Espirais*. Ibid., 1992, p.52.

<sup>32</sup> SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997 [1988]. – com exceção da partícula [a]

<sup>33</sup> DE CERTAU, Michel. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1999. Vol.1. Artes de fazer, p.35-53.

<sup>34</sup> WACQUANT, Loïc J. D. A zona. In: BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2011, 177-201.



estrelas brilham no beco [...] muitos bebem a sua dose diária de melancolia [...] **somos à margem de tudo...**<sup>35</sup>

\_\_negar comovências de uma leitura miserabilista. desviar-me do espetáculo.  
\_\_recusar também uma leitura populista. declinar das virtudes do dominado<sup>36</sup>.

**quer olhar e dar voz ao que se mostra, mais que real**  
aqui, agora e sempre<sup>37</sup>

**ater-me no prazer de revelar o outro.** no que ele me diz, estampo novo postal.  
narrações abrem os caminhos da pesquisa. poesia em depoimentos transcritos,  
conversas de beira expostas no papel. UM POSTAL PARA CADA ALGUÉM ENCONTRADO  
NOS SUBMUNDOS DO VER-O-PESO + UMA CRÔNICA PARA INTERPRETAR CADA POSTAL.

... **do[s] submundo[s]**

[... *adentrando meu corpo inexistente feito de vapor, de medo, sem tudo*<sup>38</sup>] \_\_ o que seria um submundo? avesso. cultura ordinária. subsolo. cidade baixa. subterrâneo. subúrbio. periferia. região subalterna. área clandestina. zona. gueto. [?] neste **caderno trabalho**, o desejo de decifrá-lo emerge como fuga ao senso que marginaliza e invisibiliza qualquer | devir | sujeito que o construa. em uma tentativa de **abastecer o abandono**, talvez, procuro potências em cada vapor, decomposição, sonho, sombra, não-seres.

**\_intuir INC** reúno, ao mesmo tempo, o que penso ao que dizem  
**de forma ORPOR** pesquisadores, amigos de infância, confidentes de bar, familiares,  
**corporal ADA** colegas de trabalho. trago ao texto características específicas do Ver-o-Peso e relaciono-as às questões sociais que a tessitura da palavra carrega consigo. penso desconstruir estereótipos sobre os lugares e as pessoas de um submundo. revejo minhas considerações a todo momento e sinto-me em campo ininterruptamente... **work in process**

39

<sup>35</sup> Ibid., 2000, p.232, 233 e 234.

<sup>36</sup> Baseado em WACQUANT, Loïc J. D. *A zona*. In: BOURDIEU, Pierre. (Org.). Ibid., 177-201.

<sup>37</sup> *Cântico VI*. Ibid., 2000, p.38.

<sup>38</sup> *Arquitetura dos ossos*. Ibid., 2003, p.14-19.

<sup>39</sup> inspirado em Helio Oiticica. ver: JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.



...e tudo o que alcanço é o **risco subscrito**<sup>40</sup>. não falo de SUB como o que está abaixo, por critérios de geografia, classe econômica ou *status* social. falo do que está [sub-]escrito: subscrito. do que não dá para perceber nos cartões-postais da cidade, ou apreender numa rápida espiadela pela Feira, ou interpretar sem liberdade de pensamento. arriscado, bem sei\_\_

[...não obstante, tudo parecia normal].  
começo a *decompor-me* aos poucos.<sup>41</sup>

: afinal, a urbe em sua totalidade é fonte elementar de informação. seus pedaços são, portanto, informantes preciosos dos **desvãos e devires, urbanos e humanos**. tantos são os mundos que a compõem. |devir| sujeitos, inquietudes, solidões, berros e silencitudes. fuxicos e resmungos de esquinas.

mantenho-me atenta aos sinais da cidade, aos labirintos do ver-o-peso, ao que ouço e ao não verbal que leio. deixo-me seduzir. inevitável. permissividade que não me abandona. encontro submundos escancarados em minha frente. afloram-me as linguagens. encaro. e, prazerosamente, leio o não verbal não visível não transponível. Gozo-Cobiça.



<sup>40</sup> inspirado em título homônimo do livro de Max Martins, publicado em 1980.

<sup>41</sup> *Arquitetura dos ossos*. Ibid., 2003, p.16.





não é [só] meu e  
não é um \_objeto\_

SUBMUNDO. aqui está um tema que seja o compromisso político de meu objeto mais que palavra-chave nesta <sup>escritura</sup> ~~dissertação~~. ou lugar de negociação para um frequentador. ou ainda meu companheiro insone. [sedução barata nada criativa, é bem verdade que a única estratégia de vínculo entre este |sujeito| poético e você, leitor].

<sup>42</sup>  
...compassivo ir e vir: se dar a quem sedar-se inútil na [im]própria sombra  
...compassivo ir e vir: se dar a quem sedar-se inútil na [im]própria sombra  
...compassivo ir e vir: se dar a quem sedar-se inútil na [im]própria sombra  
...compassivo ir e vir: se dar a quem sedar-se inútil na [im]própria sombra  
...compassivo ir e vir: se dar a quem sedar-se inútil na [im]própria sombra

signos sentidos formas volumes movimentos<sup>43</sup>: o ver-o-peso enquanto espaço não verbal: traduzido em palavras escavadas de uma fumaça de linguagens subterrâneas: estampando em postais poético-narrativos a desinocência do verbo: sob a culpa do sem-rumo daqueles corredores: das entranhas ante-mundo: verborragia crônica com incidências virais dialética.  
LETAL -

o ser que em ser se gasta em fel afia, a ira do irreal contra o que sou,  
coisa real reinando entre visagens, maresias que são entre não-seres<sup>44</sup>

exatamente esse o respirar da pesquisa. É. seu mecanismo de oxigenação [?]: pesquisadora que encontra sujeito poético à margem do veropa. [repona]. \_\_em cada postal está um expirar de alguém. cada um me diz do seu submundo particular. \_\_nem mesmo o que penso, junto a outras percepções, me foi tão importante ao decifrar um submundo\_\_

<sup>42</sup> *Onanismo*. Ibid., 1992, p.58.

<sup>43</sup> "... a primeira chave de leitura da cidade enquanto espaço não verbal é a *recomposição*, isto é, acionar os signos com o fim de afetar os sentidos. Um reengendrar do espaço urbano para flagrar formas, volumes, movimentos. Um esquadrihar citadino para dar *relevo aos elementos* [...] uma exploração visual." (FERRARA, 1988, p.34).

<sup>44</sup> *Cântico II*. Em: PAES LOUREIRO, João de Jesus. op. cit., p.32.



na versão impressa, esta página traz um envelope de correspondência com quatro cartões-postais do Ver-o-Peso [exemplificados abaixo] contendo o conceito de cartão-postal a partir dos Correios e da Enciclopédia de Artes Visuais do Itaú Cultural.

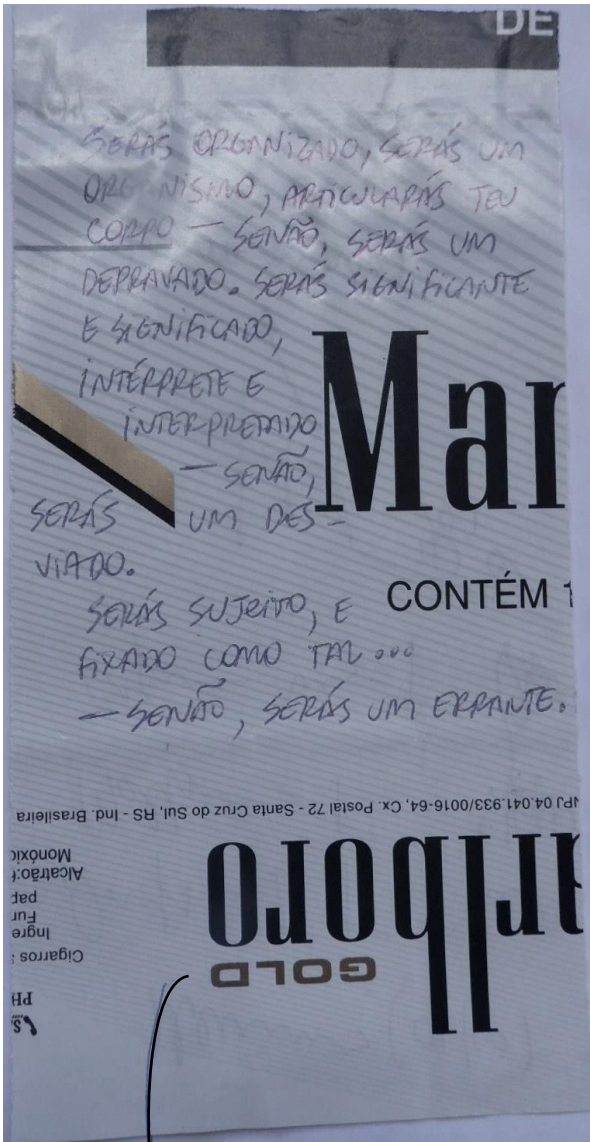


Remetente.....

Endereço .....

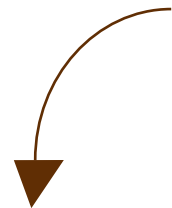
					-		
--	--	--	--	--	---	--	--





capítulo zero | **ver-o-peso**

aqui talvez não nos preocupemos muito com alguma resposta, pois o interessante está no ENTRE



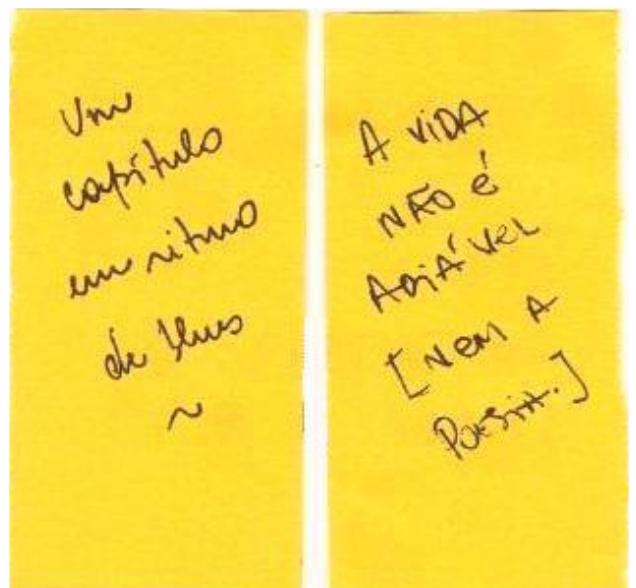
*pulsação de Líliana Lobo Ferreira*

[ENTRE NO:]



[Deleuze, intruso, ecoando. escoando.]

na versão impressa, há uma conta de bar discriminada no verso da embalagem de cigarro [acima digitalizada].



*tamo* há quatro meses aqui na feira livre,  
mas já *trabalhamo* vendendo comida lá  
na Feira do Açaí.

minha irmã e eu fomos criados com venda  
da feira.

a mãe também.

[:] desde os 16 anos dela ajudando minha avó.  
hoje a mãe *tá* com 43 anos [!].

eu, que comecei com 11 anos, já *tô* com 28.

mas a gente fica aqui no máximo mais dois anos.

NÃO GOSTO do ambiente daqui.

NEM de trabalhar com cerveja.....

\_\_ **é muita prostituição.**

aqui tem de tudo [...], mas a gente **SÓ** vende cerveja.....

, quem quiser **comer** ou se divertir **de outra forma** não é com a gente!

\_vou juntar mais dinheiro

e abrir minha loja de tecido no Comércio.

ainda não deu pra fazer porque tive que

comprar um carro pra facilitar pra família.

isso aqui é só um quebra-galho mesmo –



[:] SOMOS CHAMADOS PELAS  
PALAVRAS CORES DESENHOS IMAGENS e SONS  
QUE NOS PROCURAM!

eu não iria ao Ver-o-Peso naquele dia.  
não queria.  
ao chegar, minha intenção apenas  
era sentar **à beira do rio**.  
mas chovia.  
sentamos sob as lonas das barracas.  
\_a bandinha tocava. era **sexta-feira**.  
todos querendo seus trocados.  
e eu a procurar os meus pelo bolso.

*músicos de vários lugares  
reúnem-se de sexta a domingo  
na Feira Livre para tocar, depois  
de cada apresentação eles  
passam o chapéu para  
arrecadar dinheiro.*

LUIZ nos olhou e veio logo dizendo:



- boa tarde! temos Draft, Antarctica, Skol e Brahma [...]  
- traz uma Cerpa!, então...  
era eu, que até pouco tempo  
não queria saber de escrituras  
ou **poesia** ou qualquer coisa assim.  
mas era sexta-feira.  
mas veio a chuva.  
a fanfarra.  
o Luiz.  
as cervejas.

*[como quer  
Giovanna  
Martins]*

e lá fiquei a completar minha pe le -

... naquilo que está por trás ou para além do que nos é dado a ver:  
a sedução de uma palavra, de uma ideia, de um gesto,  
de uma procura, de um contato. [...]  
chego a escrever-me quando o outro se revela em mim  
mais do que utopias de linguagem \_\_\_\_ utopias de aproximação  
: porque sairão quase sempre do campo reconhecível de nossas  
ações cotidianas, por vezes se confundirão  
com ele e a ele retornarão ou não.  
- registrar essas estratégias do desejo, do encontro,  
da aproximação [a urgência de...]:  
reviver instantes que antes achávamos perdidos.  
escrevo [e inscrevo]:

somos chamados pelas palavras + cores + desenhos  
+ imagens + sons que nos procuram.<sup>III</sup>

Luiz era um **outro** naquele ambiente.

uma forma de corpo diferente daquelas da feira.

elegância particular: atitude discreta: voz tranquila: talvez uma sensatez.

estava claro que queria ser um vendedor diferente.

atendia atenciosamente a cada freguês.

educado num tempo [moderno] não<sup>IV</sup> ver-o-peso,

apesar de ter crescido entre os corredores da FEIRA LIVRE e da FEIRA DO AÇAÍ.

era no **box 43**, um box de família, como me disse,

era lá que ele se protegia.

não da prostituição ou do espaço que o cercava ou da concorrência\_

ali morava a solidão –

Luiz, um **habitat-potência do não-ser** [:]

Luiz, acontecimento-só.

[...] nada cessa sua existência entre a plantação e  
o homem que agora caminha sozinho  
à margem da estrada que leva a essa praia  
inventada num século perdido e próximo das frutas.<sup>V</sup>

não sei o que fez esse homem falar a mim.

enquanto me dizia, a banda tocava, alguns cigarros tomavam

o ar e no meu campo de visão as sensações

misturavam-se às cenas de outras cinco barracas.

– já era hora de **crystalizar** aquele momento –

: agora ele atendia outros clientes e eu percorria o ambiente

com todos os ouvidos-olhares-táteis que me escapavam

um **falscreve** [des]esperado\_

um **ouvesente** angustiante\_

balÃO de criança OVO de CODORna CHIP para celular BOMBons regionais

CD e DVD PIRAta picOLÉ CAMARão camisAS de futebol pastel

crEME dental CelUlar isqueiro esCOVA de dENTEs

FANtoche bijuTERias ovo de codORNA

e camARão de nOVO –



[e] gente pra todo lado.  
talvez por isso o faro atento  
e a retina aberta de sua mãe atrás do balcão.  
vigiar cauteloso. julgamento experiente. catalisador de energias.

delimita o que limita<sup>VI</sup> —————> *tal qual o sistema de Luiz*  
\_\_herança materna.

esperava pelo acontecimento sem perceber que  
já era a potência do acontecido.  
a cada dia ele apenas a agenciava.  
estava ali uma das singularidades das tantas feiras ver-o-peso.

Luiz fazia-se em **[a] movimentos.**  
movia-se em direção ao sonho. desejar-ser.  
movia-se naquilo que se constituía como um  
de seus espaços afetivos:

**a feira desprezada.**

era ali o lugar em que se potencializava.  
a própria negação de um desejo em curso.  
**auto-negação.**

para mim ele era SIM daquele lugar.  
“aqui tem de tudo, mas a gente só vende cerveja!”  
\_\_aqui [:] onde?

Luiz e a vontade de não ser aquele mundo.  
**desviar-se de si mesmo.**  
quanto mais se desertava dali, mais  
se apegava àquele território.  
um não-fazer-parte dentro do todo.  
e um sonho-engano como linha de fuga.  
para ele o não-querer-ser o ver-o-peso estava ali  
em sua barraca : na Feira Livre : na prostituição [...]  
mas um novo negócio o levaria apenas  
a cruzar a rua ou dobrar uma esquina  
continuar no mesmo bairro  
ver-o-peso : territórios atravessados  
**contágio.**

# a leve esperança

pensamento que contaminava seu corpo  
estado de ser insatisfeito  
preocupado em satisfazer  
\_clientes

# aérea esperança

ali todos têm seus negócios  
sua clientela  
corpos que grafam em si mesmos  
suas existências [in]satisfeitas  
fartas do estar sendo um sonho  
acontecem no por-vir da esperança diária

# aérea, pois não<sup>VII</sup>

no vão da cidade  
entre a prostituição e a família  
meio barraqueiro meio microempresário  
, solidão que penetra e corrompe o **desacontecer**  
adentra ver-o- pesos e vicia esperanças -

: peso mais pesado não existe, não.<sup>VII</sup>  
Luiz acontecera  
à espera do senhor capitão.<sup>VII</sup>

BÃO BA-LA - LAO SE NHOR CA PI - TÃO TI - RAI ES - SE  
PE - SO DO MEU CO - RA - ÇÃO  
NÃO É DE TIUS - TE - ZA NÃO É DE - A - FLU - ÇÃO - É  
SÓ DE'ES - PE - RAN - ÇA SE NHOR CA - PI - TÃO  
D.C



<sup>I</sup> GIOVANNAMARTINS, Três Personagens através do Território dos Afetos... In: Diálogos entre linguagens, 2009, p. 210.

<sup>II</sup> Cerpa = Draft [citada por Luiz]. Cerpa era o nome dado a uma cerveja de fabricação local, antes de sua marca passar por um reposicionamento de mercado e alcançar as prateleiras nacionais, mas que permanece no imaginário dos boêmios da cidade.

<sup>III</sup> atravessamentos/colagens junto ao pensar de Giovanna Martins [op. cit., p.205-212].

<sup>IV</sup> o ver-o-peso era o lugar da *alta e educada* sociedade de Belém, que se misturava às tantas gentes que por ali chegavam [escravos indígenas dos sertões amazônicos dos rios Negro, Japurá, Solimões e Madeira; negros de Angola e Benguela; colonos portugueses vindos de África e da Metrópole; comerciantes de escravos e drogas do sertão; missionário; cientistas e militares] e que nunca mais saíam. entretanto, na transição entre os séculos XIX e XX, o predomínio do comércio era tão presente quanto a tomada daquele espaço pela nobreza que usava o lugar para prática de lazer - ver-o-peso: ambiente de passeio, por onde comedidas damas e educados cavalheiros exibiam suas joias e seus trajes europeus adquiridos, em boa parte, graças ao ciclo borracha. [atraídos pelo dinheiro da borracha, inclusive, imigrantes sírios, libaneses, italianos e judeus marroquinos incorporaram-se, com seus comércios, à múltipla paisagem humana de lá]. com as transformações políticas, econômicas e sociais da cidade, o ver-o-peso também se transformaria culturalmente e ganharia, com o tempo, conotações pejorativas - ver-o-peso: ambiente de compras, prostituição, marginalidade ou entorpecimento. não mais *daquelas pessoas educadas de outrora*. hoje muitos dizem que é preciso saber entrar e sair de lá, é bom tomar cuidado. [...]

<sup>V</sup> *Arquitetura dos Ossos*. AGEDECARVALHO, Seleta, 2003, p. 14.

<sup>VI</sup> verso da música Desvenda [título homônimo ao CD], banda Os Dentes.

<sup>VII</sup> versos da música Rondó do Capitão [álbum Série Dois Momentos - 1973.1974], banda Secos e Molhados.

eu vendo aqui no \_Vêu-PeS0\_ porque aqui é  **muito bom.**  
é muita gente, é animado...

\_ai, já andei pra caramba...  
, *tô* tão cansada...  
-posso sentar aqui com vocês?

[...]

eu vendo  *pras menina das barraca*  
e também tenho outra freguesia  
mas essa foi a primeira  *calcinha* vendida hoje!  
: andei o dia todo e só agora alguém comprou.

[...]

olha, pra vocês pararem de perguntar, eu vô falar uma coisa:

**[:] aqui tem que tomar cuidado**  
**NÃO SÓ VOCÊS, MAS EU**  
se eu falar alguma coisa,  
no outro dia é facada, terçadada  
e não é só à noite, é o dia todo[!]  
\_tem sempre algum fiscal  
**\_se tu falar, tem quem veja!**

sim, mas deixa eu ir...  
, - vocês já sabem o  
esquema, então... [?!]  
tchau, desculpa o incômodo! -

## ENTRE CIOS, CICIOS E CERCEIOS<sup>I</sup>

Antônia chegou a mim, de início, no MERCADO DE CARNE.  
uma vendedora aparentemente satisfeita com o seu trabalho.  
montada em certa fragilidade, apesar da expressão negra forte.  
andar i lha [,] fabricava o próprio produto para vender.  
\_até então suas **calcinhas** custavam **dez** reais.

*[mostrou-me as  
mãos machucadas  
pela máquina de  
costura]*

não demorou mais que quarenta minutos e nos encontramos novamente.  
já na FEIRA LIVRE.

[ela, exausta].

, ali dava para perceber melhor as marcas dos cortes em seu rosto.

quis nos vender suas calcinhas, dessa vez, a **cinco** reais.

o mínimo de compaixão nos faria comprar, afinal

ela andava o dia inteiro e não sabia o que era lucro pois

comprava da costureira cada peça a **quatro** reais.

alegria | verdade desfeitas ao longo do discurso [e] refeitas em **alerta**.

sem rumo remo nem direção

navega a árvore

- um silêncio que a tudo atenta - oclusa

em seu próprio corpo, lenta.

[...] escura,

dorme limitada, a árvore.<sup>II</sup>

### **Antônia** [:]

\_mulher barbada, com os pelos meio que ocultando uma cicatriz no queixo

\_sem dentes\_preta\_56 anos

\_acutilada<sup>III</sup> pela vida\_ rosto lanhado<sup>IV</sup> em circunstâncias ocultas

### **Antônia** –

\_[mais que] vendedora de calcinhas

\_trouxe-me seu indizível pessoal\_

eu que me entretenho **intêrditado**<sup>V</sup>

entre desejos cochichos rupturas  
falava aquela mulher a oferecer calcinhas super provocantes  
enquanto eu mantinha reservas cambiantes entre  
a fragilidade da primeira e o adestramento da segunda

calcinhas\_ a linha tênue daquela negociação.  
[a esse preço, talvez não fosse o que ela quisesse vender]

sobre o que me dizia [?]  
: da luta silenciosa pela apropriação de um espaço  
o dela: o de suas clientes à deriva na noite: o de quem comandava a área: o meu\_

descaminhos restrições omissão  
reféns de práticas reducionistas  
território particular para manobrar relações  
subtração de desejos | paixões  
interesses pessoais x o direito de todos

} *jogo de sentidos de Cilene Nabíça*  
*[jogos e sentidos]*

sobre o que me dizia [?]  
: do poder do **silêncio** : do **submundo** de vozes caladas : do **mundo** para não se ver

se te moves  
seta semovente  
vives se me moves  
sêmen comovente  
morres<sup>VI</sup>

a errante Antônia não podia errar.  
tinha um compromisso\_  
[com quem?] [movida pelo quê?] [conveniência?] [o que vendia?] [recados?]  
talvez fora eu a sua outra freguesia –

dentro do silêncio  
segue disciplinada  
contendo o desejo de praticar liberdade  
escondendo o medo por ser vigiada  
, e me escoo para fora  
fora da linguagem que até então coubera aqui  
: ruptura neste caderno-rizoma  
faz-me enxergar outras velocidades naquele ver-o-peso [...]

reação em cadeia [:]  
\_\_ela joga com os olhares de lá  
transforma ameaças  
sutilmente injeta na conversa a força estriada de sua fragilidade  
cai na rede ao mesmo tempo em que desvia dela  
[:] conversa que tem gosto de **dúvida**.

mas por que ter de acreditar?  
a potência daquela mulher estava na omissão  
no gosto do **de vir-trapaça** \_\_\_\_\_.

res ecerap euq odut

IIV  
• osseva od sam 1res edop èta

Antônia mora no poema-medo dentro de mim.  
imagino que para ela a coisa que adormece dentro de si  
é mais que um poema [!]  
, se é que adormece  
, se é que há algo dentro  
– que haja **VOZ** em Antônia.

TOPA COISA TEM PESO:  
UMA NOITE EM SEU CENTRO.  
O POEMA É UMA COISA  
QUE NÃO TEM NADA DENTRO,  
A NÃO SER O RESSOAR  
DE UMA IMPRECISA VOZ  
QUE NÃO QUER SE APAGAR.  
— ESSA VOZ SOMOS NÓS.

↓  
**[Não-coisa de Ferreira Gullar  
ressoando imprecisa]**

NOTAS

na versão impressa, as notas estão no verso da página anterior [n.36].

- <sup>I</sup> licença poética ao artigo homônimo de Cilene Nabiça [2013, não publicado]. **cio**: apetite sexual dos animais em determinada época; **cício**: pronunciar as palavras em voz muito baixa; cochicho; **cercear**: cortar pela base ou raiz, cortar rente, desfazer, diminuir, limitar.
- <sup>II</sup> *A árvore*. AGEDECARVALHO, Seleta, 2003, p. 13.
- <sup>III</sup> magoada; machucada; marcada; ferida.
- <sup>IV</sup> idem.
- <sup>V</sup> *Eu*. MAXMARTINS, Não para Consolar, 1992, p. 105.
- <sup>VI</sup> *Se te moves*. MAXMARTINS, Não para Consolar, 1992, p. 109.
- <sup>VII</sup> 5. CAIOFERNANDOABREU, Melhores Poemas, p.175.

meu nome é **AntônioCícero.**  
mas só minha mãe me chamava assim...  
quando comecei a ir pra rua,  
**os muleque** me apelidavam de **Uxi.**  
depois que caí na vida,  
comecei a trabalhar, ganhar meu dinheiro, ter moral com a rapaziada,  
ganhei mais um apelido: **Peri.**

: menina, *tô* com 63 anos, e sou marinho de coração.  
[já me aposentei da Marinha Mercante, que agora tá só na lembrança.]

hoje só exerço os meus ofícios:

amar  
O MAR,  
A BEBIDA,  
AS MULHERES.

vem comigo que tu *vai* conhecer todas as línguas desse mundo.  
inclusive a minha -





oceana | **language** multidão<sup>I</sup>

faz poemas para você mesmo que você não queira.

Antônio Cícero Uxi Peri

, nomes codinomes apelidos de guerra da vida

da máquina de guerra da vida

da vida-máquina-de-guerra

e, mais uma vez, você não tinha escolha

: era Peri como queria ser chamado. apenas.

velho **marinheiro**. galanteador.

disparos ácidos a todo momento.

protegia-se de si mesmo

e do[s] mundo[s] lá fora

com as histórias sobre sua vida.

\_criativo inventor de **palavras**.

quantos mundos lhe pertencem ou pertenceram?

quantos [a]mares bebidas e mulheres?

c'est toujours avec des mondes que l'on fait l'amour<sup>III</sup>

águas mágoas deságuas ressacas

**histórias** de pescador [?]

alegria ou frustração em voltar para casa?

ter um rio como horizonte.

nada fácil a um MARinheiro de tantas línguas, imagino.

Peri [:] aquele que ama o **efêMEro**.

\_tinha som de *Roquenrol*, bem bim-bom

, um daqueles tais

, velho até demais

...que o tempo enferrujou

... e o gosto desbotou

era ritmo de cachoeira, num ressaca de sal<sup>IV</sup>

o homem está  
na cidade  
como uma  
coisa  
está em outra  
e a cidade  
está  
no homem  
que está em  
outra  
cidade<sup>II</sup>

**mar, bebida, mulheres  
nunca são os mesmos  
[:] ofícios moventes**

teu escorrer; esse súbito ser;  
esse logo não-ser real e para sempre  
mais do que ausente ser;  
esse fotograma súbito, close,  
na multidão de um filme,  
desabrochada flor relâmpago  
do nada canção sintonizada  
e logo outra estação ocupa o seu lugar.  
essa que não acolhe a esperança;  
essa sopro de dança;  
essa que nem um verso permite  
antes que salte  
na oceana **linguagem** multidão;¹

[...]

**nosso encontro**  
~~o instante~~ aconteceu entre os bares  
à beira do RIO, na FEIRA LIVRE.  
, à mesa, cervejas e toda a umidade do clima daqui.  
, ao redor, gente. os seus e os da feira.

[...]

aposentou-se dos encontros ao mar, talvez.  
ou não.  
mas ainda era OCEANO.  
\_\_de gente sem território.

o seu território está no coração  
por isso não o abandona  
: **move-se**.

\_\_é na memória que tenta se encontrar  
[encontrar] aquilo que é seu lugar  
exercer os desejos  
praticar com afeto –  
coração nômade em busca de coisas que aumentassem o nada.ᵛ



a quimera de não quimera porém a consciência organizada [...] , a solidão que eu queria e agora não suporto - IX

a escolha das palavras parecia mordaz.  
no fundo, é um homem solitário -

The image shows a handwritten musical score on a piece of yellowed, perforated paper. The score consists of six staves of music, each with a treble clef and a key signature of two sharps (F# and C#). The lyrics are written below the notes. The lyrics are: "BIM BOM BIM BOM", "UM BO BOM", "BO BOM", "BIM BOM BOM", "BIM BOM BOM", and "BIM BOM BOM". The notes are mostly quarter and eighth notes, with some rests. The paper has a decorative, scalloped edge at the top. In the bottom right corner, there is a small red and white logo that says "POSTAGE No 41".

NOTAS

na versão impressa, estão no verso da página anterior [n.41].

- <sup>I</sup> *À outra passante*. PAESLOUREIRO, Obras Reunidas..., 2000, p.229.
- <sup>II</sup> *O que eles falavam na cozinha*. em: FERREIRAGULLAR, Seleção, 2004, p.145-149.
- <sup>III</sup> *é sempre com mundos que fazemos amor*. [GillesDeleuze]
- <sup>IV</sup> inspirado na música Roquenrol Bim-Bim, de Tom Zé, no álbum Estudando a Bossa.
- <sup>V</sup> atravessamentos junto a Manoel de Barros. [MANOELDEBARROS, Memórias inventadas..., 2008].
- <sup>VI</sup> inspirado na composição Quem vem pra Beira do Mar, de Dorival Caymmi.
- <sup>VII</sup> CAIOFERNANDOABREU, Melhores Poemas, p. 207.
- <sup>VIII</sup> FERREIRAGULLAR, Seleção, 2004, p.145-149.
- <sup>IX</sup> JACKKEROUAC, Os Subterrâneos, 2007, p.29.

[rapidinho, [:] conversa de bueiro!]

[:]

– ai, *tô* cansada dele, mas foi o único que eu **arranjei hoje!**  
pior que ele não quer me largar! é cliente, sabe?!  
tu não *tem* cara de quem tem cliente, por isso que *tô* falando pra ti...

**\_não dá mais pra mim a noite |**  
**| TENHO QUE ME APOSENTAR.**

já comecei a encaminhar minha sobrinha.  
ela vai dar o jeito dela de fazer esse pé de meia!  
mas *vamo* voltar porque senão o outro vai estranhar [!]  
\_ai, tá na hora é d'eu me apaixonar...

[mas esquece o que te falei!] –

red roses for a **black** lady<sup>I</sup>

velada pela noite escura,  
a mulher que me chama e confia  
desencantos e queixumes  
[ré]-[vela] num instante a principal via de toda a vida

o mundo que é fácil  
de ver ou pegar  
é difícil de ter:  
difícil falar  
a fala que o dá<sup>II</sup>

atenta, controla seu ganha-pão, que de longe a observa  
e espera e se observam eles

**o/S do/is** [:]

atentos a um movimento i.n.c.e.r.t.o  
\_ambos suspeitos deles mesmos

**Preta\_**

olhos de sombra terrosa<sup>III</sup>

**Lady Preta\_**

mulher de toda-vida

estive na minha num instante-espera na fila do banheiro  
numa noite-espera de um instante-sexta-feira

enquanto a fila não diminuía,  
ela observava o cliente que [a]\_guardava com suas **bolsas**  
após sairmos do banheiro, puxou-me pelo braço em direção  
a uma tampa acoplada no chão da feira e segredou [...]

**o devir puta de uma lady -**

**O QUE SERIA**

**DESDE JÁ MEU**

**TEXTOS MAIS QUERIDOS**

**ATÉ AQUI PORQUE [...] PORQUE SEU NÚCLEO POÉTICO MORA NO BUEIRO  
MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO  
MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO MORA NO BUEIRO**

vais entrar?

[- pergunto, enquanto ela, à minha frente na fila, se dispersa falando com um homem afastado de nós]

: não, gata, relaxa,  
eu tenho que ficar de olho  
no *bofe* porque ele *tá* com as minhas *bolsa* –  
[a fila dentro do banheiro diminuía lentamente.  
eu tentava entrar. ela logo atrás de mim.  
e eu, sempre puxando assunto:]

caramba, tem muita gente!

: pelo menos eu fico aqui  
na porta e vejo onde ele *tá*!  
[ – ela continua a conversa]

o que restou do sonho

[saio do banheiro e a espero:]  
ele *tá* ali, mana. não perdeste o *bofe* e nem as bolsas!

do veludo-vício do destino

desse nome

: aah, mana, não me preocupo com ele,  
nem conheço, é só pra garantir a noite...  
deixa ele lá – TÔ TE VENDENDO DAQUI! – vem cá comigo...

vasa

[enquanto subíamos os degraus da FEIRA LIVRE, arrisquei:]  
qual o teu nome, gata?

dessa boca

: haha, pra quê que eu vou dizer...?! me chamam de Lady Preta.

do poema

[\_\_puxou-me pelo braço em direção  
a uma tampa acoplada no chão da feira, e ali me disse...]

vaso

do devir puta de uma lady -

do noturno ácido<sup>IV</sup>



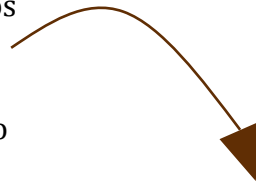
fui tomada como a um cliente [!]  
num estar-comigo  
expor confidências  
—e depois de tudo pede que eu esqueça

[\_\_\_\_.]

quem era aquela que se mulherizava à minha frente?  
tantos devires de alguém  
ora prostituta : ora tia : ora mulher carente –  
de quem era aquele desejo?  
quantos desejos escondia?

à procura de um lugar  
de ser  
imediatamente caio<sup>v</sup>

devir com vontade de potência<sup>vi</sup>  
conversa de bueiro-morada-de-ratos  
clientes deslizam sorrateiros  
ela desliza  
a noite o dinheiro o cansaço o sonho  
e...e...e...



**Preta\_**  
agencia o movimento da vida  
[des]arranjo e rearranjo de planos

*[não há como fugir  
desse rizoma...]*

**Lady Preta\_**  
emaranhado noturno  
no labirinto de tantas mulheres

então mais um dia amanhece  
e o futuro acaba  
[:] é preciso saber do hoje  
o que sou capaz  
\_\_afectos infectos de quem não conheço  
infiltram meu corpo de puta mulher puta  
invadem o outro  
escorrem e alagam a superfície mesma  
deste |sujeito| poético

contaminação de ser  
do ser com potência de contágio

[há sempre alguém para receber aquilo que se dá]

que quebra as linhas em fuga  
que cola na carne  
líquido intravenoso  
coito gozo clímax  
rasga em fetiche  
abrindo fissura  
deixando deserto  
e cheio de ar  
para recompor  
respirar  
abandonar

deixando-me aqui  
contaminada  
sem saber terminar  
este encontro -

—porque foi embora Lady Preta, levando seus desejos e suas bolsas.

—porque ninguém sabe do que um |devir| sujeito é capaz -

NOTAS

na versão impressa, as notas estão no verso da página anterior [n.46].

- <sup>I</sup> analogia ao título do texto de Caio F. Abreu em *Ovelhas Negras – Red Roses for a Blue Lady*.
- <sup>II</sup> *Nasce o poeta*. FERREIRAGULLAR, Seleção, 2004, p. 219.
- <sup>III</sup> *O que pouco existiu*. MAXMARTINS, Não para Consolar..., 1992, p. 66.
- <sup>IV</sup> *O*. MAXMARTINS, Não para Consolar..., 1992, p.73.
- <sup>V</sup> *Caio*. CAIOFERNANDOABREU, *Ovelhas negras...*, 2002, p. 205.
- <sup>VI</sup> baseado nas concepções de *devir, agenciamento, potência, desejo* de DELEUZE e GUATTARI, *Mil platôs...*, 1995.

[...] *tás* ficando doida, **mana**?

[~~]

pode *vim* aqui, sim, freguesa, **!**  
que a gente trabalha é com mato *mermo*

*num* ouve essa daí que ela acha que é muito chique [...]

\_TU VENDE O QUÊ, ENTÃO, MANA? [!]

ora, se o pessoal vem atrás da gente querendo erva . . .  
isso é **mato**, sim!

eu sou *erveira-mateira*, que nem a minha mãe!

agora vê, se essa Socorro, que tá aqui faz é tempo,  
diz que não vende mato,

\_\_como é que fica a **nossa fama**???

## chuva no piquenique<sup>1</sup>

\_no VEROPA têm dessas coisas  
histórias e arrancarrabos\_  
mas isso não é uma **erva**.  
é a [mal]dita confusão que de longe se escutava  
vinda das barracas das erveiras  
\_ou mateiras

lanço-me no cheiro do alvoroço e encontro Eliete  
indignada com Socorro, da barraca ao lado [...]  
, e era dito por Socorro[:]  
- o que *tu vende* é **matto** !

em meio a tantos comigo-ninguém-pode  
afasta mau olhado  
tira olho gordo  
desfaz trabalho ruim  
amansa corno  
olho de boto

briga que não acaba nunca -  
\_e se dessem um chá de verônica ou jucá?  
ervas pra resolver **coisas de mulher** funcionam com **mulher-mateira**?

quem sabe um leite de sucuba ou leite do amapá  
pra aliviar a ardência da birra das duas

ou um chá do grelo da goiaba pra travar o f-o-fó da briga  
e se murchar a folha do pirarucu

• e a folha da pimenta malagueta pra abrandar dor da ferida que endoidou as duas

afumentar<sup>ll</sup> emplastrar escaldar pra aliviar os ânimos [?]

copaíba andiroba banha de tartaruga [...]

uma dose de sal amargo com suco de laranja da terra  
pra afinar o sangue quente como ficou o de Eliete, indignada [!]


*para ela aquilo soava  
como um xingamento\_*

*nomes de alguns dos  
preparados vendidos na feira,  
geralmente de duas formas:  
erva in natura ou misturas  
engarrafadas. olho de boto,  
especialmente, não é uma erva;  
quando in natura é usado  
como patuá [amuleto].*



o paulo leminski  
afinal, que **erva-mato** desfaz a intriga dessas duas enfaradas<sup>III</sup>?  
é

ver-o-peso  
veropeso  
vêrupeso  
vérupêso  
vêu-peso  
vê-upeso  
lá em baixo  
a pau a pedra a fogo a pique

senão  
quis mesmo um  naquele dia  
diz-que é bom contra dor de cabeça  
[a briga me deu algum pretexto]  
\_\_e cheguei mais perto daquilo tudo

de fazer chover  
hora boa em que passei no corredor das ervas  
, mas até hoje não sei como a briga começou  
\_\_o tempo de comprar o óleo não fora nada  
em nosso piquenique<sup>I</sup>  
mal conversamos, Eliete e eu

fui dali guardando aquela palavra-imagem[-cheiro]  
de um lugar desconhecido até então  
naquele **labirinto de mato**  
tem mais que sorrisos  
chamamentos  
ou encantos mandingueiros

: há mais aromas neste postal  
\_\_relação representação negação esquecimento

erveiras e suas ervas são cartão de visita  
, mas o que está por trás da pose para a foto \_[?]

faz-se a fama internamente entre os da feira  
[diferente daquela da televisão] cada um conhece o cada-um daqueles dali

por isso, talvez,  
enquanto discutiam poucos vendedores se aproximaram  
muitos continuaram o que faziam antes  
chegaram perto mesmo os olhares curiosos para fotografar  
\_uma espetacularização para recordar Belém –

[e vá alguém saber  
quanta coisa se fala numa cidade  
quantas vozes  
revelam por esse intrincado labirinto  
de paredes e quartos e saguões,  
de banheiros, pátios, de quintais  
vozes  
entre muros e plantas,  
risos,  
que duram um segundo e se apagam]<sup>IV</sup>

cidade que nasce em comunidades tradicionais  
nativa de mata e beira de rio  
a mandinga vem de remanso aportar no veropa.  
vem de Icoaraci, Abaeté, Barcarena, Ilha das Onças<sup>V</sup>  
\_mesmo plantando no quintal até as mateiras têm seus fornecedores

e têm perfume sabonete banho essência creme remédio simpatia receitas de família  
+ arruda + patchouli + alfazema + alecrim + priprioca + jasmim + sândalo + pau rosa

*erveiras como Beth  
Cheirosinha e Coló  
são conhecidas  
nacionalmente e  
participam de vários  
programas de televisão,  
em emissoras nacionais  
e suas afiliadas.*

têm VER-AS-ERVAS<sup>VI</sup>

Associação de Erveiras e Erveiros do Ver-o-Peso

para manter a identidade, preservar a cultura e biodiversidade regional

têm fotografia pra registrar tudo isso \_\_\_\_\_ e cartão-postal.

mas o som que se ouvia daqueles corredores era maior –

a tentativa de organização existe

mas há faíscas na relação entre os trabalhadores

disputa por território | reconhecimento | desejos em se tornar referência

que dão o que falar

: é só se *achegar* com um erveiro insatisfeito que a conversa corre o dia

nem todos se sentem representados

ou colhem os louros da fama

[dentre os 500 de lá, são 20% os associados]

tem quem prefira o anonimato seguro que

traz frutos ao fim do mês

à postalização com olhar exótico e bolso vazio

não há discussão quando se fala em preservar a mata

ali todos têm uma amostra no quintal

muitos oferendam a deuses orixás santos cabôcos

—afinal, cada um associa-se a quem acredita

nada disso importa pra muita gente

- eles nos olham como *se tudo fosse* um só aqui. é tudo erveiro e pronto.

parece que a gente é uma irmandade...

[alguém me disse]

e a coisa pega. a coisa fica.

deve ser porque

: fama de vêrupeso é tradição

como me disse outro.

j  
alfazema

s

m

pripriooca

a

m

r

t

r

c

u

h

sândalo

pau rosa

u

alecrim

i

como são chamados  
os caboclos  
na linguagem popular





## ERVAS | MATOS

[pela medicina popular da Amazônia Paraense]

**verônica:** efeito anti-inflamatório, muito usada para conter corrimentos, para limpar o órgãos genitais femininos.

**jucá:** efeito anti-inflamatório, como a verônica.

**sucuba:** protege o estômago, especialmente contra úlceras e gastrites.

**leite do amapá:** protege o estômago, como a sucuba.

**grelo da goiaba:** utilizado para conter diarreias.

**folha do pirarucu:** contém inflamações em feridas provocadas por baixa imunidade, como nascidas e furúnculos; se misturada a algodão e babosa, também é usada como um anticancerígeno.

**pimenta malagueta:** contém inflamações em feridas provocadas por baixa imunidade, como furúnculos; também utilizada contra mal olhado.

**copaíba:** alívio de inflamações.

**andiroba:** alívio de inflamações.

**banha de tartaruga:** alívio de inflamações; além de ser usada para limpar a pele, eliminando acnes.

**sal amargo:** [ou salamargo] para limpar o sangue.

**laranja da terra:** seu suco, misturado ao salamargo, serve para limpar o sangue.

na versão impressa, 'glossário' e notas estão no verso da página anterior [n.51].

### NOTAS

<sup>I</sup> *O pauloleminski*. PAULOLEMINSKI, Melhores Poemas, 1996, p.68.

<sup>II</sup> segundo o cametaês, é o mesmo que *massagear*.

<sup>III</sup> no cametaês[:] = aborrecidas; mal humoradas.

<sup>IV</sup> *O que eles falavam na cozinha*. FERREIRAGULLAR, Melhores Poemas, 2004, p.145-149.

<sup>V</sup> Icoaraci: distrito de Belém; Abaetetuba [também chamada de Abaeté] e Barcarena: municípios do nordeste paraense; Ilha das Onças: região insular de Belém.

<sup>VI</sup> nome da Associação de Erveiras e Erveiros do Ver-o-Peso, criada em 2011. possui cerca de 102 membros, de um universo de aproximadamente 500 pessoas que trabalham com ervas no Ver-o-Peso. Projeto Maria's do Ver-o-Peso, disponível em: <<http://mariasdoveropeso.blogspot.com.br/>>; e Diário do Pará, disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=71485>>.

[...]

– então, amizade, *já é* 35 anos de praça, de verupêso. e sempre foi bom, viu?! sempre deu lucro. \_só na segunda-feira que o movimento é meio baixo, e no domingo do Círio, que eles fecham a rua toda, *né*, aí não dá pra trabalhar. fora isso...

*faz* 35 anos que só eu sei o que é esse verupêso. e eu sempre trabalhei aqui como taxista. eu sempre gostei. \_no começo eu tinha um emprego *mermo*, num escritório, batia ponto e tudo. mas eu vinha pra cá sete da manhã, ficava até oito e meia, depois ía pro meu trabalho e na hora do almoço voltava pro ponto de taxi de novo.

[:] conheci todos aqueles caras da Pedra, os da malandragem, e os pivete que batiam a carteira dos *besta* – *vixi*, esses moleques é que *deixaro* a TocaDoMorcego famosa. o pessoal fumava *birra* lá, mas também servia de esconderijo.

, vi uns crescerem... poucos. a maioria some ou a gente sabe depois que foi preso. mas nem se compara aquela época com a nossa. hoje a cidade tá demais. pivete não rouba e se esconde, não, como era aqui. \_nem tem mais pivete hoje. *tão tudo* profissional. [!]



zanza daqui

esporte fino confortável<sup>I</sup>

zanza pra acolá

transgredindo o tempo do trabalho  
Amizade, na tentativa de dirigir a própria vida,  
seguia\_\_

fim de feira

as noites mal dormidas pelo rosto  
camisa-caminho de traças  
o velho bolso da frente protegendo  
cigarros curtidos pelo mormaço  
e as mãos [:]

periferia afora

deslizando pela cabeça  
dedilhando cabelos ralentados  
até chegar à barba, branca e espessa

a cidade não mora mais em mim

enquanto cuidavam das memórias no volante

[...] vamos embora

no contravir da ordem estabelecida  
para a labuta, ele tentava se divertir  
– a gente tem que trabalhar, *né*, amizade?!  
...então *bora* trabalhar como a gente quer!

[...] vamos ver

bem que tentou um emprego fixo  
bater ponto

a campina

horários escalas marmitas  
seguro na carteira  
alarme pra não perder a hora  
aquele mesmo trajeto

quando flora

rotina do café ao jantar  
e o despertador do outro dia

a piracema, rios contravim

mas uma **Cidade** esperava por ele –

[...] vamos embora<sup>II</sup>

idades  
passam.  
só os nomes  
vão ficar.  
que coisa  
dói dentro  
do nome  
que não tem  
nome que  
conte  
nem coisa  
pra se  
contar?<sup>III</sup>

era tudo muito pouco pra quem só queria escapar  
uns trocados : um carreado : um pôr-do-sol  
sobre o rio  
a praça : o relógio : a rua

ver-o-peso : ponto de partida e chegada  
agora, o tempo que quisesse  
saber da vida do outro  
num café pingado jogar conversa fora  
no jornal amassado, o crime de ontem  
protege o carro do sol  
o jogo do bicho o velho **Re x Pa**  
e as sacolas pesadas dos turistas sem rumo

trazem a impossibilidade de deter  
a descoberta do mundo à sua hora  
**à hora de si**

sentir um estado de rua  
um estado de feira  
de liberdade

ver-o-peso : território sem dono  
dos tantos desnomes daqueles  
não-seres em movimento  
nômades

, da Feira ao Jurunas descobriu-se a mim  
conversa de quem gosta de gente e de papo  
naqueles tantos homens sem nome  
Amizade lhe caiu bem\_  
não sei como o chamam de batismo  
nem ele a mim  
mas me nomeou Amizade  
éramos os dois, naquele momento, um para o outro

*duelo entre os dois  
maiores clubes de  
futebol do Pará*

*Bairro de Belém.  
destino daquela  
corrida.*

**am**

nomes passam.

**pli**

só as cidades vão ficar.

**ção**

que nome dói dentro da coisa

**na**

que não tem coisa que conte

**ção**

nem nome pra se contar?

**ser**

nomes passam.

**ção**

só as dores vão ficar.

**sem**

que cidade dói dentro do homem

**fim**

que não tem coisa que conte

[...]

nem dor pra se contar?<sup>vii</sup>

**vamos embora**<sup>ii</sup>

potência de ser o que se quer

ver-o-peso: linha de fuga

que vaza pinga escapa infiltra

meios abertos no caos<sup>iv</sup>

da atro[z]cidades<sup>v</sup>

com sua linha, ele

costurava a urbe num ir e vir

conhecia até seus subsolos

suas galerias-cavernas<sup>vi</sup>

morada de morcegos

revoada que assombra

copula e entorpece

submundo cravado na pedra-cidade da feira-livre

cicatrizes abertas pelos homens

que transformam história e tradição

todos sabem [:] ali ninguém entra

\_\_se não tiver asas

morcego [:] bicho enganador

criança-morcego adolescente-morcego

engana-a-dor

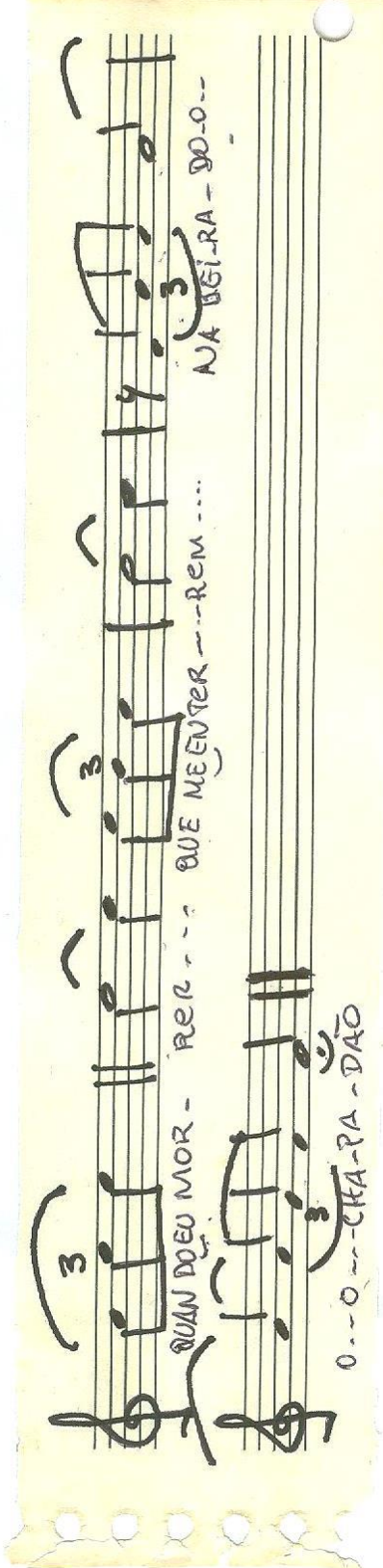
1. adultização de menor

2. criminalização de jovens

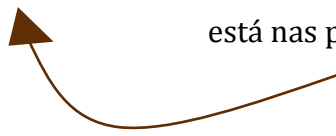
3. marginalização de dependentes químicos

4. higienização social

5. omissão do grotesco



*vida x linguagem do ser*  
*vida + linguagem do ser*



6. subjugação de direitos
7. lei do mais forte
8. inflame de preconceitos
9. manutenção de classes subalternas
10. incentivo à individualidade exacerbada
11. manipulação do |sujeito| como extensão do sistema
12. distanciamento de mundos
13. e... e... e...

, mesmo que o pão seja caro  
e a liberdade, pequena<sup>VIII</sup>

Amizade segue na corrida do dia  
trazendo na conversa despreziosa  
as entrelinhas das gentes daquele subsolo

como num passado distante  
\_talvez uma recordação  
o despertar do outro dia  
mais que presente em suas escolhas  
está no chão  
, em cada passo da história desta cidade.

acima de tudo [:]  
está nas pessoas -

## NOTAS

na versão impressa, as notas estão no verso da página anterior [n.56].

<sup>I</sup> analogia ao título homônimo da música de Zélia Duncan, sobre amizade, no álbum *Pelo Sabor do Gesto*.

<sup>II</sup> versos da música *Assentamento*, de Chico Buarque.

<sup>III</sup> *Nomes a menos*. PAULOLEMINSKI, *Melhores Poemas*, 1996. p. 116.

<sup>IV</sup> inspirado em DELEUZE e GUATTARI, *Mil platôs...*, 1997.

<sup>V</sup> PAESLOUREIRO, *Obras Reunidas...*, 2000, p. 252.

<sup>VI</sup> Toca do Morcego é resultado de uma das reformas ocorridas no Ver-o-Peso [a de 1985]. uma obra realizada nas galerias abaixo do Mercado de Ferro e da Feira Livre, para impedir que a força da maré provocasse o afundamento da área. a gestão municipal da época optou pelo projeto urbanístico mais barato, e que não solucionou o problema. servia, então, como esconderijo para quem realizava pequenos furtos ou usava entorpecentes, por exemplo. em 2011, a prefeitura municipal teria fechado o local. na verdade, ele continua ativado. informações complementares em: DIÁRIO ONLINE, disponível em <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-165329-.html>>.

<sup>VII</sup> inspirado no poema *nomes a menos*, de Paulo Leminski [loc. cit.].

<sup>VIII</sup> *dois e dois: quatro*. FERREIRAGULLAR, *Seleção*, 2004, p.83.

[...]

**: doida??? vocês vão já  
ver a doida! olha aqui!!!**





não  
existe amor  
em GothamCity<sup>I</sup>

sempre ao veropeso, sempre às manhãs, sempre aos domingos.  
ela estava absoluta [,] repleta daquela luz  
\_d'uma ilusão que a iluminava.

adomercida  
enquanto vaga pela feira  
, flerta com vaidade de mulher  
, brinca com essência infante  
: nega e esconde  
o que a sub,tra i.

não teme quem a vê. \_\_\_  
farta \_\_\_  
vaga vaga em abundância  
por entre as barracas é ruim da cabeça  
por entre os ruídos das ideias  
sob o fogo do sol do juízo

maria tem o veropeso.  
\_a lhe pertence.  
\_por ele é **m|u|l|d|a|d|a**

amasiada<sup>II</sup> de todos, engole o cho[o][rume], enxerta o vazio. exacerba-se

maria poderia ser qualquer outra pessoa.  
poderia ter qualquer outro nome.  
vir de um outro lugar e partir sempre num por-vir [...]

mundana suburbana  
flutua em seu traslado  
que tece  
da Pratinha ao Veropa  
sempre aos domingos.

incerta,

acerta sempre o caminho

\_\_mesmo às cegas –



naquele céu alaranjado  
sobre os muros altos da tradição  
todos estão dormindo<sup>III</sup>

mas maria sabe cantar. e dançar.  
sabe sim!  
e não digam o contrário.

: vamos acordar –

sem temor

urra a quem interrompa sua dança  
seu canto da modinha preferida  
que vem ensurdecadora de todos os lugares da feira.

*devir-lobo*

surve canta dança.

: é livre em seu corpo

: é feira-livre em seu corpo

nua em pelo, traduz o seu sentido.

delírio nu

tira a roupa social

despe conceitos e processos

delira como |deve| ser –

discurso afiado desbocado cortante

: vamos ouvir –

num labirinto místico

caçavam bruxas

no cinto de utilidades, as verdades:

cuidado! há um abismo na porta principal!

[\_uma linda frase de um postal tão doce]<sup>IV</sup>

no céu de gothan city

há um sinal

sistema elétrico e

nervoso contra o mal

tem um sambinha,

tem axé,

tem carnaval

[...]

chegou a hora da

verdade em Gotham City

e a saída

é a porta principal<sup>III</sup>



- é *dúida!*  
 , diz um.  
 - mora na Pratinha II<sup>V</sup>  
 , diz outro.  
 - sempre foi assim, tem família, tem casa, mas ninguém segura ela!  
 , mais um [...]

todos a conhecem e ninguém se importa.  
 mas todos riem em volume tão alto  
 quanto ao da modinha em decibéis  
 num aplauso ao seu nu.

maria  
 imolada  
 imaculada  
 \_em seu corpo seu abrigo seu escudo.  
 \_desvela o desejo que só os loucos usufruem.

e vaga fora. veropa adentro. sempre aos domingos.

: vamos -  
**des**frutá-la **começ**a-la **devor**a-la **degluti**-la **mastig**a-la  
 vamos lamber a língua<sup>VI</sup>

VA-MOS CO-MER CA-E-TA-NO VA MOS DES---FRU-TA-A-LO  
 VA-MOS CO-MER-CA-E-TA-NO VA-MOS CO---ME--ÇA- A---LO

maria é mais uma mulher na rua  
mais uma louca no abandono social  
mais uma rua que ri  
mais um espetáculo  
desejo explícito por todos os lados

um milhão +  
setecentos e noventa mil +  
duzentos e cinquenta e nove **mar i a s** no Pará  
381 mil em Belém

números da limitação visual, auditiva, motora, intelectual ou mental<sup>VII</sup>  
sobre os que riem apontam julgam não se importam  
a estatística não dá conta

mais um cartão-postal para ver-a-cidade  
mais uma **mar i a** para [co]responder ao submundo  
*vero* peso.

um espetáculo  
banqueteemo-nos  
ordem e orgia!  
na superbacanal  
carne e carnaval

[...]  
pelo óbvio  
pelo incesto  
pela frente  
pelo verso

[...]  
vamos revelarmo-nos<sup>VI</sup>

## NOTAS

na versão impressa, as notas estão no verso da página anterior [n.61].

<sup>I</sup> músicas Não Existe Amor em SP, de Criolo e Gotham City, de Jards Macalé e José Carlos Capinam.

<sup>II</sup> Cametaês = amante; atualmente, ganha o sentido de *viver junto*.

<sup>III</sup> versos de Gotham City.

<sup>IV</sup> versos misturados de ambas, citadas acima.

<sup>V</sup> bairro da periferia de Belém, possui um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano da cidade ao mesmo tempo em que abriga um dos principais condomínios residenciais daqui.

<sup>VI</sup> versos da música Vamos Comer Caetano, de Adriana Calcanhoto, no álbum Marítimo.

<sup>VII</sup> pessoas especificamente com limitações intelectuais ou mentais são 84.194 no Pará. ver: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/05/mais-um-milhao-de-paraenses-possuem-algum-tipo-de-deficiencia.html>>.

# bloco de notas\_ [notas das colagens]\_

na versão impressa, o **bloco de notas** está encadernado fora do trabalho e vem anexado ao caderno de escritos e afetos, por isso não está incluso na numeração de páginas original do trabalho nem na numeração do sumário.

## **CAPA INTERNA\_**

"a memória do poeta..."

MARTINS, Max. Não para consolar: Poesia completa. Belém: Cejup, 1992, p.350-351.

"[até poemas ando cometendo...]"

ABREU, Caio Fernando. Ovelhas negras [de 1962 a 1995]. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002, p.188.

"marginal é quem escreve..."

LEMINSKI, Paulo. Melhores poemas. 2. ed. São Paulo: Global, 1996, p.130.

## **CAPA CD\_**

"não precisa digerir. deguste. e basta."

LEMINSKI, Paulo. Melhores poemas. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

## **EPÍGRAFE\_**

[p.6] "para apalpar as intimidades do mundo..."

BARROS, Manoel de. *I*. In: O livro das ignorâncias. SP/RJ: Editora Record, 1993, 1ª ed., p.09.

[p.6] "c'est toujours avec des mondes que lon't fait l'amour."

LARRAURI, Maite. O desejo segundo Gilles Deleuze. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

## **[pré]texto\_**

[p.9] "poesia é voar fora da asa."

BARROS, Manoel de. XIV. In: O livro das ignorâncias. SP/RJ: Editora Record, 1993, 1ª ed., p.21.

### **...resmungos de rio. escritos sobre o ver-o-peso:**

[p.10] "batida de mocotó, oito porções..."

BASÍLIO, H.; BLACK, Jr.; MACHADO, M. Batida de Mocotó. Intérprete: Jr. Black. In: JR. BLACK. Joinha Records. Produção: Sunga Trio [China, Chiquinho e Homero Basílio]. Recife e São Paulo: Estúdio Das Caverna, 2010. 1CD.

[p.10] "eu lisonjeio as palavras..."

BARROS, Manoel de. Memórias inventadas: a terceira infância. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

[p.10] "em busca de um estado..."

JACQUES, P.; JEUDY, H. P. [Org.]. Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.

[p.15] "mundos onde se mulherizam..."

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

[p.17] "a canoa traz o homem..."

MARTINS, MAX. *Ver-o-Peso*. In: Não para consolar - poesia completa. Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed.

[p.17] "aqui, muita gente mora..."

ILDONE, José. *Rua*. In: Chão D'Água. Belém: CEJUP, 1988, 3. ed.

[p.17] “o rio é este saber...”

SOUZA, Clei de. *rio*. In: *Úmido*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 2012, 1ª ed., p.17.

[p.19] “o rio que eu sou...”

MARTINS, MAX. *Viagem*. In: *Não para consolar - poesia completa*. Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed.

[p.23] “o mundo é sonho é real...”

MARTINS, MAX. *Não para consolar - poesia completa*. Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed.

[p.25] cartões-postais - frente

I. Foto: arquivo do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/>>.

II. Foto: Hely Pamplona [2008]. Disponível em: <<http://www.paraturismo.pa.gov.br/>>.

III. Foto: autoria não identificada. Disponível em: <<http://blog.brasilturista.com.br/belem-para/>>.

IV. Foto: autoria não identificada. Disponível em: <<http://www.edmilsonbritorodrigues.com.br/>>.

[p.25] cartões-postais - verso

I. CORREIOS. Serviço de cartão-postal. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/para-voce/correios-de-a-a-z/cartao-postal>>.

II, III e IV. ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/Enc\\_Termos/termos\\_imp.cfm?cd\\_verbete=85&imp=N&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Termos/termos_imp.cfm?cd_verbete=85&imp=N&cd_idioma=28555)>.

## capítulo zero | ver-o-peso

[p.26] “serás organizado, serás um organismo...”

LARRAURI, Maite. *O desejo segundo Gilles Deleuze*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.



[p.26] “um capítulo em ritmo de blues” e “a vida não é adiável...”

CHAPLIN, Leticia das Costa; LIMA e SILVA, Márcia Ivana [Org.].  
Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro:  
Record, 2012.

[p.31] partitura

BANDEIRA, M.; RICARDO, J. Rondó do Capitão. Intérprete: Secos &  
Molhados. In: SECOS & MOLHADOS. Secos & Molhados: Série Dois  
Momentos - 1973/1974. Direção Geral: João Ricardo. Rio de Janeiro:  
Warner Music Brasil, 1999. 1CD Duplo.

[p.36] “toda coisa tem peso...”

BOSI, Alfredo [Org.]. Não coisa. In: Ferreira Gullar: seleção. São  
Paulo, Global, 2004.

[p.41] partitura

TOM ZÉ. Roquenrol bim-bom. Intérprete: TOM ZÉ. In: TOM ZÉ.  
Estudando a Bossa. Produção musical: Arthur Maia e Celso Fonseca.  
Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD.

[p.56] partitura

CHICO BUARQUE. Assentamento. Intérprete: Chico Buarque. In: CHICO  
BUARQUE. As Cidades. Direção Artística: J. Davidson. Rio de Janeiro:  
Marola Ed. Musicais Ltda., 1998. 1CD.

[p.58] partitura

CRIOLO. Não existe amor em SP. Intérprete: Criolo. In: CRIOLO. Nó na  
orelha. Produção: D. Ganjaman e M. Cabral. São Paulo: independente.  
2011. 1 CD e 1 LP.

[p.60] partitura

CALCANHOTO, Adriana. Vamos Comer Caetano. Intérprete: Adriana  
Calcanhoto. In: ADRIANA CALCANHOTO. Marítimo. Produção: Liminha.  
São Paulo: Sony Music, 1998. 1CD.

# bloco de notas\_

## [re][trans]ferências bibliográficas\_

- [:] texto  
livro
- ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras [de 1962 a 1995]**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. 240 p.
- AGAMBEN, Giorgio. [Tradução Selvino J. Assmann]. Desejar. In: Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 49.
- ANTUNES, Arnaldo. Poesia concreta. In: **40 Escritos**. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 67-72.
- \_\_. **As Coisas**. 8. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- BACHELARD, Gaston. [Antônio de Pádua Danesi]. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 205 p.
- BADIOU, Alain. [Tradução Marina Appenzeller]. **Pequeno manual de inestética**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 189 p.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993. 103 p.
- \_\_. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. 85 p.
- \_\_. **Memórias inventadas: a terceira infância**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 78 p.
- BENEDICTO, Monteiro. **Transtempo**. Belém: Cejup, 1993. 208 p.
- BOSI, Alfredo [Org.]. **Ferreira Gullar: seleção**. 7. ed. São Paulo, Global [Coleção Melhores Poemas], 2004. 290 p.
- CALVINO, Ítalo. (Tradução Diogo Mainardi). **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins fontes [Coleção Temas da Arte Contemporânea], 2009. 58 p.
- \_\_. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes (Coleção Temas da Arte Contemporânea), 2009.
- \_\_. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes (Coleção Temas da Arte Contemporânea), 2011.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CARVALHO, Age de. **Seleta**. Belém: Paka-Tatu, 2003. 85 p.

CHAPLIN, Letícia das Costa; LIMA e SILVA, Márcia Ivana [Org.]. **Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2012. 208 p.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COUTINHO, Marcelo. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul: isso – entre o acontecimento e o relato**. 2011. 350 f. Tese [Doutorado em Poéticas Visuais] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2011.

DANTO, Arthur C. [Tradução Vera Pereira]. Filosofia e arte. In: **A transfiguração do lugar comum**. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 99-144.

DE CERTAU, Michel. A invenção do cotidiano. In: **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1999, vol.1. Artes de fazer, p.35-53.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_. (Tradução Peter Pál Pelbart). **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_\_; GUATTARI, Félix [Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz]. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_; GUATTARI, Félix. [Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa]. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, [Coleção TRANS], 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. (Tradução Maria Aparecida B. P. Soares). **Notas do subsolo**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva. (Coleção Debates) 1991 [1958].

FANTE, John. **Ask the Dust**. EUA: HarperCollins Publishers, 1990.

FOUCAULT, Michel. [Tradução Salma Tannus Muchail]. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_. (Tradução Laura F. A. Sampaio). **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, (Coleção Leituras Filosóficas) 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. In: *Arquitextos*, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.

\_\_\_; Britto, Fabiana D. (Org). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Níveis e dimensões*. In: *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.77-98.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Obras reunidas: Poesia**. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000. 360 p.

PERLIN, Sandra T. Relação oportunista com a cidade. Belém, 2013. Citação não publicada.

PINHEIRO, Luizan. **Cidade-obra**: instauração de um corpo sem órgãos. In: MARTINS, Bene; BRAGA, Lia. Interfaces: desejos e hibridação na arte. Belém: UFPA, 2009.

\_\_. Rizoma-pixo, devir-rato. Revista CONCINNITAS, v.2, n.19, p.48-53, dez 2011.

\_\_. O que pode uma pesquisa em artes. Belém, 2012. Texto não publicado.

QUEIROZ, André. A sombra do paradoxo: epistémê e acontecimento [p.39-51]; A sombra do paradoxo: poder e resistência [p.106-121] In: **Foucault**: o paradoxo das passagens. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997 [1988]. 124 p.

\_\_. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. 2ª reimpr. São Paulo: EDUSP, [Coleção Milton Santos; 7] 2012 [2005]. 176 p.

\_\_. **O espaço do cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: EDUSP, [Coleção Milton Santos; 8] 2012 [1987]. 176 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, vol. 479, 2005.

SILVA, Letícia Tabachi. **Universidade Federal da Bahia**: Acontecimento Urbano: os escapes na cidade. 2007. 89 f. Dissertação [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2007.

SOUZA, Clei de. **Úmido**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. 73 p.

WACQUANT, Loïc J. D. A zona. In: BOURDIEU, Pierre [Org.]. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2011, 177-201.

WHYTE, William Foote. (Tradução Maria Lúcia de Oliveira). **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

[:] texto  
online

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. **Ver-o-Peso completa 387 anos como cartão-postal de Belém**. Belém: Benigna Soares/Companhia Paraense de Turismo. Disponível em: <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=97778](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=97778)>. Acesso em 01 maio 2014.

ANTUNES, Arnaldo. **O nome disso** – Discografia. [composição de 1995]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=20](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=20)>. Acesso em 01 jun. 2014.

\_\_. **Cidade** – Discografia. [composição de 2001]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=82](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=82)>. Acesso em 05 jun. 2014.

\_\_\_\_. **Gente** – Discografia. [composição de 2008]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=672](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=672)>. Acesso em 01 jun. 2014.

BELÉM DO PARÁ. **História**. Disponível em: <<http://www.belemdopara.tur.br/historia.html>>.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Busca de livros bíblicos. [versão em português / nova versão internacional]. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acesso em 5 jun. 2014.

CARVALHO, Bárbara Moraes; DIAS DA SILVA, Luiz de Jesus. **Organização sócio- espacial ribeirinha materializada na Cartografia Social e tipologia arquitetônica em ilha ao sul de Belém-Pará**. In: V Congresso ANPPAS: Anppas 10 anos – avaliando os desafios teóricos e as novas agendas públicas. 4 a 7 out. 2010. Florianópolis. Anais V ANPPAS. Florianópolis, out. 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT12-259-170-20100904000147.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2014.

CHICO BUARQUE. Discos/ficha técnica. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/discos/ft\\_as\\_cidades\\_98.htm](http://www.chicobuarque.com.br/discos/ft_as_cidades_98.htm)>. Acesso em 10 jun. 2014.

CORREIOS. Serviço de cartão-postal. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/para-voce/correios-de-a-a-z/cartao-postal>>. Acesso em 10 jun. 2014.

DIÁRIO DO PARÁ. **Erveiras do Ver-o-Peso são patrimônio paraense**. Belém: Diário do Pará, jun. 2014. Disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=71485>>. Acesso em 05 jun. 2014.

DIÁRIO ONLINE. **Toca do Morcego volta a abrigar assaltantes**. Belém: DOL, set. 2011. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-165329-.html>>. Acesso em 05 maio 2014.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Dicionário Aurélio Eletrônico 7.0. Disponível em: <[http://www.aureliopositivo.com.br/#/Softwares\\_Dicionario\\_Aurelio\\_Eletronico\\_7](http://www.aureliopositivo.com.br/#/Softwares_Dicionario_Aurelio_Eletronico_7)>. Acesso em 05 jun. 2014.

DICIONÁRIO PAPA XIBÉ. **Cametaês**. Pará: 2008. Disponível em: <<http://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>>. Acesso em 02 nov. 2013.

G1 PARÁ. **Mais de um milhão de paraenses possuem algum tipo de deficiência**. Belém: G1 Pará, maio 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/05/mais-um-milhao-de-paraenses-possuem-algum-tipo-de-deficiencia.html>>. Acesso em 31 maio 2014.

\_\_\_\_. **Ruas e prédios de Belém contam a história dos 298 anos da cidade**. Belém: G1 Pará, jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/01/ruas-e-predios-de-belem-contam-historia-dos-398-anos-da-cidade.html>>. Acesso em 5 jun. 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **Pará: História**. Belém, 2014. Disponível em: <<http://www.pa.gov.br/>>. Acesso em 01 maio 2014.

IBGE. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>.

IBGE CIDADES. **Belém**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>.

ILHA DAS ONÇAS DIGITAL. **Ilha das Onças**: história da cidade. Disponível em: <<http://ilhadasoncas.wordpress.com/a-ilha-das-oncas/>>. Acesso em 05 jun. 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pará trabalha para instalar a Casa do Patrimônio no Mercado do Ver-o-Peso**. Brasília: IPHAN, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15701&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em 5 jun. 2014.

\_\_. **Ver-o-Peso**: conjunto arquitetônico e paisagístico [Belém-PA]. Brasília: IPHAN, Brasília, 20[?]. Disponível em: <[http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_arque.gif&Cod=1484](http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1484)>. Acesso em 20 jul. 2013.

ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/Enc\\_Termos/termos\\_imp.cfm?cd\\_verbete=85&imp=N&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Termos/termos_imp.cfm?cd_verbete=85&imp=N&cd_idioma=28555)>. Acesso em 10 jun. 2014.

MERCADO VER-O-PESO, Belém, Pará. Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco. DF: 2010. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=768&itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=768&itemid=1)>. Acesso em 20 jul. 2013.

POLÍCIA MILITAR DO PARÁ. **Companhia de Policiamento Turístico da PM completa 17 anos**. Belém: PM PA, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.pm.pa.gov.br/?q=node/182>>. Acesso em 05 jun. 2014.

PROJETO MEGAM UFPA. **Belém**: cidade de ilhas. Belém: Projeto Megam, [20?]. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/projetomegam/>>. Acesso em 01 jun. 2014.

RIBEIRO, Milton. Astor Piazzolla: um elogio ao combatido vanguardista. **Blog do Milton Ribeiro**. Milton Ribeiro, 2012. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/06/01/astor-piazzolla-um-elogio-ao-combatido-vanguardista/>>. Acesso em 9 jun. 2014.

SANTOS, Elinaldo et al. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **DRd - Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado**, Santa Catarina, ano 2, n. 1, jul. 2012, p. 44-61. 2011-2014. Semestral. ISSN 2237-9029. Disponível em: <[http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART\\_ElinaldoSantos\\_2012.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART_ElinaldoSantos_2012.pdf)>. Acesso em 01 jun.

SETUR. Secretaria de Estado de Turismo. **Polícia Turística – CIP Tur: Histórico**. Belém: SETUR PA, 2014. Disponível em: <<http://www.setur.pa.gov.br/content/pol%C3%ADcia-tur%C3%ADstica>>. Acesso em 5 jun. 2014.

SONS DE PERNAMBUCO. **Pesquisa de artistas**: Di Melo, Jr. Black e Siba. Disponível em: <<http://sonsdepernambuco.com.br/artistas/>>. Acesso em 9 jun. 2014.

UNESCO. **Ver-o-Peso na lista de possível patrimônio mundial da humanidade.** Brasília: IPHAN 20[?]. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/>>. Acesso em 31 maio 2014.

UOL. **A magia do Secos & Molhados.** Rio de Janeiro: Vinícius Rangel Bertho da Silva. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/show01\\_t01.html](http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/show01_t01.html)>. Acesso em 9 jun. 2014.

VER-O-SITE. **O mercado e a história de Belém:** um pouco da história do Ver-o-Peso. Centro de Memória da Amazônia. Universidade Federal do Pará. PA: 2010. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>>. Acesso em 08 jan. 2014.

[ : ] texto  
música

ANTUNES, Arnaldo; MIKLOS, Paulo. Pavimentação. Intérprete: Titãs. In: TITÃS. **Televisão.** Produção musical: Lulu Santos. São Paulo: WEA, 1985. 1 CD. Faixa 3 .

BANDEIRA, Manoel; RICARDO, João. Rondó do Capitão. Intérprete: Secos & Molhados. In: SECOS & MOLHADOS. **Secos & Molhados:** Série Dois Momentos – 1973/1974. Direção Geral: João Ricardo. Produção musical: Luizinho Proença. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1999. 1CD Duplo. Faixa 11 [1min 3s].

BASÍLIO, Homero; BLACK, Jr.; MACHADO, Marcelo. Batida de Mocotó. Intérprete: Jr. Black. In: JR. BLACK. **Joinha Records.** Produção: Sunga Trio [China, Chiquinho e Homero Basílio]. Recife e São Paulo: Estúdio Das Caverna, 2010. 1CD. Faixa 4 [4min 42s].

CALCANHOTO, Adriana. Vamos Comer Caetano. Intérprete: Adriana Calcanhoto. In: ADRIANA CALCANHOTO. **Marítimo.** Produção: Liminha. São Paulo: Sony Music, 1998. 1CD. Faixa 7 [3min 27s].

CHICO BUARQUE. Assentamento. Intérprete: Chico Buarque. In: CHICO BUARQUE. **As Cidades.** Direção Artística: Jorge Davidson. Produção: L. C. Ramos e Vinicius França. Rio de Janeiro: Marola Ed. Musicais Ltda., 1998. 1CD. Faixa 7 [3min 25s].

CRIOLO. Não existe amor em SP. Intérprete: Criolo. In: CRIOLO. **Nó na orelha.** Produção: Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. São Paulo: independente. Realização: El Rocha. 2011. 1 CD e 1 LP. Faixa 3 [4min 41s].

DORIVAL CAYMMI. Quem vem pra Beira do Mar. Intérprete: Dorival Caymmi. In: **CAYMMI e seu Violão.** Direção artística: Aloysio de Oliveira. São Paulo: Odeon, 1959. 1CD. Faixa 9.

FONSECA, Waldir Wanderlei. Conformópolis. Intérprete: Di Melo. In: DI MELO. **Di Melo.** Direção Musical: maestro José Briamonte. São Paulo: EMI-Odeon, 2002 [originalmente gravada em LP, em 1975]. Faixa 4 [2min 43s].

PIAZZOLLA, Presto Astor. Meditango. Intérprete: Astor Piazzolla. In: ASTOR PIAZZOLLA. **Libertango.** Produção: Aldo Pagani. Milão: Pagan Music, 1974. 1LP. Lado A2 [5min 39s].

SIBA. Avante! Intérprete: Siba. In: SIBA. **Avante.** Produção: Fernando Catatau e Siba. Recife: independente. Realização: Fina Produção e Mata Norte. 2012. 1 CD e 1 LP. Faixa 9 [3min 56s].

TOM ZÉ. Roquenrol bim-bom. Intérprete: TOM ZÉ. In: TOM ZÉ. **Estudando a Bossa**. Produção musical: Arthur Maia e Celso Fonseca. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD. Faixa 8 [4min].

[:] texto  
vídeo

FOUCAULT POR ELE MESMO. França: Françoise Castro, 1966. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To&hd=1>>. Acesso em 05 jun. 2014.

JAMCINE. **Um surto psicótico no Ver-o-Peso**. Direção: Mateus Moura. Produção: QUALQUER qUOLETIVO. Belém: QUALQUER qUOLETIVO, 2010. [31min 10s]. son., color. Vídeo assistido pela internet. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZDtI01ghTvU>>.

METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Intérpretes: Rudolf Klein-Rogge; Brigitte Hunte e Gustav Fröhlich. Música: Gottfried Huppertz. Alemanha: 1927. 1 DVD(124 min). Produzido por Continental Home Video.

URBANIZAÇÃO DE BELÉM. **Varadouro**. Belém: Funtelpa /TV Cultura do Pará. Direção: Adelaide Oliveira. 2010. 2 Programas de TV [20 min cada].

VER-O-PESO. Direção: Januário Guedes; Peter Roland; Sonia Freitas. Direção de Arte: Aníbal Pacha. Belém: Crava./Semec e Embrafilme, 1984. [14min 27s]. son., color. Vídeo assistido pela internet. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=4w5p2r\\_MM78&hd=1](http://www.youtube.com/watch?v=4w5p2r_MM78&hd=1)>.



talvez acabe por aqui  
[você escolhe]

talvez acabe por aqui  
[você escolhe]

TOM ZÉ. Roquenrol bim-bom. Intérprete: TOM ZÉ. In: TOM ZÉ. **Estudando a Bossa**. Produção musical: Arthur Maia e Celso Fonseca. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2008. 1 CD. Faixa 8 [4min].

[:] texto  
vídeo

FOUCAULT POR ELE MESMO. França: Françoise Castro, 1966. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xkn31sjh4To&hd=1>>. Acesso em 05 jun. 2014.

JAMCINE. **Um surto psicótico no Ver-o-Peso**. Direção: Mateus Moura. Produção: QUALQUER qUOLETIVO. Belém: QUALQUER qUOLETIVO, 2010. [31min 10s]. son., color. Vídeo assistido pela internet. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZDtI01ghTvU>>.

METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Intérpretes: Rudolf Klein-Rogge; Brigitte Hunte e Gustav Fröhlich. Música: Gottfried Huppertz. Alemanha: 1927. 1 DVD[124 min]. Produzido por Continental Home Video.

URBANIZAÇÃO DE BELÉM. **Varadouro**. Belém: Funtelpa /TV Cultura do Pará. Direção: Adelaide Oliveira. 2010. 2 Programas de TV [20 min cada].

VER-O-PESO. Direção: Januário Guedes; Peter Roland; Sonia Freitas. Direção de Arte: Aníbal Pacha. Belém: Crava./Semec e Embrafilme, 1984. [14min 27s]. son., color. Vídeo assistido pela internet. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=4w5p2r\\_MM78&hd=1](http://www.youtube.com/watch?v=4w5p2r_MM78&hd=1)>.

UNESCO. **Ver-o-Peso na lista de possível patrimônio mundial da humanidade.** Brasília: IPHAN 20[?]. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/>>. Acesso em 31 maio 2014.

UOL. **A magia do Secos & Molhados.** Rio de Janeiro: Vinícius Rangel Bertho da Silva. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/show01\\_t01.html](http://www2.uol.com.br/neymatogrosso/show01_t01.html)>. Acesso em 9 jun. 2014.

VER-O-SITE. **O mercado e a história de Belém:** um pouco da história do Ver-o-Peso. Centro de Memória da Amazônia. Universidade Federal do Pará. PA: 2010. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>>. Acesso em 08 jan. 2014.

[ : ] texto  
música

ANTUNES, Arnaldo; MIKLOS, Paulo. Pavimentação. Intérprete: Titãs. In: TITÃS. **Televisão.** Produção musical: Lulu Santos. São Paulo: WEA, 1985. 1 CD. Faixa 3 .

BANDEIRA, Manoel; RICARDO, João. Rondó do Capitão. Intérprete: Secos & Molhados. In: SECOS & MOLHADOS. **Secos & Molhados:** Série Dois Momentos – 1973/1974. Direção Geral: João Ricardo. Produção musical: Luizinho Proença. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1999. 1CD Duplo. Faixa 11 [1min 3s].

BASÍLIO, Homero; BLACK, Jr.; MACHADO, Marcelo. Batida de Mocotó. Intérprete: Jr. Black. In: JR. BLACK. **Joinha Records.** Produção: Sunga Trio [China, Chiquinho e Homero Basílio]. Recife e São Paulo: Estúdio Das Caverna, 2010. 1CD. Faixa 4 [4min 42s].

CALCANHOTO, Adriana. Vamos Comer Caetano. Intérprete: Adriana Calcanhoto. In: ADRIANA CALCANHOTO. **Marítimo.** Produção: Liminha. São Paulo: Sony Music, 1998. 1CD. Faixa 7 [3min 27s].

CHICO BUARQUE. Assentamento. Intérprete: Chico Buarque. In: CHICO BUARQUE. **As Cidades.** Direção Artística: Jorge Davidson. Produção: L. C. Ramos e Vinicius França. Rio de Janeiro: Marola Ed. Musicais Ltda., 1998. 1CD. Faixa 7 [3min 25s].

CRIOLO. Não existe amor em SP. Intérprete: Criolo. In: CRIOLO. **Nó na orelha.** Produção: Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. São Paulo: independente. Realização: El Rocha. 2011. 1 CD e 1 LP. Faixa 3 [4min 41s].

DORIVAL CAYMMI. Quem vem pra Beira do Mar. Intérprete: Dorival Caymmi. In: **CAYMMI e seu Violão.** Direção artística: Aloysio de Oliveira. São Paulo: Odeon, 1959. 1CD. Faixa 9.

FONSECA, Waldir Wanderlei. Conformópolis. Intérprete: Di Melo. In: DI MELO. **Di Melo.** Direção Musical: maestro José Briamonte. São Paulo: EMI-Odeon, 2002 [originalmente gravada em LP, em 1975]. Faixa 4 [2min 43s].

PIAZZOLLA, Presto Astor. Meditango. Intérprete: Astor Piazzolla. In: ASTOR PIAZZOLLA. **Libertango.** Produção: Aldo Pagani. Milão: Pagan Music, 1974. 1LP. Lado A2 [5min 39s].

SIBA. Avante! Intérprete: Siba. In: SIBA. **Avante.** Produção: Fernando Catatau e Siba. Recife: independente. Realização: Fina Produção e Mata Norte. 2012. 1 CD e 1 LP. Faixa 9 [3min 56s].

IBGE CIDADES. **Belém**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>.

ILHA DAS ONÇAS DIGITAL. **Ilha das Onças**: história da cidade. Disponível em: <<http://ilhadasoncas.wordpress.com/a-ilha-das-oncas/>>. Acesso em 05 jun. 2014.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Pará trabalha para instalar a Casa do Patrimônio no Mercado do Ver-o-Peso**. Brasília: IPHAN, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15701&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>>. Acesso em 5 jun. 2014.

\_\_. **Ver-o-Peso**: conjunto arquitetônico e paisagístico [Belém-PA]. Brasília: IPHAN, Brasília, 20[?]. Disponível em: <[http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema\\_consulta.asp?Linha=tc\\_arque.gif&Cod=1484](http://www.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_arque.gif&Cod=1484)>. Acesso em 20 jul. 2013.

ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/Enc\\_Termos/termos\\_imp.cfm?cd\\_verbete=85&imp=N&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Termos/termos_imp.cfm?cd_verbete=85&imp=N&cd_idioma=28555)>. Acesso em 10 jun. 2014.

MERCADO VER-O-PESO, Belém, Pará. Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco. DF: 2010. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=768&itemid=1](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=768&itemid=1)>. Acesso em 20 jul. 2013.

POLÍCIA MILITAR DO PARÁ. **Companhia de Policiamento Turístico da PM completa 17 anos**. Belém: PM PA, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.pm.pa.gov.br/?q=node/182>>. Acesso em 05 jun. 2014.

PROJETO MEGAM UFPA. **Belém**: cidade de ilhas. Belém: Projeto Megam, [20?]. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/projetomegam/>>. Acesso em 01 jun. 2014.

RIBEIRO, Milton. Astor Piazzolla: um elogio ao combatido vanguardista. **Blog do Milton Ribeiro**. Milton Ribeiro, 2012. Disponível em: <<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2012/06/01/astor-piazzolla-um-elogio-ao-combatido-vanguardista/>>. Acesso em 9 jun. 2014.

SANTOS, Elinaldo et al. Desenvolvimento: um conceito multidimensional. **DRd - Revista Eletrônica do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado**, Santa Catarina, ano 2, n. 1, jul. 2012, p. 44-61. 2011-2014. Semestral. ISSN 2237-9029. Disponível em: <[http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART\\_ElinaldoSantos\\_2012.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART_ElinaldoSantos_2012.pdf)>. Acesso em 01 jun.

SETUR. Secretaria de Estado de Turismo. **Polícia Turística – CIP Tur: Histórico**. Belém: SETUR PA, 2014. Disponível em: <<http://www.setur.pa.gov.br/content/pol%C3%ADcia-tur%C3%ADstica>>. Acesso em 5 jun. 2014.

SONS DE PERNAMBUCO. **Pesquisa de artistas**: Di Melo, Jr. Black e Siba. Disponível em: <<http://sonsdepernambuco.com.br/artistas/>>. Acesso em 9 jun. 2014.

\_\_\_ **Gente** – Discografia. [composição de 2008]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=672](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=672)>. Acesso em 01 jun. 2014.

BELÉM DO PARÁ. **História**. Disponível em: <<http://www.belemdopara.tur.br/historia.html>>.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. Busca de livros bíblicos. [versão em português / nova versão internacional]. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/>>. Acesso em 5 jun. 2014.

CARVALHO, Bárbara Moraes; DIAS DA SILVA, Luiz de Jesus. **Organização sócio- espacial ribeirinha materializada na Cartografia Social e tipologia arquitetônica em ilha ao sul de Belém-Pará**. In: V Congresso ANPPAS: Anppas 10 anos – avaliando os desafios teóricos e as novas agendas públicas. 4 a 7 out. 2010. Florianópolis. Anais V ANPPAS. Florianópolis, out. 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT12-259-170-20100904000147.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2014.

CHICO BUARQUE. Discos/ficha técnica. Disponível em: <[http://www.chicobuarque.com.br/discos/ft\\_as\\_cidades\\_98.htm](http://www.chicobuarque.com.br/discos/ft_as_cidades_98.htm)>. Acesso em 10 jun. 2014.

CORREIOS. Serviço de cartão-postal. Disponível em: <<http://www.correios.com.br/para-voce/correios-de-a-a-z/cartao-postal>>. Acesso em 10 jun. 2014.

DIÁRIO DO PARÁ. **Erveiras do Ver-o-Peso são patrimônio paraense**. Belém: Diário do Pará, jun. 2014. Disponível em: <<http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=71485>>. Acesso em 05 jun. 2014.

DIÁRIO ONLINE. **Toca do Morcego volta a abrigar assaltantes**. Belém: DOL, set. 2011. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-165329-.html>>. Acesso em 05 maio 2014.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Dicionário Aurélio Eletrônico 7.0. Disponível em: <[http://www.aureliopositivo.com.br/#/Softwares\\_Dicionario\\_Aurelio\\_Eletronico\\_7](http://www.aureliopositivo.com.br/#/Softwares_Dicionario_Aurelio_Eletronico_7)>. Acesso em 05 jun. 2014.

DICIONÁRIO PAPA XIBÉ. **Cametaês**. Pará: 2008. Disponível em: <<http://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario/>>. Acesso em 02 nov. 2013.

G1 PARÁ. **Mais de um milhão de paraenses possuem algum tipo de deficiência**. Belém: G1 Pará, maio 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/05/mais-um-milhao-de-paraenses-possuem-algum-tipo-de-deficiencia.html>>. Acesso em 31 maio 2014.

\_\_\_ **Ruas e prédios de Belém contam a história dos 298 anos da cidade**. Belém: G1 Pará, jan. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/01/ruas-e-predios-de-belem-contam-historia-dos-398-anos-da-cidade.html>>. Acesso em 5 jun. 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **Pará: História**. Belém, 2014. Disponível em: <<http://www.pa.gov.br/>>. Acesso em 01 maio 2014.

IBGE. **Censo 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/>>.

PERLIN, Sandra T. Relação oportunista com a cidade. Belém, 2013. Citação não publicada.

PINHEIRO, Luizan. **Cidade-obra**: instauração de um corpo sem órgãos. In: MARTINS, Bene; BRAGA, Lia. Interfaces: desejos e hibridação na arte. Belém: UFPA, 2009.

\_\_. Rizoma-pixo, devir-rato. Revista CONCINNITAS, v.2, n.19, p.48-53, dez 2011.

\_\_. O que pode uma pesquisa em artes. Belém, 2012. Texto não publicado.

QUEIROZ, André. A sombra do paradoxo: epistémê e acontecimento [p.39-51]; A sombra do paradoxo: poder e resistência [p.106-121] In: **Foucault**: o paradoxo das passagens. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997 [1988]. 124 p.

\_\_. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. 2ª reimpr. São Paulo: EDUSP, [Coleção Milton Santos; 7] 2012 [2005]. 176 p.

\_\_. **O espaço do cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: EDUSP, [Coleção Milton Santos; 8] 2012 [1987]. 176 p.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, vol. 479, 2005.

SILVA, Letícia Tabachi. **Universidade Federal da Bahia**: Acontecimento Urbano: os escapes na cidade. 2007. 89 f. Dissertação [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2007.

SOUZA, Clei de. **Úmido**. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. 73 p.

WACQUANT, Loïc J. D. A zona. In: BOURDIEU, Pierre [Org.]. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2011, 177-201.

WHYTE, William Foote. [Tradução Maria Lúcia de Oliveira]. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

[:] texto  
online

AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. **Ver-o-Peso completa 387 anos como cartão-postal de Belém**. Belém: Benigna Soares/Companhia Paraense de Turismo. Disponível em: <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=97778](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=97778)>. Acesso em 01 maio 2014.

ANTUNES, Arnaldo. **O nome disso** – Discografia. [composição de 1995]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=20](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=20)>. Acesso em 01 jun. 2014.

\_\_. **Cidade** – Discografia. [composição de 2001]. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=82](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=82)>. Acesso em 05 jun. 2014.

CHAPLIN, Letícia das Costa; LIMA e SILVA, Márcia Ivana [Org.]. **Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2012. 208 p.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COUTINHO, Marcelo. **Universidade Federal do Rio Grande do Sul: isso – entre o acontecimento e o relato**. 2011. 350 f. Tese [Doutorado em Poéticas Visuais] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2011.

DANTO, Arthur C. [Tradução Vera Pereira]. Filosofia e arte. In: **A transfiguração do lugar comum**. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 99-144.

DE CERTAU, Michel. A invenção do cotidiano. In: **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1999, vol.1. Artes de fazer, p.35-53.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_. [Tradução Peter Pál Pelbart]. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_; GUATTARI, Félix [Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz]. **O que é a filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_; GUATTARI, Félix. [Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa]. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, [Coleção TRANS], 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. [Tradução Maria Aparecida B. P. Soares]. **Notas do subsolo**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ECO, Umberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva. [Coleção Debates] 1991 [1958].

FANTE, John. **Ask the Dust**. EUA: HarperCollins Publishers, 1990.

FOUCAULT, Michel. [Tradução Salma Tannus Muchail]. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_. [Tradução Laura F. A. Sampaio]. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, [Coleção Leituras Filosóficas] 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. In: *Arquitextos*, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41>>.

\_\_; Britto, Fabiana D. [Org]. **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Níveis e dimensões*. In: *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p.77-98.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Obras reunidas: Poesia**. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000. 360 p.



# bloco de notas\_

## [re][trans]ferências bibliográficas\_

- [:] texto  
livro
- ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras [de 1962 a 1995]**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. 240 p.
- AGAMBEN, Giorgio. [Tradução Selvino J. Assmann]. Desejar. In: Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 49.
- ANTUNES, Arnaldo. Poesia concreta. In: **40 Escritos**. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 67-72.
- \_\_. **As Coisas**. 8. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- BACHELARD, Gaston. [Antônio de Pádua Danesi]. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 205 p.
- BADIOU, Alain. [Tradução Marina Appenzeller]. **Pequeno manual de inestética**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 189 p.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993. 103 p.
- \_\_. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996. 85 p.
- \_\_. **Memórias inventadas: a terceira infância**. São Paulo: Editora Planeta, 2008.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 78 p.
- BENEDICTO, Monteiro. **Transtempo**. Belém: Cejup, 1993. 208 p.
- BOSI, Alfredo [Org.]. **Ferreira Gullar: seleção**. 7. ed. São Paulo, Global [Coleção Melhores Poemas], 2004. 290 p.
- CALVINO, Ítalo. [Tradução Diogo Mainardi]. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins fontes [Coleção Temas da Arte Contemporânea], 2009. 58 p.
- \_\_. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes [Coleção Temas da Arte Contemporânea], 2009.
- \_\_. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes [Coleção Temas da Arte Contemporânea], 2011.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- CARVALHO, Age de. **Seleta**. Belém: Paka-Tatu, 2003. 85 p.

II, III e IV. ITAÚ CULTURAL. Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em:  
<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/Enc\\_Termos/termos\\_imp.cfm?cd\\_verbete=85&imp=N&cd\\_idioma=28555](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Termos/termos_imp.cfm?cd_verbete=85&imp=N&cd_idioma=28555)>.

## **capítulo zero | ver-o-peso**

[p.26] “serás organizado, serás um organismo...”

LARRAURI, Maite. O desejo segundo Gilles Deleuze. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

[p.26] “aqui talvez não nos preocupemos muito...”

FERREIRA, Liliana Lobo. “Bolo folheado”. In: MELENDI, Maria Angélica; VENEROSO, Maria do Carmo de F. [Org.]. Diálogos entre linguagens. Belo Horizonte: C / Arte; UFMG/EBA/PPGArtes, 2009, p. 219-223.

[p.26] “um capítulo em ritmo de blues” e “a vida não é adiável...”

CHAPLIN, Letícia da Costa; LIMA e SILVA, Márcia Ivana [Org.]. Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu. Rio de Janeiro: Record, 2012.

[p.41] partitura

SIBA. Avante! Intérprete: Siba. In: SIBA. Avante. Produção: Catatau e Siba. Recife: independente. Realização: Fina Produção e Mata Norte. 2012. 1 CD e 1 LP.

[p.48] partitura

FONSECA, Waldir Wanderlei. Conformópolis. Intérprete: Di Melo. In: DI MELO. Di Melo. Direção Musical: maestro J. Briamonte. São Paulo: EMI-Odeon, 2002.

[p.14 ] "mundos onde se ..."  
DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.  
vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.

[p.17] "ver-o-peso, porto em que..."

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Ver-o-Peso*. In: Obras reunidas:  
Poesia. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000. 360 p.

[p.17] "olha os urubus..."

ILDONE, José. *Chão D'Água*. Belém: CEJUP, 1988, 3. ed.

[p.17] "a canoa traz o homem..."

MARTINS, MAX. *Ver-o-Peso*. In: Não para consolar - poesia completa.  
Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed.

[p.19] "um com a filosofia..."

ILDONE, José. *Rua*. In: *Chão D'Água*. Belém: CEJUP, 1988, 3. ed.

[p.25] cartões-postais - frente

I. Foto: arquivo do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil.  
Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/>>.

II. Foto: Hely Pamplona [2008]. Disponível em:  
<<http://www.paraturismo.pa.gov.br/>>.

III. Foto: autoria não identificada. Disponível em:  
<<http://blog.brasilturista.com.br/belem-para/>>.

IV. Foto: autoria não identificada. Disponível em:  
<<http://www.edmilsonbritorodrigues.com.br/>>.

[p.25] cartões-postais - verso

I. CORREIOS. Serviço de cartão-postal. Disponível em:  
<<http://www.correios.com.br/para-voce/correios-de-a-a-z/cartao-postal>>.

## **[pré]texto\_**

[p.9] “num bar abaixo do Edquador...”

MARTINS, MAX. *Num bar*. In: Não para consolar - poesia completa. Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed., p.228.

[p.9] “por trás do rosto, dos ombros...”

MARTINS, MAX. *O que pouco existiu*. In: Não para consolar - poesia completa. Belém: CEJUP, 1992, 1ª ed., p.66.

## **\_viragem**

[p.10] partitura

BASÍLIO, H.; BLACK, Jr.; MACHADO, M. Batida de Mocotó. Intérprete: Jr. Black. In: JR. BLACK. Joinha Records. Produção: Sunga Trio [China, Chiquinho e Homero Basílio]. Recife e São Paulo: Estúdio Das Caverna, 2010. 1CD.

[p.10] “a poesia é um dos destinos...”

BACHELARD, Gaston.. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

[p.10] “o que reverbera no cotidiano?”

PINHEIRO, Luizan. Aula de Arte no Espaço Urbano. Belém: PPGArtes/UFPA, 2013. Citação não publicada.

[p.10] “explosões de não-sentidos!”

PINHEIRO, Luizan. Aula de Arte no Espaço Urbano. Belém: PPGArtes/UFPA, 2013. Citação não publicada.

[p.13] “a poesia é um dos...”

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

[p.13] “sim, de fato, as palavras...”

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

na versão impressa, o **bloco de notas** está encadernado fora do trabalho e vem anexado ao caderno de escritos e afetos, por isso não está incluso na numeração de páginas original do trabalho nem na numeração do sumário.

os números de página citados aqui no bloco de notas fazem referência à numeração original da versão impressa, que pode ser encontrada no final de cada página digitalizada.

## **bloco de notas\_** **[notas das colagens]\_**

### **CAPA INTERNA\_**

"quando não havia poesia..."

ANTUNES, Arnaldo. Sobre a origem da poesia. São Paulo: Arnaldo Antunes, [199?]. Disponível em:  
<[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_textos\\_list.php?page=1&id=27](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=27)>

"uma parte de mim..."

BOSI, Alfredo [Org.]. Ferreira Gullar: seleção. 7. ed. São Paulo, Global, 2004, p.169.

"há palavras que a boca não fala..."

CARVALHO, Age de. Seleta. Belém: Paka-Tatu, 2003, p.23.

"quando morreres..."

ILDONE, José. Chão d'água. 3. ed. Belém: Cejup, 1988 [1979], p.15.

### **CAPA CD\_**

"não precisa digerir. deguste. e basta."

LEMINSKI, Paulo. Melhores poemas. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

### **EPÍGRAFE\_**

[p.6] "passei anos penteando e desarrumando as frases..."

BARROS, Manoel de. *Explicação desnecessária*. In: O livro das ignorâncias. SP/RJ: Editora Record, 1993, 1ª ed., p.31.

[p.6] "Seweisen lässt sich in diesen Bereich nichts..."

NUNES, Benedito. Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.

NOTAS

na versão impressa, estão no verso da página anterior [n.61].

<sup>1</sup> *Cantiga para ninar insones*. CAIOFERNANDOABREU, Poemas Nunca Publicados, 2012, p.119-120.

<sup>II</sup> música Conformópolis, de DIMELO, em álbum gravado em 1975.

ela então desperta  
ela tenta gritar  
contra o que lhe aperta  
e que lhe faz calar  
mas ela deserta começa a  
chorar mas ela deserta  
começa a chorar mas ela  
deserta começa a chorar

II

narcodpendente, ex-garota de programa. ama mulheres.  
entre os vendedores do Ver-o-Peso não tem nenhuma  
credibilidade. corpografia literal, no corpo dela |  
meu | urbano. não há dúvidas de que é uma mulher  
sofrida. mas a dúvida há, sobre outras tantas coisas..



canivetes e perfurações por espancamento, nos gestos, inconclusos. a pele traz, ainda, marcas de tatuagens, muitas. disse-me ter dois filhos, mas fala com carinho de apenas um, escorpiano como ela. ex-presidiária, ex-





sem sonho algum  
enquanto chove  
dentro e fora  
a chuva fria.  
amanhã tem mais.<sup>I</sup>

Poliana é uma mulher de 32 anos, segundo a sua matemática. Possui vestígios de seu passado na fala, por vezes incerta ou gaguejante e extremamente confusa ou incoerente, na pele, coberta por marcas de facas ou

# [re]conformópolis

família – amor próprio amor corpo amor mulher desamores tantos  
vida – vazio isento cio céu toda cor corpo todo risco arriscar-se  
trabalho – recomeço ilusão passado presente futuro sonhado ontem

.....



....

- *pô*, Poliana, onde tu *tava*??? *num* some que tem cliente pra comprar!  
- *tô* aqui conversando com *as menina* há um tempão. *tava* contando *aquelas coisa toda...* só não contei essa parte : tem *essas marca* que eu *tava* falando pra vocês, *né*, mas também tem essa : tatuei o nome dela aqui: *\_a* única coisa boa que me aconteceu na prisão -

NOTAS

<sup>I</sup> *Minifesto*. PAULOLEMINSKI, Melhores Poemas, 1996, p.104.

<sup>II</sup> *Abaixo o além*. Ibid., 1996, p.184.

na versão impressa,  
estão no verso da página  
anterior [n.56].

quem me dera  
um céu vazio

vida – sofrer uma coisa no corpo – travessia – flanância – não-ser  
família – carência – borra – rememória – vazio – carne – nada  
trabalho – aposta – sabotagem – cana – deleção – delinquência

azul [...] isento  
de sentimento  
e de cio<sup>II</sup>

vida – sofrer uma coisa no corpo – cruzamento – arritmia – ser  
família –penúria- nódoa –recordação–amargor – víscera – lesão  
trabalho –jogo– trapaça–masmorra –blefe– desventura – fraude

[...]

ave a raiva desta noite  
a baita lasca fúria abrupta  
louca besta vaca solta  
ruiva luz que contra o dia  
tanto e tarde madrugaste  
I

vida - sofrer uma coisa no corpo -atravessamento -desvio- não  
família - indignância - mancha - memoriar - desgosto - dano  
trabalho -roubo- armadilha -cárcere- falha -infortúnio - delito

[...]

# [des]conformópolis

vida – sofrer uma coisa no corpo – passagem – errância – não-ser  
família – pobreza – marca – lembrança – dor – entranha – perda  
trabalho – furto – engano – prisão – omissão – desgraça – crime

[...]



.....

até hoje eu sinto *umas coisa* no corpo por causa do meu passado. sofri pra caramba. fiz muita besteira. e a vida não perdoa ninguém. **pobre, então\_\_**

[...]

, essa marca maior da testa foi a última vez q' eu fui presa, q' eu era nova, *né*?! aí eu era garota de programa, tinha um corpo todo bonito..., eu saía pro motel e roubava eles, mas só os 151, *os cara*. não roubava mulher. enganava muito eles, que *gostum* de se fazer de *esperto*. mas *os cana* me pegaram numa dessa. da última vez que eu tentei roubar, o cara, ele me pegou e chamou a polícia. [:]  
*num teve* jeito, passei um tempo presa.

.....

NOTAS

na versão impressa, estão no verso da página anterior [n.51].

<sup>I</sup> música Conformópolis, de DIMELO, em álbum gravado em 1975.

<sup>II</sup> texto inspirado no Idioleto Manoelês Archaico, de Manoel de Barros. ver: MANOELDEBARROS, Livro Sobre Nada, 1996, p.43.

<sup>III</sup> música pavimentação, de ARNALDOANTUNES e PAULOMIKLOS, no álbum Titãs - Televisão, de 1985 [ano de lançamento do LP].

a cidade acorda  
e sai pra trabalhar  
na mesma rotina  
no mesmo lugar

trabalho – enquadramento – madrugar na neblina – cinza – recomeço  
família – sangue – segredo – lugar – [pre]conceito – perdão – renascer  
vida – pó – fumaça – fugaz – solidude – ruminação – morada – reviver

[...]

labuta – medo – usança – prazer bastardo – volta por cima – recontar  
tempo – prece – ingloria assumida – carinho recuperado – recontar  
não-sim – verdade-mentira – omissão – desejo – era-foi-é- recontar

ela então concorda que  
tem que parar  
ela não discorda  
que tem que mudar  
mas ela recorda  
que tem que lutar<sup>I</sup>

[...]

trabalho – zona de desuso – coisificar – aceite- açoite- empobre[s]er  
família – deserdar – engolir o choro – ouvesente – reter insone – ar  
vida – zona de intensidade – desvãos diários – escuro humano – breu

[...]

rotina adversa – revés – prazer congelado – cegueira – oscila – nada  
corpo que bate – coração-abandono – cabeça em alerta – fusco-retina  
desacontecer – inércia – incêndio – reflexo atentador –atendo-a-dor

mas ninguém sabe como  
a gente é feita,  
se a gente é feita ou  
não.

trabalho - exaustão do ser - tempo cortante - ter - lonjura de si  
família - vãos de saudade - chaga - rudez - desmancho - dívida  
vida - latejo marginal - abandono pessoal - desejar-ser - dúvida

[...]

[...]

gueto citadino - refúgio do erro - cabeça sem pensa - dilata a retina  
miudezas - restos - imperfeições - ínfimo transver - arrepender-se  
cuidados de si - dor nas entranhas - poço - beco obscuro - passagem

mas do que é feita  
a gente?  
é feita de pé,  
é feita de mão.  
é feita de pé e  
mão.  
ou não? <sup>III</sup>

# conformópolis<sup>I</sup>

trabalho - fim de um lugar - linhas tortas - solidão - limo - ingloria  
família - transtempo - gueto da lembrança - droga - nó - infância  
vida - trepar no abstrato - agonia - corredeiras - avesso - relento

[...]<sup>II</sup>

promessas entorpecida - corpo que padece - ferrugem - desnome  
congelar as horas - espera - herança - história - estigma - cuidado  
perder a conta dos anos - descontrole de si - acúmulo de não - fé



ei, menina! ei, da barraca! me dá aí um pano pr'eu limpar uma mesa lá atrás, que a gente vai é comemorar, que hoje é **meu aniversário!!!**

[...]

eu nasci dia 20 de novembro, meu filho dia 17. ele fez 12 anos agora ... tive ele quando eu tinha 29, *tô* fazendo 32. [~~] mana, eu fiz foi uma promessa, *tô* muito feliz que ele já *tá* grande. eu era muito drogada, sabe?! pedi pra Deus me dar meu filho com saúde, que se ele nascesse bom eu saía dessa vida de droga ... hoje eu só vendo bombom e levo caixa na Ceasa, não uso bagulho nem roubo ninguém.

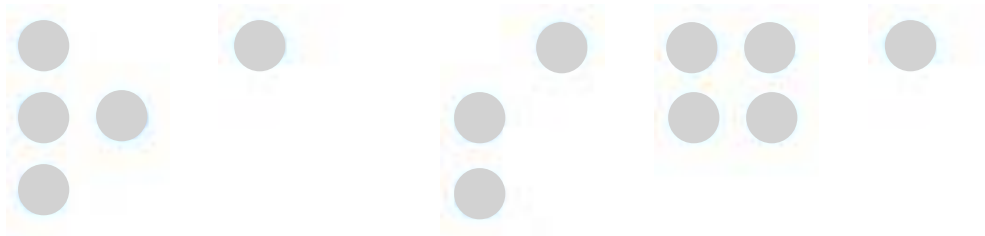
[...]

\_mana, só o que eu faço hoje é trabalhar [:] eu vou dez da noite pra Ceasa, saio de lá seis da manhã. lá durmo só um pouco no papelão *mermo*. quando é dez/onze da manhã eu venho pro Veropa e fico até à noite vendendo. meu filho fica com a mamãe.

.....

POSTAGE  
No. 46







rasga

-  
ei, psiu!  
que *cês tão*  
fazendo aqui?  
é melhor ir  
embora.

[:]  
ninguém vem  
pra Pedra  
essa hora.  
Mercado vazio,  
Doca vazia,  
vão roubar!

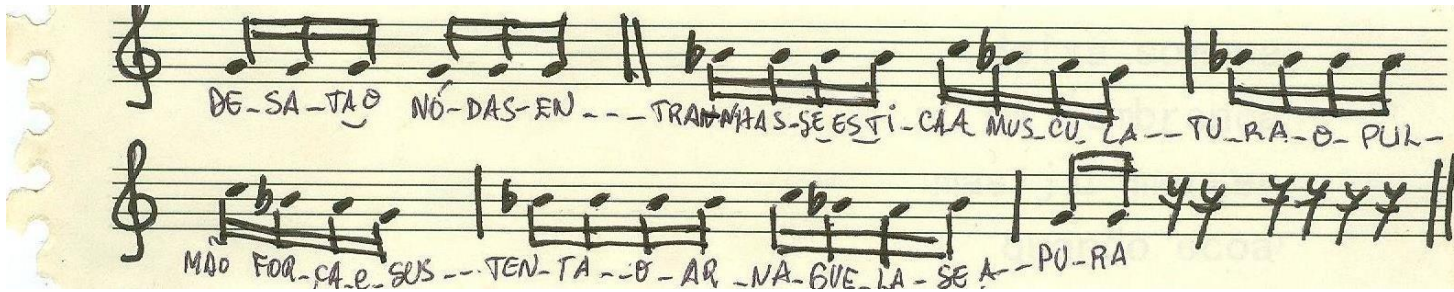
[...]  
\_fim de feira,  
não tem nada  
pra fotografar.

~~

NOTA

<sup>1</sup> música de SIBA, no álbum homônimo de 2012.

na versão impressa, estão no verso da página anterior [n.41].



**FELIZES OS AFLITOS, PORQUE SÃO CONSOLADOS. FELIZES OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA, PORQUE SERÃO SACIADOS. FELIZES OS QUE PROMOVEM A PAZ, PORQUE SERÃO CHAMADOS FILHOS DE DEUS. [Mt. 5:4,6,9]**

a absolvição dos homens [?]

a chave dos céus [?]

que liberdade era a que perseguia?

.

bem-aventurança: anseio por um mundo novo.

:

acreditar em si próprio -

o que os ouvidos  
recolhem  
são fragmentos  
do fel  
que espirrou  
das marretadas  
que destroçaram  
babel  
-

um assovio  
solta  
um pássaro  
que rasga  
o espaço  
e voa  
que parte  
mas não  
retorna  
que ilumina  
quando entoa  
deixa sombra  
na lembrança  
mas já morreu  
quando ecoa<sup>1</sup>

**E QUEM VIER A MIM EU JAMAIS REJEITAREI.  
POIS DESCI DOS CÉUS, NÃO PARA FAZER A  
MINHA VONTADE, MAS PARA FAZER A  
VONTADE DAQUELE QUE ME ENVIOU. [Jo.6:37-38]**

\_\_um pastor, um cajado em seu microfone, gritos de fé,  
ovelhas perdidas. ver-o-peso.

ora com voz chorosa, tremia em agonia.  
[temor ao debater-se em convulsões]\_\_

agora, elevado está. no topo da escadaria regia um  
lamento. concerto em ladainha. à procura do outro  
seguia no conserto de si e ganhava novos olhares.  
absolvição terrena.

, com poder para condenar praguejar exorcizar desconjurar.  
putas bichas sapatões drogados assassinos ladrões traidores

há um HOMEM DE DEUS na feira do ver-o-peso.

há um homem na feira. livre.

a feira –

a voz  
esparrama  
aonde  
at é então  
não coubera

–  
os microfones  
parecem

longas serpentes  
mutantes

que copulam

com as máquinas

que acendem

botões brilhantes

ejaculando

as descargas

de som

nos autofalantes

–  
a língua

destila

a seiva

dos dentes

da cascavel



**ESCREVA, POIS, AS COISAS  
QUE VOCÊ VIU, TANTO AS  
PRESENTES COMO AS QUE  
ACONTECERÃO. [Ap. 1:19]**

ele. que acredita em um único deus. sabe das verdades da terra.  
e dos abismos também. livro vício homemulher. tão crente, caíra  
no desvão de crer no homem. sem acreditar em si mesmo. um  
discurso replicante. \_ouvira de outros o que gritava ali.

não contava segredos. desabafava. escapava do passado apoiando-se  
na salvação futura. crédulo em sua [nova] missão. levava a palavra aos  
homens e expurgava suas más vontades.

novos movimentos de corpo na vida daquele homem. novos discursos.  
outros disparos. tinha na boca : na voz escarrada : no ar que lhe  
faltava [,] as armas.

[:] bem aventurados os homens santos, pois eles  
serão seus próprios deuses -

e canta  
o rosto  
inteiro  
estremece  
em vez  
de sorrir,  
se espanta  
feito  
canhão  
que ribomba  
com ferrugem  
na garganta  
—  
da mesma  
forma que  
o bafo  
precede  
o ronco  
da fera  
ou como  
a noite  
é parida  
da gravidez  
da cratera



**AVANTE** o sol era o mais alaranjado que já queimou nesta terra. o caminho  
I estava difícil. a feira lotada e um poluição sonora que se avolumava a  
cada minuto. era preciso andar com atenção e desviar com frequência.  
cobradores de vans na tentativa de seduzir a clientela nos pontos  
de ônibus. um e outro barco chegando. o céu ameaçava chover.  
às onze da manhã eu só queria chegar ao meu destino. [:] naquele  
domingo o mercado era apenas uma passagem.

então uma tenda branca expurgava a quentura do dia. vi de relance,  
ao passar no centro da feira. ali acabara a minha isenção.  
e começara um transe perturbador –

era de uma respiração tão agoniada [,] umas pausas tão sufocadoras  
que meus ouvidos dispersos transformaram-se em grandes portas  
abertas. atração fatal [!] um culto evangélico armado em  
meio a tudo aquilo. no dia de maior movimento. e calor. e umidade.  
e bate-palma. e fregueses. e trânsito. e palavras de[s] ordem. [...]

enquanto os pecadores o rodeavam ele tentava segurar o microfone  
com os poucos dedos que lhe sobravam ajustando o terno de número  
maior uma gravata com nó improvisado ao mesmo tempo em  
que fixava volta e meia o olhar em cada um dos três fiéis que ali permaneciam  
sentados. dois em hipnose e uma que sempre ajustava o microfone.

seu discurso trazia no rosto: marcas profundas de querelas da vida.  
de um homem mundano que diz esquivar-se do mundo. que cruza  
os vão da cidade entre verdadeiro x falso | pecado x salvação | certo x  
errado | céu x inferno. em nome de um deus que só ele conhece.

desata

o nó

das

entranhas

se estica

a musculatura

o pulmão

força

e sustenta

o ar

na goela

se apura

a língua

recebe

a carga

larga

depois

que tritura

–

desfeita

a trava

dos dentes

a boca

escancara



[...]

que *Jesur Crirto* te ama [aleluia!] que *Jesur Crirto* quer mudar seu cativeiro [aleluia!] que *Jesur Crirto*, ele quer mudar a sua vida [aleluia!] isso ele vai fazer com você e eu vim pra te dizer isso, irmão!

[...]

-aleluia! louvado seja o nome do senhor *Jesur Crirto*! aleluia!

[...]

, eu sei o que você tá passando [aleluia!] venha, se sente aqui, entre na casa do Senhor! [aleluia!] saia dessa droga! [aleluia!] saia desse pó maldito que quase ME matou! [aleluia!] saia dessa mulher maldita que quase ME matou! [aleluia!] saia dessa pinga! [aleluia!] pare de roubar, de matar! [aleluia!] EU NÃO FAÇO MAIS ISSO! [aleluia!]

[...]

eu e você, uma outra hora *nór se encontrava atrás* da malhada [louvado seja o nome do senhor *Jesur Crirto*!] esquecido, abandonado, sozinho [louvado seja o nome do senhor *Jesur Crirto*!]-

[...]

esquece o mundo! essa farra! *esser livro* do mundo! *essar novela* que só *ensinum* o que *num* presta! essa sem-vergonhice da luxúria! isso não é de Deus! acaba com isso! a Igreja veio te buscar! AQUI NÃO TEM NADA DISSO! jogue no abismo tudo que faz mal! e não esquece irmão: o homem foi feito pra mulher e ela pro homem. *or* dois são *abençoado* na Casa do Senhor!

: louvado seja o nome do senhor *Jesur Crirto*!  
: aleluia!

<sup>I</sup> inspirado no texto homônimo de CAIOFERNANDOABREU, em *Poemas Nunca Publicados* [2012].

<sup>II</sup> atualmente é o prédio administrativo da Feira do Açaí. mas foi naquele casarão que funcionou o primeiro necrotério de Belém, durante a intendência de Antônio Lemos, no século XX, com sua política de higienização social. alguma informação adicional é possível encontrar em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/01/ruas-e-predios-de-belem-contam-historia-dos-398-anos-da-cidade.html>>.

<sup>III</sup> no cametaês[:] = com raiva; aborrecido; chateado.

<sup>IV</sup> *Evocação do Silêncio*. FERREIRAGULLAR, Seleção, 2004, p.222-227.

<sup>V</sup> MICHELFOUCAULT em entrevista denominada Foucault Por Ele Mesmo.

<sup>VI</sup> em concordância com as palavras de MICHELFOUCAULT, quando diz que ócio, crime e loucura são considerados desvios do sistema. são práticas de experiências-limite, de ruptura.

<sup>VII</sup> 12. CAIOFERNANDOABREU, *Poesias Nunca Publicadas*, 2012, p.47-48.

<sup>VIII</sup> gíria referente ao efeito da maconha no organismo.

<sup>IX</sup> JACKKEROUACK, *Os Subterrâneos*, 2007, p.37.

<sup>X</sup> JACKKEROUACK, *op. cit.*, p.33-34.

<sup>XI</sup> JACKKEROUACK, *op. cit.*, p.42.

na versão impressa, esta  
página traz marcas de  
perfuração de cigarro

louca eu  
em pensar que seria  
uma tarde comum de março

ferida eu  
que saí queimando em surdez  
cheia de fendas  
acontecendo

em mim

a dor  
o grito-silêncio

que chegam à queimar roupas,  
disparos do pen[s]ar à queimar roupas –  
maquinamente  
máquina-mente  
máquina, mente

cá embaixo olhando pro cartão-postal  
**estouro da meia-noite**

fugindo para a toca e vivendo nossas dores sozinhos <sup>XI</sup>

ele mentia.  
roubou meu sossego.  
\_tudo o que eu tinha naquele transtempo.





[...]  
a tarde  
a rua

o medo<sup>VII</sup>

mudo  
contou-me da dureza dos dias  
como escorrega entre as zonas  
claro | escuro | ver | o | peso  
como se equilibra no chão liso  
degrau aonde a máquina o empurra

a porosidade dos dias  
do olhar  
do controle  
da higiene  
da praia  
social onde se afoga

**no veropa  
cén de urubus  
praia de garças**

movimento das garças de lá  
a cada desmatamento  
um migração  
pela sobrevivência

\_\_pirações  
em tardes  
sombrias

**o desmatamento das ilhas  
próximas provoca a migração  
das garças em busca de  
nutrientes. elas aportam na  
antiga praia da Campina, hoje  
Doca do Ver-o-Peso.**

ilhado  
brisado<sup>VIII</sup>  
faminto  
ferido  
insone

[...]  
aturando

**seus**

, o coração batendo  
no silêncio, na paz

longos  
pensamentos

fria e escura<sup>IX</sup>

soturnos<sup>X</sup>

o espaço<sup>V</sup>  
enquadrado  
recortado  
matizado

ninguém  
saberá  
da segura  
de nossos  
olhos  
da dureza  
de nossa  
boca  
ninguém  
saberá

as feridas nas pernas  
o batente  
a sujeira  
a memória daquele lugar  
- *pita um!*  
[finalmente ele falou]

e eu tinha mais um **não** cortante  
além daqueles tantos  
[co]rrespondidos entre  
nossos corpos

*entre nós não havia  
olhares entre olhos,  
apenas entre corpos.  
eu tentava ler o  
quanto podia os seus  
movimentos, porque não  
olhava para mim.*

ele fumava  
, e desviava do sistema<sup>VI</sup>  
estava pronto para a guerra  
entorpecia o ócio  
furtavam sua adolescência  
simulava loucura

do fio  
das unhas  
da dor  
no dente  
do sangue  
guardado  
no fundo  
da gaveta

*experiências-limite :  
experiências de fronteira :  
ruptura*

ali estávamos  
sentados  
à beira do limite  
entre fronteiras  
[:] as nossas as dele as minhas  
e a nossa  
\_\_construída rachada  
por essa experiência de contágio com  
a vida do outro

| cantiga para ninar insones |<sup>I</sup>

, ele  
frio e subterrâneo.

eu, sem grandes pretensões.  
descendo os ladrilhos da Feira do Açaí após um café.  
nada de mais.

olhei pra'quele garoto aos pés do necrotério<sup>II</sup>.  
sentado próximo ao chão.

amuado<sup>III</sup>. enfrentando-me num  
- *quíé*, tia?  
desaforado e distante

e acabei trazendo-o para cá [...]

o silêncio era frio

[...]

que silêncio

era esse

tão gritado

de vozes

[todas elas]

queimadas

em fogo alto?<sup>IV</sup>

, quando sentei ao seu lado  
encostei no vento-breu daquela voz

\_\_\_\_\_.

Ê  
NUM VÔ TI RÔBÁ, NÃO  
NEM TEM NADA\_\_\_\_  
[...]  
NUM RÓBU MALUCO  
\_\_\_\_SÓ PLAYBOY!



<sup>I</sup> referência ao título da compilação de poemas, de 1975 a 1980, de Ferreira Gullar, republicada na coletânea Seleção, em 2004.

<sup>II</sup> além deste posto da Polícia Militar, há também um da Guarda Municipal, localizado no térreo do Solar da Beira.

<sup>III</sup> o Solar da Beira é um casarão em estilo neoclássico localizado dentro da Feira Livre, próximo à avenida Castilhos França. passou por algumas reformas e teve várias funções, como órgão de fiscalização municipal, restaurante, espaço cultural e, especialmente, o Museu do Índio [que funcionava no andar mais alto]. hoje, em suas laterais externas, funcionam banheiros e poucas lojas. internamente, é um grande depósito de materiais para limpeza pública, somente. totalmente deteriorado e esquecido. [informações atualizadas pela escritora, como base foi utilizado o link: <<http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>>]. há alguns anos há um projeto no IPHAN, sob responsabilidade da Superintendência do IPHAN no Pará, para transformá-lo em Casa do Patrimônio. mais informações no site do IPHAN, disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/pesquisa.do>>.

<sup>IV</sup> Companhia Independente de Policiamento Turístico – CIPTur: criada em 1996, com policiais selecionados a partir de um perfil de atendimento ao público, especialmente aos turistas. recebem capacitação que inclui habilidades em línguas estrangeiras. atuam em mais de dez pontos de Belém. – informações extraídas de: Secretaria de Estado de turismo [Setur]: <<http://www.setur.pa.gov.br/content/pol%C3%ADcia-tur%C3%ADstica>>.

<sup>V</sup> MICHELFOUCAULT em entrevista denominada Foucault Por Ele Mesmo.

<sup>VI</sup> *Cidade*. ARNALDOANTUNES, Discografia [no site], 2001. disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=82](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=82)>.

<sup>VII</sup> utensílio de cerâmica utilizado em alguns rituais de religiões afro-brasileiras. na cultura paraense, é utilizado principalmente para amassar açai

<sup>VIII</sup> referência à MICHELFOUCAULT.



ver-o-peso a quem pertence [?] será o ponto da questão

o ponto além do ponto:

turista ali faz **ponto** que é da puta também  
**ponta** de terra pra ribeira de lá que traz  
alguidar<sup>VII</sup> pra gira e pro **ponto** de ônibus  
que a cidade corre e para no mesmo **ponto**  
todo mundo passa por lá e **aponta** no rio a  
**reponta** vinda pras bandas de cá [\_ponto].

ali todos passam ao mesmo tempo em todos os lugares

mas quem tem direito de ser? de estar? de ter direitos?

ócio exilado  
crime exilado  
loucura exilada

no ver-o-peso  
estão

exilados os nativos  
ócio crime loucura nativos.

pois é preciso **conhecer** para **sujeitar**  
**saber** para **comandar**

vejam  
como a razão é  
lacônica e imperativa,  
quando se trata de julgar  
o contrário dela mesma.<sup>VIII</sup>

a Companhia Independente de Policiamento Turístico<sup>IV</sup>  
é especializada em relacionamento, atendimento,  
orientação e segurança dos turistas, principalmente.  
disseram-me.

- e o estado assegura seu cartão-postal.

a posse do corpo-ver-o-peso e seus corpos ambulantes.

violência dominada em discurso<sup>V</sup> para gringo ver.

soldados marchando pela sensação de segurança.

refúgio no erro de não enxergar as suas gentes.

cidade	nas
sem	paredes
céu,	dos
mas	lares
com	e
paisagens	os
portáteis	turistas
nas	estragando
janelas	todos
das	os
celas	lugares <sup>VI</sup>

.....na vertigem do dia<sup>I</sup>

há um posto de polícia militar<sup>II</sup> no Mercado de Peixe.  
eu sabia.

há um certo tempo vejo policias caminhando pela feira.  
desta vez, estavam parados na lateral do Solar da Beira<sup>III</sup>  
\_\_aos pés de toda aquela história abandonada.

sabendo que o dia seria tranquilo. mais um de tantos [...]

, início de tarde em que nada acontece no cartão-postal.

Cabo Rayssa e Cabo Ruiz fazem a ronda enquanto o  
ver-o-peso acontece.....[:]

loucos constroem suas cenas. viciados cultuam o ócio  
em ressacas. pivetes cheiram cola. crianças e  
adolescentes vagam abandonados. mendigos procuram  
sombra nas calçadas para dormir. pedintes esmolam.  
apostadores arriscam no jogo do bicho. barraqueiros  
disputam a clientela. fornecedores encerram sua  
jornada para dar lugar a outros. ambulantes em todos  
os lugares vendem de tudo. boieiras entregam as  
refeições. mercadorias pessoas animais abastecem os  
barcos. prostitutas trocam de turno. maré determina a  
ancoragem. turistas sendo turistas.

o ver-o-peso não é  
mais um lugar de  
bandidagem. ninguém

mata, rouba,  
tráfico entorpecentes  
aqui. foi-se o tempo  
que os *bandido* eram  
conhecidos por aqui...  
hoje é só coisa besta\_

as principais  
incidências são de  
pequenos furtos. ge-

ralmente  
turista  
que anda distraído,  
aí vem um malandro e  
leva alguma coisa,  
sabe? ou então tem  
briga nas barracas...



na versão impressa, esta página traz um envelope de correspondência com quatro cartões-postais do Ver-o-Peso [exemplificados abaixo] contendo o conceito de cartão-postal a partir dos Correios e da Enciclopédia de Artes Visuais do Itaú Cultural.



Remetente.....

Endereço .....

					-		
--	--	--	--	--	---	--	--





*muito presentes nos  
cartões-postais  
que representam  
o ver-o-peso.*

e um aviso: *estamos mastigando juntos* [!] \_\_ :porque se rio, fauna e flora são a representação da gente, eu trago gente para lhes dizer que elas mesmas se representam. são cartão-postal de si mesmas. são rio, fauna, flora, e, e, e [...] são o ver-o-peso. também. [e quando querem].

por isso voz digo o que trago. anotações sobre um amor urbano<sup>45</sup>. da construção mútua: minha-pele-tecido-cidade. um mapa possível do[s] submundo[s] do ver-o-peso, a partir do humano. um mapa do impossível. a agonia de ser os haveres do ser, no solo sonho sina da cidade<sup>46</sup>.

*[como é que chama o nome disso?]*

*o nome disso é **rotação***

***movimento***

***representação***

*the word for what this is is name*

*the name of this é isso*

*o nome disso is place*

*el nombre of name space*

*el nombre do nome esfera*

*o nome disso é ideia.<sup>47</sup>*

- língua, meu rizoma. [:] vetor em movimento : território da prática-potência : força no que se é : estar sendo um acontecimento.

- aproximações e distâncias. [:] afectos-perceptos : povoa e deserta : desejo de não-limite : vir-a-sendo árvore em não-raiz, árvore-ser.

arvorecer que me toma para nunca mais - e me deixa, ao fim da página, sem ter o que dizer. \_\_\_\_\_ . entro perdida. saio fissurada. sem sair desta escritura.

, o que agora já não é mais. ou talvez fosse. [já era algo que eu não sei para onde vai] —

<sup>45</sup> ABRUJO, Caio Fernando. Ovelhas Negras (de 1962 a 1995). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

<sup>46</sup> *Cântico XXVII*. Ibid., 2000, p.79, 42 e 23.

<sup>47</sup> *O nome disso*. em: ANTUNES, Arnaldo. Discografia. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=20](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=20)>.



gente, estranha sim,  
 estranha a mente,  
 estranha a gente,  
 estranha  
 de manhã, de noite, de manhã  
 estranha gente,  
 estranha a mente,  
 estranha sente,  
 estranha a gente,  
 estranha  
 ...corpo.no.corpo.colado.no.outro,  
 desequilibrado no breu  
 cada pessoa  
 é uma outra pessoa  
 mas todos se chamam de **eu.**<sup>49</sup>

estamos entre várias peles. metamorfose da paisagem urbana que recicla as formas de uso da cidade. sotaques que se ouvem em cada ponta do ver-o-peso. mundo mais profundo que suas representações postaislescas. espelho da complexa paisagem humana de nós. do cada-um que faz o[s] nós. cultura diversa de colonizador, língua, pronúncia, etnia, miscigenação, história. origens de um escondido urbano guardado no ver-o-peso. omitido nos cartões-postais \_\_margens que não dão conta de tantas bordas.

bordas do não oficial, dos usos do povo. ver-o-peso abusado pelas gentes. desde o apelido. VEROPA e os tantos jeitos de pronunciar seu nome de batismo. dependendo de onde se vem, chama-se com um carinho diferente. [:] veropeso vêrupeso vérupêso vêu-peso vê-upeso. e ainda tem o lá em baixo. sem contar a toca do morcego, caverna-esconderijo de pivetes<sup>48</sup> acoplada na grande pedra-chão da Feira Livre, abaixo do solo, de cara para o rio. e o curral das éguas, primeiro nome dado à Feira do Açaí. não há tombamento que dê jeito –

gente de tantos lugares. espaços de múltiplos cenários. territórios em constante desterritorialização. pessoas e lugares de ninguém. são muitos tantos indefinidos. gente-[re]território. gente [:] devir submundo[s].

*onde se multiplicam os esses de submundo[s]*

mundos atropelados pela urbanização da metrópole. por isso aqueles de quem pouco ou nada se escreve. estão lá, no subterrâneo da linguagem. poucos registros. histórias contadas de boca a boca. subscritos subscritos. lá, em uma memória esfumada. estão no ENTRE. da linguagem da cidade da arte da estética. estão aqui.

no aqui-agora da pupila. no sigilo-signo-solidão da surdez. no estalar da mandíbula. \_\_tatear sinestésico, degustação de sentidos. sinto o cheiro para desarmonizar o gosto.

<sup>48</sup> pivete = ladrão de pequenos furtos, geralmente pré-adolescentes e adolescentes.

<sup>49</sup> Gente. em: ANTUNES, Arnaldo. Discografia. Disponível em: <[http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec\\_discografia\\_sel.php?id=672](http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=672)>.



tantas feiras dentro do ver-o-peso. [,] devir feira por entre as pessoas. em cada postal a [não]sílabas e a saliva dos que esbarraram por mim naquele emaranhado. novelo de gente no **ante-cartão-postal**. o que consegui enxergar no cada-um daqueles corredores. e também um pouco da ausência dos que não foram postalizados. mas reconhecer a contribuição desses que vieram só na lembrança. \_junto às farinhas do Orivaldo. a cerveja e gentileza da Rosângela na Feira do Açaí. às famosas boieiras. às frutas curiosas da Carmelita [...] <sup>51</sup>. tantas pessoas dentro da feira. [,] devir ver-o-peso dentro da gente.

...um devaneio, diferentemente do sonho, não se conta. para comunicá-lo, é preciso escrevê-lo, escrevê-lo com emoção, com gosto, revivendo-o melhor ao transcrevê-lo. <sup>52</sup>

**o núcleo  
poético**

, ainda sinto o **gosto do devir**. contato físico, sensorial com a poeira dos ambientes. intimidade que eu sempre resgatava ao voltar para casa e escrever. \_quando eu tentava descobrir que sons as imagens de lá me provocavam. **degustação-linguagem-mundo**. e então surgia a música dos sons daquelas imagens. estão aqui [!] UM POSTAL PARA CADA ALGUÉM ENCONTRADO NOS SUBMUNDOS DO VER-O-PESO + UMA CRÔNICA PARA INTERPRETAR CADA POSTAL.

... **do[s] submundo[s]**

estamos entre várias paisagens. portuguesas italianas francesas. nas praças, nos coretos, em ruas como a principal do ver-o-peso, Boulevard Castilhos França. inglesas. nos ferros do Mercado de Peixe e Mercado de Carne e nos gradis das casas antigas. americanas. nas edificações modernas super elevadas. caboclas. nas moradas-palafitas suspensas sobre o rio, no clima úmido, na morenidade da pele.

<sup>51</sup> menção às pessoas que não tiveram suas narrativas transcritas em postal nesta escritura / boieiras = mulheres que trabalham fazendo refeições para vender aos trabalhadores da Feira; referente à boia.

<sup>52</sup> BACHELARD, Gaston. [Tradução Antônio de Pádua Danesi]. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p.7.



[o poeta dá à obra o seu nome. o leitor, a sua imagem<sup>53</sup>] – ver-o-peso [:] postais-submundo [:] linha tênue, e cortante, entre filosofia e poesia. caos. passagem entre tempos, espaços, linguagens, significações, desejos, meios e territórios. como postar em um cartão essas inspirações [a]estéticas? por entre o NÃO é que corrói a poesia\_ melhor escrevê-las, e transcrevê-las [!] postais de imagem poética \_um porvir da linguagem.<sup>54</sup> postais que trazem sentidos outros dos devires de lá. pois cada ser que por ali passa faz do ver-o-peso novamente um lugar de [a]significações. cravado no Centro Histórico de Belém, divide espaço com museus que datam séculos passados. entre eles Museu de Arte Sacra, Museu de Arte de Belém, Museu Histórico do Estado do Pará, Museu do Forte do Presépio. locais públicos + arte institucionalizada + estética padronizada + público-plateia \_\_\_\_\_ cravados na Feira, os trabalhadores do ver-o-peso, e frequentadores, visitantes, passantes dividem espaço com muros históricos cheios de memórias que datam séculos passados e também os embutem novas formas de significação. pixo artesanato grafite medicina popular abridores de letra<sup>55</sup> culinária oralidades de velhos. museu a céu aberto + arte da vida + subversividade estética + público-errante-corpográfico. **potência** \_\_\_\_\_

palavra de ordem:

pollemizar

grito de guerra:

imagem poética,

54  
um novo ser da linguagem

<sup>53</sup> Edmond Jabès: *as palavras elegem o poeta*. em: MARTINS, Max. Não para consolar: poesia completa. Belém: CEJUP, 1992, p.349-351.

<sup>54</sup> ver: BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>55</sup> abridores de letra = homens que criam, pintam as caligrafias dos barcos.

: poesia em postais...

[*dispenso o tempo como a um servo que me atendia contrariado. ah! embriaguez do retorno!*<sup>56</sup>] \_ é daquele lugar que estou falando. lugar-comum [:] para os que o tem como rotina da cidade. trabalho compras turismo. ao mesmo tempo é aos da ciência um Lugar Como Um. a mim, falar dos lugares dos outros quando você também os têm... [múltipla unicidade poética nestes escritos] –

57 a sina do retorno ao seu para cair no do outro. e vasculhá-lo. a força do **não-ser**, ausente nas imagens de cartões-postais do ver-o-peso. [:] transcrevo as entrelinhas de um |devir| sujeito. pois não é da vida das pessoas que estou falando. é da **relação** destes |sujeitos| com a vida. eles: o vir-a-ser várias coisas, de acordo com a ligação **ser-vida-ser** estabelecida em cada momento. \_na fila do banheiro : no café da manhã da feira do açaí : no almoço no mercado de carne : na corrida de taxi : na cerveja fim-de-tarde : sob a tenda esaldante de um culto evangélico.

é no movimento que capto o ser daquele instante. ação é o que me interessa. um segredo sussurrado : um interpelação desafiadora : uma mentira para aumentar as vendas : histórias de outras décadas-ver-o-peso : nos planos comerciais para o futuro : nos crimes de ontem e o céu prometido do amanhã. então, aqui estou postalizando cada |devir| sujeito. **um vir-a-ser postal**. não como um futuro a acontecer, mas como um fluxo que vem a ser conforme o que está, já, acontecendo. **rotação** –

deixo-me contagiar pelo meio. por onde a coisa transita. por onde a vida, as ações acontecem. e o acontecimento de cada pessoa com a vida se dá.

<sup>56</sup> *Homenagem*. em: Ibid., 1988 [1979], p.19-21.

<sup>57</sup> baseado nos conceitos de DEVIR. ver: Ibid., 1995.



ancorado a uma metrópole com 1 milhão e 425 mil habitantes, o ver-o-peso recebe perto de 50 mil pessoas<sup>58</sup> por dia. nem os visitantes nem a fama que acumula representam o ritmo de seus corredores. as necessidades sociais dos que dele vivem são maiores que a visibilidade que vem ganhando. a olho nu, crescimento sem desenvolvimento. aos olhos da palavra, crescimento com **des-envolvimento**. Belém [:] cidade-omissão.

<b>envolver<sup>59</sup> – v.t. cobrir, cingir completamente/ rodear, cercar/ fig. rodear como se alguma coisa cobrisse/ implicar, enredar/ originar, acarretar/ v.pr. intrometer-se, interferir; participar.</b>	<b>desenvolvimento<sup>60</sup> – des – prefixo de negação ou ausência. en – movimento para dentro. latim <u>in</u>. volver – reverter, virar. latim <u>volvere</u>. mento – sufixo que significa <u>ação</u>. desenvolvimento – sem movimento, ou sem movimento para reverter ação.</b>
---	--

o complexo ver-o-peso de hoje ainda é um imposto. maior do que seus números. maior que seus títulos. há nas sarjetas questões de humanidade. [:] há sarjetas. há humanidade. no ver-o-peso, muitos dias e muitas noites. uma parcela da população marginalizada [desafetos da urbe]\_ puta-camelô-ex-presidiário-velhas-pixador-ribeirinho-mendigo-pastor-macumbeira-policial-viciado \_imposições sociais de uma belém que não conhece todos os turnos de lá [x] imposições sociais de um ver-o-peso arquivado dentro dessa Belém [:] cidade-[des]envolvimento.

abriram esta rua, homens que não cogitaram estar abrindo uma rua onde passariam crianças anêmicas, adultos, alimárias arrastando carroças, cães no cio, o fagote que fugiu por uma brecha do cercado [o dono correndo atrás - Diógenes procurando o impossível - ambos desiludidos:



<sup>58</sup> AGÊNCIA PARÁ, 2014. disponível em: <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=97778](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=97778)>.

<sup>59</sup> DICIONÁRIO AURÉLIO. Pesquisa: envolver. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Envolver.html>>.

<sup>60</sup> etimologia da palavra. fonte: SANTOS et al. apud DENIZ, F., 2006. disponível em: <[http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART\\_ElinaldoSantos\\_2012.pdf](http://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/1858/1/ART_ElinaldoSantos_2012.pdf)>



**na ribeira:** do século XIX pra cá,

o ver-o-peso tornou-se um dos principais pontos turísticos do Pará. e cartão-postal de Belém.

passou por grandes reformas estruturais, paisagísticas, de restauração patrimonial e de organização e qualificação dos trabalhadores.

teve data de aniversário inserida no calendário oficial do município - dia 26 de março.

e durante vinte e quatro anos, de 1990 a 2014, a Fundação Cultural do Município de Belém esperou sua incorporação à lista indicativa de Patrimônio Mundial da UNESCO, a partir do Inventário Histórico, Sociocultural, Arquitetônico e Ambiental do Ver-o-Peso, realizado naquele ano.

em 2014, o ver-o-peso foi incluído à lista de bens culturais brasileiros candidatos ao título de Patrimônio Mundial.

quantas horas seremos a  
notícia da cidade  
à beira do incomunicável?

quem poderá colher-nos se a antemanhã é dissolvida a golpes de distância?<sup>62</sup>

<sup>61</sup> Belém e sua região metropolitana são cortadas pelos rios Amazonas, Maguari e Guamá, a capital é ligada a 39 ilhas. ver mais: PROJETO MEGAM UFPA, disponível em: <<http://www.ufpa.br/projetomegam/>>; ANAIS VANPPAS, 2012, disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro3/ed/arquivos/GT17-259-170-20100904020147.pdf>>.

<sup>62</sup> *Canto para um igreja*, em: *Ibid.*, 1988 [1979], p.63-66.

no ver-o-peso refletem diretamente as consequências da modernização de Belém. crescimento urbanístico carregado de contradições. uma cidade-fortaleza: cercada por água: com muros fincados: dando as costas para o rio. enquanto as principais fontes de renda dos trabalhadores da Feira ainda são as mesmas. agricultura familiar, extrativismo da floresta, pesca. e o **rio: percurso e recurso.**<sup>61</sup>

a temporalidade do rio guiada pelos tempos modernos. a década 1960 é a grande divisora de águas. a partir dali, o capital implementa novo [ritmo e] planejamento urbano, afetando o ver-o-peso. a centralidade do Mercado, então, é modificada principalmente pelo advento de novos transportes, como ônibus. rio e pessoas do rio \_tão perto e tão longe da cidade. muitos só vem até aqui para comercializar seus produtos no ver-o-peso. \_outros modos de vida. de ver. outros tempos. tantas cidades. águas atravessadas em diferenças. distâncias e aproximações — Belém [:] cidade-paradoxo.



no século XIX, o apogeu econômico do Ciclo da Borracha. e o aterramento do igarapé do Piri e da margem da baía do Guajará. foz destruída para dar lugar à Doca do Ver-o-Peso. trapiches derrubados. fim da praia da Campina. e o Mercado do Ver-o-Peso [ou Mercado de Ferro ou Mercado de Peixe] é instalado. Belém [:] cidade-BelleÉpoque.

no século XX, o declínio do Ciclo da Borracha. logo no primeiro ano, são inaugurados o Mercado de Peixe e o Mercado de Carne. que hoje compõem um complexo arquitetônico com construções históricas que tomam uma área aproximada de 25 mil metros quadrados. além dos dois mercados, duas feiras – a Livre e a do Açaí, duas praças – a do Relógio e a do Pescador, a doca de embarcações, a ladeira do Castelo, o casario e o Boulevard Castilhos França. Belém [:] cidade-modernidade. ver-o-peso-complexo.

A CANOA TRAZ O HOMEM  
A CANOA TRAZ O PEIXE  
A CANOA TEM UM NOME  
NO MERCADO DEIXA O PEIXE  
NO MERCADO ENCONTRA A FOME

A BALANCA PESA O PEIXE  
A BALANCA PESA O HOMEM  
A BALANCA PESA A FOME  
A BALANCA VENDE O HOMEM

VENDE O PEIXE  
VENDE A FOME  
VENDE E COME

A FOME VEM DE LONGE  
NAS CANOAS VER O PESO

COME O PEIXE  
O PEIXE COME - O HOMEM?

VER O PEIXE  
VER O HOMEM  
VERA MORTE  
VERO PESO.

ver-o-peso

porto em que aponta UMA cidade

barca barroca

COM mastros de cimento armado

OLHA OS URUBUS  
ENCOLHIDOS OU ESPANANDO  
AS ASAS NOS TOPOS DOS PAUS  
MAIS ALTOS.

OLHA AS ARVORES  
ALEGRES  
DEPOIS DO VERÃO PESADO.

A ENXURADA VEM A SUJEIRA  
A CUMULADA  
NAS VALAS.



assim nasce. em meio à sua primeira grande revolta popular. em meio ao seu primeiro grande massacre. em meio a desertificação de culturas \_ecossistêmicas e humanas. novas rotas de exploração<sup>63</sup>. coletas extrativistas. navegação fluvial. e escravização. nasce Santa Maria do Grão-Pará | Santa Maria de Belém do Grão-Pará | Belém do Pará. povoado | vila | cidade. Belém [:] cidade-herança.

as **semanas** eliminaram a mata  
da **paisagem**. no **descampado**,  
as **mãos** calejadas **esfregam**  
dos **olhos**, o ar **duro** do **sol**.<sup>64</sup>

**a partir  
de 1688,  
também  
chamado  
Casa de  
Haver o  
Peso.**

era 1625 quando o **Porto do Piri** foi inaugurado. um ponto de passagem das embarcações e distribuição de produtos. posteriormente, local para haver o peso dos artigos que ali chegavam. pesagem e aplicação de tributos sobre mercadorias. ponto de referência das capitanias portuguesas. Grão-Pará, a **colônia** que já nasceu fora do Brasil<sup>65</sup>. Belém [:] cidade-imposta. ver-o-peso-imposto.

**à época do  
Regime Absolutista**

imposição refletida em como os sistemas políticos vigentes transformaram o ver-o-peso ao longo do tempo. pela dimensão que o Porto tomou, o século XVII ainda viu a construção de uma ponte para ligar as duas margens do igarapé do Piri e a fundação da Casa da Alfândega da Amazônia. o século XVIII trouxe gente, de todos os cantos. vindos dos sertões amazônicos, da África, de Portugal [...]. e propagou a língua geral missionária \_NHEENGATU ecoava pelos cantos. Belém [:] cidade-crescimento.

<sup>63</sup> Aos poucos, através de expedições militares, novas regiões foram sendo anexadas. integram hoje parte do território do estado do Pará e do Amapá: os vales dos rios Guamá, Acará e Mojú; o baixo Tocantins; a costa dos Caetés [hoje, costa do Salgado]; a região da *estrada do Maranhão* [hoje, região Bragantina]; a Ilha Grande de Joannes [atual Marajó]; a península de Gurupá; o baixo Amazonas; os vales do Xingu e Tapajós; o alto Amazonas; o vale do Rio Negro; e o Cabo Norte [atual Amapá]. - texto extraído de: GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 2014, disponível em: <<http://www.pa.gov.br/>>.

<sup>64</sup> *Roçado*. em: *Ibid.*, 1988 [1979], p.56-57.

<sup>65</sup> desde 1626 eram duas as colônias de Portugal na América: o Brasil, que incluía o Nordeste e toda a parte meridional da colônia; e o Grão-Pará e Maranhão, que incluía toda a Amazônia, o Maranhão e, junto com este, o Piauí e parte do Ceará. - texto extraído de: GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, loc. cit.



: ver-o-peso [:]<sup>66</sup>

aqui nasce Belém. no norte do Brasil. região de mata densa, rasgada por caminhos d'água \_\_açudes, igarapés e rios. de difícil localização e grande biodiversidade. **morada de tupinambás.**

era 1616 quando a invasão portuguesa aconteceu. já se sabia mar afora do valor das especiarias e da tamanha terra de riquezas. era preciso militarizar o território, conquistar o vale amazônico e as drogas do sertão. era preciso massacrar e escravizar populações tradicionais e enfrentar outras feitorias europeias. Belém [:] cidade-forte.

**conhecido como Cabelo de Velha**

Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo do Presépio de Belém. cercado por uma Feliz Lusitânia. nome emblemático dado ao povoado ao redor. militarização imposta, institucionalizada como proteção, progresso e felicidade. Belém [:] cidade-de-quem?

**nome dado a Belém no início de sua história, onde começaria a formação do primeiro núcleo urbano da Amazônia, que cresceu em torno do Forte do Presépio, do Colégio e da Igreja dos Jesuítas.**

em 1619, a resistência indígena levou um milhão de guerreiros tupinambás em direção ao Forte do Presépio. na tentativa de invasão, um recado dos portugueses: o assassinato do líder, Cacique Guaimiaba. as tribos não recuaram, e foram dizimadas. os sobreviventes fugiram mata adentro, deixando à praia a memória de uma nação. e a certeza incrível da morte de uma cultura. Belém [:] cidade-extinção.

*por que desejar algo que voa?  
daí, nossas correrias,  
tropeços, cansaço,  
a disputa do pão e do chão  
enquanto alto e brando flutua  
o sonho.<sup>67</sup>*

<sup>66</sup> as informações históricas contidas nesta seção foram extraídas de: Arquivo Público do Estado do Pará; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=18416&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>]; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [<http://www.cidades.ibge.gov.br/>]; VER-O-SITE [<http://www.ufpa.br/cma/verosite/historico.html>]; Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil [<http://www.caubr.gov.br/?p=22405>]; Governo do Estado do Pará [<http://www.pa.gov.br/>]; Belém do Pará Turismo [<http://www.belemdopara.tur.br/historia.html>]; e do Programa Varadouro, da TV Cultura do Pará.

<sup>67</sup> Rua. em: Ibid., 1988 [1979], p.49-51.

<sup>68</sup> PAES LOUREIRO, J. J. Obras reunidas: Poesia. São Paulo: Escrituras, vol. 1, 2000.

ver-o-peso, e toda a cidade ali. nascente e afluyente de belém.  
que dita o fluxo [a]estético dos **Postais Poético-Narrativos**  
escritos depois de alguma história ouvida por lá. vozes transcritas no papel,  
seguidos por crônicas que interpretam cada encontro.

MICROTEXTOS interligando ciências da vida.

neste caderno, a porta de entrada é esta **Viragem** – entremeio filosofia-  
poesia que amarra os sentidos. os postais moram no **Capítulo Zero**,  
labirinto que marca ponto de chegada + partida da pesquisa. e em uma parede  
imaginária com placas de saída, os **Resmungos** – desconclusões  
que escancaram um segredo calado nas palavras  
que tenho reunido sobre a significação de um tal submundo.

ENTÃO, JÁ TEMOS:

1. ALGUNS ESCRITOS PARA MONTAR ESTE CADERNO;

2. EM DESORDEM: - A PALAVRA,

- UMAS **PESSOAS SEM PENSA**<sup>69</sup>,

- A FORMACONTEÚDO,

- O SOMSENTIDO PARA DEGUSTAÇÃO,

- BARCOS,

- CARROS,

- ANIMAIS,

- MULHERES,

- HOMENS E

- CRIANÇAS.



nós



MUNDOS EM QUE:



SE MULHERIZAM,  
HOMINIZAM,



CRIANÇIZAM...

QUASE TUDO O QUE É PRECISO PARA SE PROVAR UM SUBMUNDO —

*e este poema-forja*

*calor ambiente que percorre o corpo*

*suor incansável, [...]*

*de tanto cuidar riquezas de mim ficaram.*<sup>70</sup>

<sup>69</sup> BARRÓS, Manoel de. Livro sobre nada. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

<sup>70</sup> Guerreiro de Guerra Branda. LDONE, José. Chão d'água. 3. ed. Belém: Cejup, 1988 [1979], p.40-41.



Corpografia , errar e incorporar. sentir entrar novo estado de corpo. **acumular**  
Rizomática **errância.** e histórias. e pessoas. e momentos. eu resisto em ANDAR pela  
Poética cidade. sentir na mão, nos ombros, no pé do coração todo silêncio da rua  
lotada de gentes \_\_as poucas velas que restam, as grandes avenidas rasgadas para nos  
urbanizar\_\_ andar pela cidade marginalizada por padrões de higienização social.  
corpografar<sup>71</sup> aqueles da rua. da tarde noturna dos dias. **microrresistência atada em nós.**  
andar-agir. pensar-experimentar. ver-o-peso-rizoma<sup>72</sup>. soturnidades urbanas –

\_Poética assumir o desequilíbrio, o destalento, e a grande chance do fracasso. deitar  
\_\_\_\_\_do e rolar. medo tamanho como quando nos interiores da Feira. ver o peso de  
**Devaneio** um **devaneio.** entulhar linguagem.<sup>73</sup> praticar teorias sem explicá-las \_\_álibi  
de toda poesia\_\_ sentimento de porvir contínuo. num prazer em arriscar. e riscar o que  
está **sub\_escrito.** AQUILO que não revelado num cartão-postal. geralmente AQUELES.

submundo

neste pensar atravessado cometo **postais poético-narrativos.** tenho-me  
ao dispor das falas de quem encontro em qualquer canto do ver-o-peso. dedico a folha  
de papel a essas narrativas. **Palavrimagem** subjetiva. criada por quem ler aquelas vozes.  
canhão da máquina-linguagem gatilho palavra-soldado-de-guerra. disparo –  
**decidir entre  
palavrimagem  
ou palavrimagem**

[:]

A POESIA É JUSTAMENTE O ESPAÇO DE LINGUAGEM ONDE A FORMA SIGNIFICA; ONDE  
SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO SE AMALGAMAM UM AO OUTRO, INDISSOCIÁVEIS. ONDE  
A LINGUAGEM SE DESFAZ DE SUA ARBITRARIEDADE NA NOMEAÇÃO DO MUNDO, PARA SE  
CONJUGAR ÀS COISAS NUMA RELAÇÃO MOTIVADA. [...] QUALQUER ENTENDIMENTO  
POÉTICO DO MUNDO PASSA PELA LINGUAGEM; QUALQUER ENTENDIMENTO DO MUNDO  
PASSA PELA LINGUAGEM. NÃO EXISTE PENSAMENTO SEM ELA. PORTANTO O CORPO A  
CORPO COM ESSA MATÉRIA É INERENTE À PRODUÇÃO POÉTICA

74

<sup>71</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

<sup>72</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, (Coleção TRANS), 1995.

<sup>73</sup> ...estamos entulhados pela linguagem, como crianças a quem nada fosse jamais recusado, censurado, ou pior ainda: "permitido". (BARTHES, 2010, p.14).

espero reaver-me  
em mim mesmo.

vêrpeso: meu vir-a-ser científico. desafio que borra as margens desta escritura. afetividade que transborda alguns modos de fazer e exige atuar com **independência estética**<sup>75</sup>. caminho longo escrito à mão. inacabada mancha gráfica<sup>76</sup>. desforma meu conteúdo. amplia minha solidão. [,] para manter o compromisso: desutilidade poética atravessada pela Arte-Comunicação-Filosofia.

### **destes escritos**

vêrpeso: núcleo poético gerador ~~deste trabalho~~. fragmento caótico de uma Belém-Metrópole |sem| desenvolvimento. arbitrário. soturnos modos de viver. subversão-magnetismo que me arrebatava, e decreta: dilatar sentidos para ver outros níveis de significação **na Vida na Cidade no Ver-o-Peso na Pesquisa** [!] exercitar a submersão na língua. mergulho em linguagens de corpos. mergulho-linguagem. linguagens-devaneio. corpos-contágio.

**Auto**metodologia , e a dúvida. construir enquanto se anda. sem tempo para  
**Poética** metodologia inventar nomes. criando mesmo no ENTRE da voz. no  
**Meta**metodologia tempo espaço da escrita. no VÃO da norma. no transtempo  
que apreendi naqueles outros mundos. *o passado, o presente e o futuro no momento exato desta narração.*<sup>77</sup> processo criativo em criação. **poesia: percurso: recurso.**

Poética nutrindo uma liberdade de enfrentamento. perseguindo  
**Autoetnográfica** calçadas, esquinas, praças, marquises. ir e vir o mesmo trajeto.  
**Autoetnografia** tantas vezes. rever | transver uma cidade. a sua. algumas  
Poética sarjetas já conhecidas. boemias. banzeiro – remanso – banzeiro.  
, e trazer tudo isso para este caderno. na diminuta palavra \_a minúscula. num modo de escrever com disparos de incômodo. numas colagens. na conta do bar. no falar caboclo. camadas rasgos rasuras. meus afetos urbanos. espelho-reflexo do **sentirpensarescrever.**

<sup>74</sup> Ibid., 2000, p. 70-71.

<sup>75</sup> ANTUNES, Arnaldo. Poesia concreta. In: 40 Escritos. São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 69.

<sup>76</sup> LEMINSKI, Paulo. [Seleção Fred Góes e Álvaro Marins] Melhores poemas. 2. ed. São Paulo: Global, 1996.

<sup>77</sup> MONTEIRO, Benedicto. Transtempo. Belém: Cejup, 1993, p.22.



lição  
de  
an  
at  
om  
ia:

não

existo<sup>81</sup>

a experiência estética da linguagem na [e da] rua. foi o que tenho vivido nos últimos dois anos. descolar dos livros seus métodos e suas metodologias. e somar à vivência urbana das vozes veladas do **ver-o-peso** [: uma das sete maravilhas do Brasil]<sup>78</sup>. descobrir o interior de um cartão-postal. extrair o que me interessa. \_\_as pessoas. invisibilidade citadina cotidiana. entregar-me aos encontros. debruçar-me sobre imagens. \_\_camadas de texto\_\_ o verbal | o não verbal \_\_colagens de experiências\_\_ escrita + poesia visual + arte do verso + música. \_\_escritura. **uma ode ao acaso** –

– eu, [:] ser cotidiano. eu sei.

caem-me as mãos,  
e consigo sentir-me.

a fala de todo dia cortejada pelo fazer científico. academicismo ignorado. e as pazes com a ciência feita em qualquer lugar. inclusive NA feira. POR MEIO DE. ATRAVÉS.

[o nariz,  
as orelhas,  
, já os perdi].<sup>81</sup>

### **as próprias pessoas**

numa tentativa de deixar que o ~~próprio objeto~~ fale[m] de si. busco quem não conheço, por onde não sei. **nos escondidos urbanos, as pessoas e o lugares de ninguém**. dentro do labirinto das tantas feiras ver-o-peso mantenho minha |relação| oportunista com a cidade<sup>79</sup> de Belém-PA. aproveito-me dela enquanto ela de mim abusa.

em minha branca inconsistência estou<sup>80</sup>.  
ausente e não estou em lugar nenhum

?!?!  
↓

uma pesquisa para escapar ao território. inclusive ao meu. e desbravar mundos outros. odores suores sintomas. amplidão vibrações umidades outras. ofuscar a retina. apurar a cegueira. esbarrar com o não verbal \_\_**narrativas de corpo**\_\_ conversamentos que me levam à **palavra-refém**, adormecida em cada **desejo** interrompido das pessoas de lá. do[s] **submundo**[ s ]. devires oprimidos. devires escarrados.

[...] e, recomeçado, serei

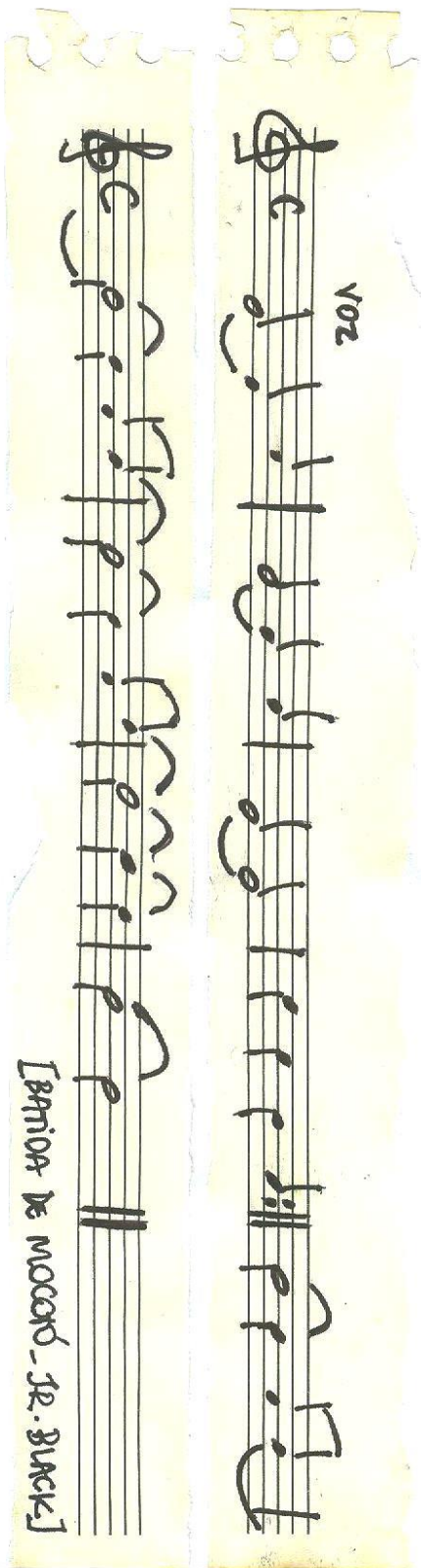
# **inacabado e breve<sup>81</sup>**

<sup>78</sup> eleito em 2008, por voto popular online. ver: AGÊNCIA PARÁ, 2014. disponível em: <[http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id\\_ver=97778](http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=97778)>.

<sup>79</sup> inspirado em comentário de Sandra Perlin, feito em 21 de agosto de 2013, durante a disciplina Arte no Espaço Urbano, do Mestrado em Artes, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes [ICA-UFPA].

<sup>80</sup> *Arquitetura dos ossos*. CARVALHO, Age de. Seleta. Belém: Paka-Tatu, 2003, p.14-19.





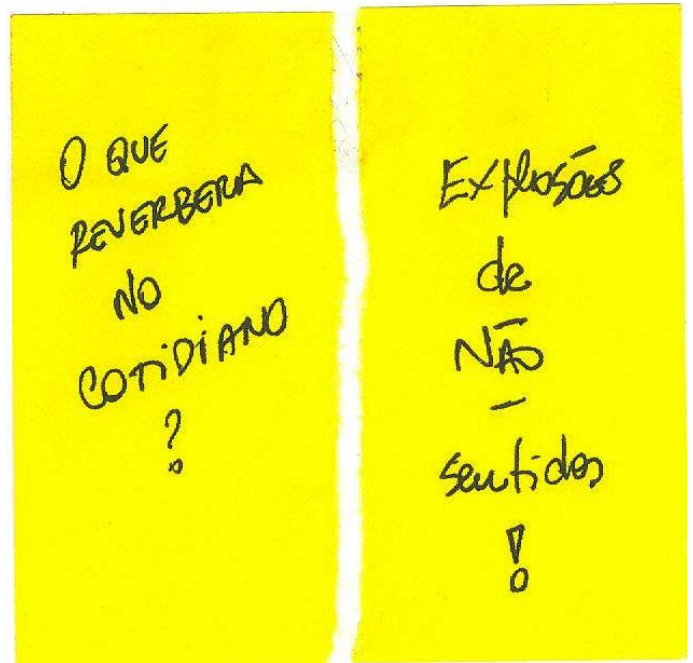
[Bateria de Moçambique - Sr. Buck]

## viragem

a poesia é um dos destinos da palavra.  
[...] todos os sentidos despertam e se  
harmonizam no devaneio poético.

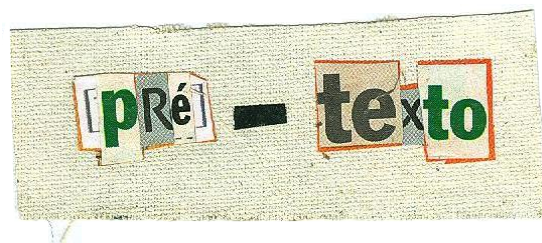


**Gaston Bachelard,**  
**sonhador de palavras**



O QUE  
REVERBERA  
NO  
COTIDIANO  
?

Explosões  
de  
NÃO  
-  
sentidos  
!



MAX  
MARTINS num bar abaixo do Equador às cinco da manhã escrevo

MAX  
MARTINS meu último poema

alguns conheço bem, outros nem mesmo

pouco. e percebo todos como

amantes. da vida, do desejo

latente de mais uma cerveja gelada

à mesa.

tentando dar a volta por cima vejo-me

embriagada num submundo.

mundo-dono-dos-meus-olhos

há tempos

e eu sem perceber a sub[m][v]ersão

até me encontrar no espelho daquelas águas que

sempre voltam.

detrás de tudo, o meu reflexo na prostituta

MAX  
MARTINS : por trás do rosto, dos ombros, dos olhos, dos seios

MAX  
MARTINS [receios]

MAX  
MARTINS esconde-se a diminuta palavra que é minha

MAX  
MARTINS - jamais de ninguém.

estou dando a volta por dentro

**estou dando a volta por dentro**

estou dando a volta por dentro



# SUMÁRIO

**\_viragem** ..... 10

: ver-o-peso[:]  
: poesia em postais...  
... do[s] submundo[s]

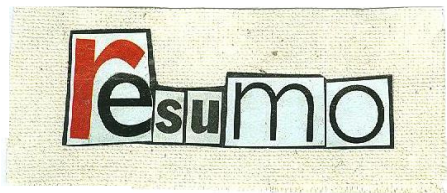
capítulo zero | **ver-o-peso** ..... 26

Cb Rayssa e Cb Ruiz | na vertigem do dia  
Pivete | cantiga para ninar insones  
Pastor | avante  
Seu Fulano | a cidade não mora mais em mim  
Poliana | conformópolis  
Poliana | [re]conformópolis  
Poliana e Marília | [des]conformópolis  
Maria | não existe amor em Gotham City  
Amizade | esporte fino confortável  
Eliete | chuva no piquenique  
Lady Preta | red roses for a **black** lady curam  
Peri | oceanalinguagemultidão pro  
Antônia | entre cios, cicios e cerceios nos  
Luiz | somos chamados pelas palavras, cores, desenhos, imagens e sons que

...resmungos **de rio = escritos sobre o ver-o-peso:** ..... 10

: ver-o-peso[:]  
: poesia em postais...  
... do[s] submundo[s]

bloco de notas ..... **Out**



, esta pesquisa valoriza o acaso e os encontros cotidianos. a partir de uma experiência corpo[+]gráfica pelos labirintos do Complexo do Ver-o-Peso - maior feira livre da América Latina, localizada em Belém-PA e considerada cartão postal - encontro as pessoas e os lugares que não estão nos cartões postais da cidade, mas que constroem diariamente as narrativas sub\_escritas da história [!] artisticamente, o trabalho localiza-se no tempo da poesia e constitui uma coleção de crônicas feitas a partir das experiências estéticas vivenciadas no Ver-o-Peso. [além de uma escrita intuitiva, inspirada por obras de poetas brasileiros, locais e nacionais]. cientificamente, atravessa os campos da Arte, Filosofia e Comunicação e compila metodologias, sendo ao mesmo tempo uma poética autoetnográfica e uma corpografia rizomática poética.[:] juntas, arteciência, fazem deste caderno de afetos uma reunião de escritos e colagens do mundo sub\_escrito do ver-o-peso, do resultado dos encontros com as pessoas de lá: do submundo. o que dizem e não dizem estampam postais poético-narrativos.

**palavras e chaves:** ver-o-peso;  
poesia;  
postal;  
submundo;  
palavraimagem/palavrimagem



, this research value the hazard and daily meetings. motivated by an biographical experience through the labyrinths of Ver-o-peso - the biggest free market of Latin America, located in city of Belém and regarded as a great landmarks - there I' ve been met persons who aren' t live in landmarks, but makes daily the narratives behind of history [!] artistically, this paper is situated as a work of poetry and form a collection of articles about the esthetics experiences lived in Ver-o-Peso. [this also a intuitive work inspiraded by brasilians poet]. scientifically, it cross the fields of Arts, Philoshophy and Communication Research and use ethnographic methodogies and the rhizome, the philosophical concept. [:] together, Art and Science, makes this notebook an reunion of words written under the officials narratives about Ver-o-peso. what they say and not say print poetic narrative cards.

**words & keys:** ver-o-peso;  
poetry,  
postal;  
underworld;  
word-image/wordimage

Passei anos penteando e desarrumando as frases.

Desarrumei o melhor que pude.

O resultado ficou

esse [:]

\_desconfio

que,

**S**e weisen lässt sich in diesen Bereich nichts,  
aber **w**eisen manches.

[neste domínio, onde **n**ada se pode **m**ostrar,  
muito pode **s**er mostrado.]

MARTINHEIDEGGER

neste caderno,

o canoeiro **VOOU** [...]

[Manoel de Barros]

# Agradecimentos

agradeço a todos os meus orientadores:

Cilene Nabiça . Raynéia Machado\_  
\_ Nanani Steinbrenner . Wlad Lima . Luís Heleno Montoril\_  
\_ Miguel Santa Brígida . Luizan Pinheiro\_  
\_ Marlise [Duga] Borges . Marcia Quintanilha . Elaine Nunes\_  
\_ Yuri Moura . Pedro Paulo Freitas . Daniela e Silma Sena . Rebeka Monita\_  
\_ Sandra Perlin . Bárbara Damas . Vanessa Simões . An[íssim]a Cláudia Costa\_  
\_ Aderbal Maia . Paulo Santana . Joelson Muzenza . Juan Guimarães\_  
\_ Bruno Costa . Ercy Souza . Fábio Limah . Francisco Weyl\_  
\_ Mario Baratta . Gabriel Gaya . Abílio Dantas\_  
\_ Wellington Romário . Lucas Gouvêa\_  
\_ Elias e Rafael [Bar do Parque]. Germano [Bar do Horto]. Kaká [8bar]\_  
\_ Sara Santos . José Oliveira . Vó, vó, Papa e tios\_  
\_ Gabo, Mia, Mao e Ben\_

e agradeço a todos os meus confidentes do ver-o-peso  
que eternizaram nossos encontros  
numa memória que deságua  
fora de mim.

...a Lucília, Fátima e Francisco; Marcia Costa;

Aos  
Inventores do verbo,  
de pensamentos nômades,  
Estrangeiros de mundos,  
e turistas de si.

...e ao querido Gabriel García Márquez\_en\_memoria...

Cilene Nabiça: cúmplice de vida: companheira desviante.



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos trinta (30) dias do mês de Junho do ano de dois mil e quatorze (2014), as dezoito (18) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a presidência do orientador professor doutor Luizan Pinheiro da Costa ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V “da Aprovação ou Reprovação da Dissertação”, presenciar a defesa oral de Dissertação de **Raphaella Marques de Oliveira**, intitulada: **Ver-o-Peso [:] \_poesia em postais do[s] submundos[s]**, perante a Banca Examinadora, constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Luizan Pinheiro da Costa, Miguel de Santa Brígida Junior (co-orientador), Luis Heleno Montoril Del Castilo (FALE/UFPA) e Rosane Maria Albino Steinbrenner (FACOM/UFPA). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa passou a palavra à mestranda, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente, com distinção, dada a recomendação de publicação integral da referida Dissertação. Esta aprovação do trabalho final pelos membros examinadores será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Luizan Pinheiro da Costa, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão, a presente ata foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pela mestranda. Belém-Pa, 30 de Junho de 2014.

Prof. Dr. **Luizan Pinheiro da Costa**

Prof. Dr. **Miguel de Santa Brígida Junior**

Prof. Dr. **Luis Heleno Montoril Del Castilo**

Profª. Dra. **Rosane Maria Albino Steinbrenner**

**Raphaella Marques de Oliveira**

The image shows four handwritten signatures in black ink, each written over a horizontal line. From top to bottom, the signatures correspond to: Luizan Pinheiro da Costa, Miguel de Santa Brígida Junior, Luis Heleno Montoril Del Castilo, and Rosane Maria Albino Steinbrenner. Below these, there is a larger, more elaborate signature that appears to be the student's, Raphaella Marques de Oliveira.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CPI),  
Biblioteca do PPGARTES /ICA, Belém – PA.

---

Oliveira, Raphaella Marques de, 1987.

ver-o-peso \_poesia em postais do[s] submundo[s] / Raphaella Marques de Oliveira, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Luizan Pinheiro; Coorientador Prof.Dr. Miguel de Santa Brígida.

130 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2014.

1. Poesia - Pará 2.Poesia – Ver-o-Peso 3. Palavra- imagem 4. Postal -. Ver-o-Peso II.Título

CDD. 23. Ed.808.19115

---

na versão impressa, a ficha catalográfica está no verso da página anterior [folha de rosto].

RAPHAELLA MARQUES DE OLIVEIRA

poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
poesia  
em postais  
do[s] submundo[s]

ver-o-peso:

caderno de escritos e afetos apresentado à banca examinadora do PPGArtes - ICA/UFPA, como um dos requisitos à obtenção do título de Mestra em Artes, com orientação do professor anarco-sonhador Dr. Luizan Pinheiro e coorientação do pássaro-professor Dr. Miguel de Santa Brígida. Área de concentração: Artes.

Belém - PA

2014



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Arte  
Programa de Pós-Graduação em ARTES

RAPHAELLA MARQUES DE OLIVEIRA

poesia  
poesia  
poesia  
esia  
esia

**VER-O-PESO:**

em postais  
do[s] submundo[s]

BELEM - PA

2014